

Limiteiro

Editora
UFPR

Vol. 1/Nº 2/2019
ISSN 2596-2841

Literatura delas
As mulheres de
Londrina

Contos

Os vencedores do
Concurso Literário
Luci Collin

Mundo *Editorial*

O destino
das editoras
universitárias

Entrevista

Mauro Guidi-Signorelli,
o vencedor do II Concurso
Literário Editora UFPR

Fotografia

Objetos voadores
nos céus de Curitiba

“

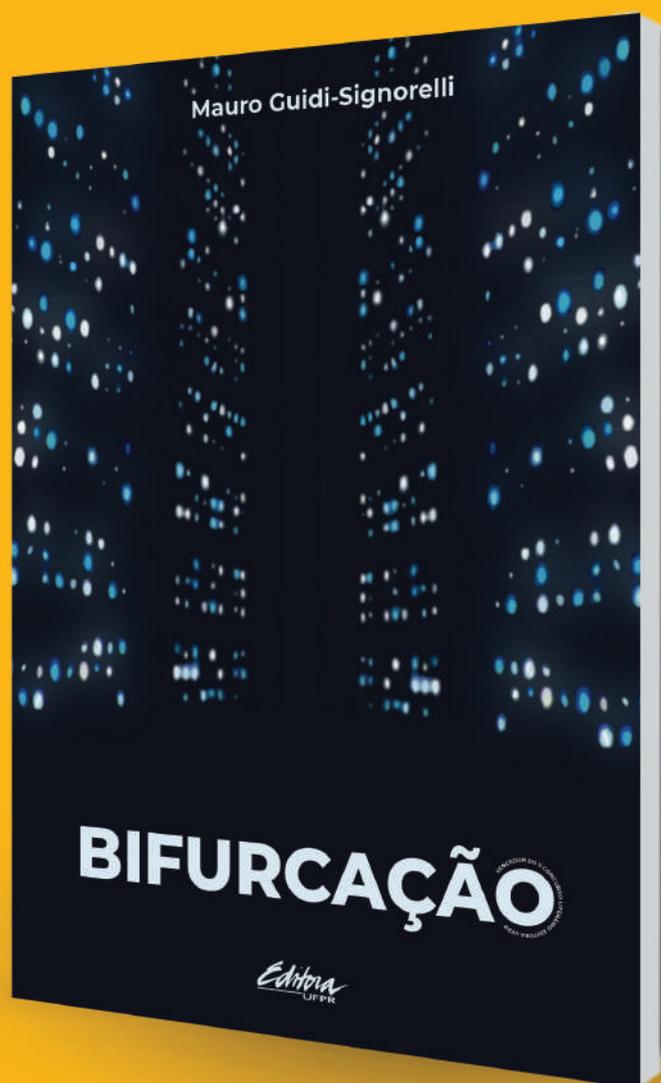
A SURPRESA É A CHAVE DE TODA FORMA DE ARTE.

O LIVRO DE CONTOS VENCEDOR DO
II CONCURSO LITERÁRIO EDITORA UFPR
ESTÁ DISPONÍVEL EM NOSSO SITE.

SURPREENDA-SE.

www.editora.ufpr.br

Editora
UFPR



Sumário



Mauro Guidi-Signorelli

Entrevistamos o vencedor do II Concurso Literário Editora UFPR. O autor falou sobre o seu processo de criação

12

Resenhas

Quatro obras sob os olhares de especialistas

50



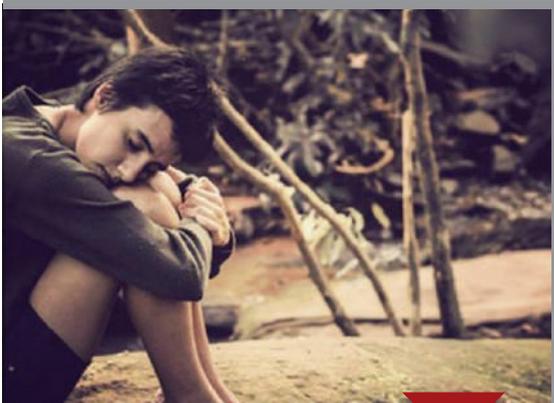
Coletivo Versa

Um grupo de escritoras de Londrina investe em eventos e produções literárias

6

Ensaio fotográfico

Fotógrafo curitibano faz da arquitetura matéria-prima para estranhamentos. A cidade se transforma em objetos voadores



Pâmela Filipini

22

Poesias



26

Um conto

Da premiada Maria Fernanda Elias Maglio

23



O papel da resistência

Em um mundo hiperconectado, onde jornais e revistas impressos estão se tornando cada vez mais raros, que papel ainda cabe a uma revista (física) de Literatura? — por Rodrigo Gonçalves, Francisco Innocêncio e Hertz W. de Camargo, os editores.

ESTA SEGUNDA EDIÇÃO da *Tinteiro* assume, antes de tudo, uma posição de resistência ao meio digital. Não que consideremos o digital menos importante que os meios clássicos de propagação de informações ou que estejamos negando as tendências do mercado editorial, mas ao tratarmos o impresso como uma mídia “física” estamos, de alguma forma, elegendo o digital como seu elemento diametralmente oposto. Por esse prisma, é como se *digital* fosse sinônimo de *metafísico*, *sobrenatural*. A revista impressa, ao contrário, é um corpo real, palpável, manipulável pelos leitores, sensível ao toque, tem cheiro, forma, peso – enquanto o digital, abstrato que é, flutua nas nuvens com suas versões fantasmagóricas daquilo que foi vivo e real um dia.

Nas conexões que tecem a trama do universo digital, é verdade, a literatura também transita, promovendo um *religare*, uma reconexão quase sagrada por meio da poesia. No papel, porém, ela é o testemunho de que tudo o que está nas nuvens ainda possui uma base concreta, um lastro de realidade. A *Tinteiro*, nesse pano-

rama, apela à memória da natureza da escrita, pois se ao papel se atribui por vezes um caráter panfletário (saudosista?), é ainda por meio dele que as palavras atestam seu estatuto de verdades, que as ideias, os conceitos, o conhecimento, deixam marcas indelévels, com selo de procedência, assinadas embaixo.

Foram essas as premissas pelas quais esta edição buscou se nortear. Antes de conectar informação e leitores, ela se empenhou por criar, mais uma vez, uma teia de relações entre pessoas, entrevistados e repórteres, designers e diagramadores, muitos (e novos) amigos unidos para levar informação qualificada à sociedade – em tempos onde a cultura e a educação também resistem às intempéries políticas.

Em um mundo hiperconectado, de pessoas ao mesmo tempo interligadas e distantes e de realidades simultaneamente símile e díspares, o papel que a *Tinteiro* toma para si é o de ser um oásis no paradoxal deserto propagado pelo excesso de informação. Seu principal papel: anunciar diferentes níveis de resistência.

Tinteiro, Vol. 1/Nº 2/2019 – Publicação da Editora UFPR – ISSN: 2596-2841

Editores

Rodrigo Tadeu Gonçalves
Francisco R. S. Innocêncio
Hertz Wendel de Camargo

Conselho Editorial

Daniel Zanella
Diamila Medeiros
Gabriela Ribeiro
José Carlos Fernandes
Luci Collin
Manoela Leão

Entrevistas

Diamila Medeiros
José Carlos Fernandes
Francisco R. S. Innocêncio

Resenhas e Artigos

Eduardo A. A. Almeida
Marcos H. Camargo
Rafael Lorrán
Sergio Maciel
Leandro Gorsdorf

Ilustração

Paula Cristhyne Figuerôa Ferreira

Revisão

Rodrigo Tadeu Gonçalves
Francisco R. S. Innocêncio
Luana Zacharias Karam

Coordenação Gráfica

Rachel Cristina Pavim

Direção de Arte

Hertz Wendel de Camargo

Diagramação

Thainá Kramer
Hertz Wendel de Camargo
Paula Cristhyne Figuerôa Ferreira

Reitor da UFPR

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Bolzón de Muniz

Editora
UFPR

conto

Visita ao planetário

Para meu irmão, André — por **Jonatan Silva**, com ilustração de **Cristhyne Figuerôa**

SANTIAGO E EU esperávamos inquietos que a professora nos entregasse a autorização para a visita ao Planetário na próxima semana. Éramos os últimos a receber o papel, que deveria ser devolvido devidamente assinado pelos nossos pais. A demora nos deixava impacientes, atônitos e com medo de que, por um milagre reverso, as folhas acabassem justamente em nossa vez. Santiago, que era filho de chilenos, não falava corretamente e, por isso, cabia a mim ajudá-lo com questões práticas do dia a dia escolar — pedir permissão para ir ao banheiro, emprestar um apontador, resolver questões das provas. Ainda que fôssemos muitíssimo jovens, eu seis e Santiago sete anos, era quase inevitável que não nos chamassem de bichas, namorados e afins. A mim pouco importava, e Santiago, como era de se esperar, não entendia completamente o que aquilo significava. Estávamos mais interessados em conhecer o Planetário, mesmo sem conseguir desvendar completamente o que a professora havia explicado.

Fomos os primeiros a trazer as autorizações. Santiago devolveu o pedido no dia seguinte e eu dois dias mais tarde. O restante da turma, não sei se por desleixo ou falso desdém, retornou o papel somente na véspera da viagem. Até então, estávamos felizes que, de nossa sala, somente Santiago e eu iríamos à visita — em companhia, obviamente, de alunos de outras turmas. A euforia foi passageira e, relembrando agora, pouco justa. Éramos muito jovens para ler os sinais: ninguém desperdiçaria a chance de fugir da escola.

Minha mãe, que estava temporariamente em casa por estar grávida, estava contente com o passeio e comentava que também já havia visitado um planetário. Como é?, eu perguntava. Com

habilidade e carinho, ela se esquivava e dizia que fazia muito tempo e não conseguia se lembrar direito. Eu pensava sobre o porquê de os adultos terem tanta facilidade em esquecer certas coisas. E me perguntava se eu, um dia, também deixaria de lembrar dessas mesmas coisas.

Mamãe comentava sobre o bebê, sobre as minhas obrigações como irmão mais velho. Eu respondia que um dia iria levá-lo ao Planetário. Eu e o Santiago, que também poderia fazer o mesmo com os seus irmãos. Ela ria com um sorriso leve, como se soubesse que Santiago não seria meu amigo para sempre. Enquanto comentava, imaginava-nos no Planetário. A bem da verdade, aquela era uma imagem abstrata, cheia de névoa e pontos escuros, sombras de quem não conhecia a fantasia que projetava na mente.

A viagem chegara. Eu havia dormido muito pouco e acho que a noite dos meus pais também fora inquieta. Eu ouvia os passos pelo corredor e alguém falando ao telefone, mas não queria demonstrar minha ansiedade. Permaneci de olhos fechados para o caso de alguém entrar no meu quarto — que ganhara um berço dois dias antes. A cama do bebê parecia um objeto estranho, entretanto, não me incomodava

e não produzia grandes efeitos sobre mim além de estranhamento, por achá-lo esquisito e por sentir que não pertencia àquele cômodo.

Escutei o despertador de meu pai tocar e, em seguida, passos em direção ao meu quarto. Em breve, seria hora de visitar o Planetário — e essa ideia fixa tomava conta da minha cabeça. Eu refletia se Santiago também se sentia como eu, e se havia conseguido dormir. A porta se abriu com o ímpeto de urgência.

“Seus pais estão no hospital”, anunciou minha avó com a voz solene e rouca de cigarro, “seu irmão deve estar para nascer.”

Antes que ela terminasse de falar meu corpo tremeu e senti uma leve dor na cabeça.

“Vamos encontrá-los lá daqui a pouco”, disse com pressa e, tentando revelar um consolo, completou: “hoje você está livre da escola”.

“

A viagem chegara. Eu havia dormido muito pouco e acho que a noite dos meus pais também fora inquieta. Eu ouvia os passos pelo corredor e alguém falando ao telefone, mas não queria demonstrar minha ansiedade.



Jonatan Silva nasceu em 1986. É escritor, jornalista e crítico literário. Colabora com

os jornais *Rascunho* e *Cândido*, a revista *Mediação* e o portal cultural *Escotilha*. É autor dos livros *O estado das coisas* (2015) e *Histórias mínimas* (2019).



Em Londrina, Coletivo Versa divulga, estuda e tranforma a literatura de autoria feminina e prepara coletânea para resgatar escritoras da cidade.

— por **Cristiano Castilho**



CARILLOS BOZELLI

As mulheres do

No

É DE CONSENTIMENTO entre os sensatos a noção de que a literatura é uma forma de expressão única em suas etapas criativas: experiência, produção, resultado, efeito. Por isso, talvez seja a arte mais “humana”, num sentido social e filosófico, pois não distingue, num mundo ideal, gênero e classes. Boa ou ruim, parida de um homem ou de uma mulher, ou de alguém que não se adéqua ao binarismo, ela é uma só.

Fato também confirmado entre os atentos às injustiças do mundo, é que a produção literária feminina, historicamente, nunca teve a força natural de divulgação de que goza a masculina. De acordo com levantamento produzido em 2017 pela Universidade de Brasília, mais de 70% dos livros publicados por grandes editoras brasileiras entre 1965 e 2014 foram escritos por homens.

Na tentativa de mudar esse cenário, e na onda do espírito do tempo – cada vez mais feminino –, diversos coletivos de literatura feita por mulheres irrompem Brasil a fora. Em Londrina, um deles só não faz chover. Idealizado primeiramente como um sarau literário, em 2016, o *Coletivo Versa* hoje se tornou uma fonte de pesquisa e divulgação da literatura de autoria feminina, principalmente a produzida nessa cidade do norte do Paraná, que já nos deu escritoras como Célia Musilli e Karen Debértolis.

Algo claro no que se refere à essência da proposta é a valorização da causa em relação

ao conteúdo. “É literatura. Mas a literatura de autoria feminina está ligada aos avanços que o feminismo nos proporcionou”, diz Samantha Abreu, mestranda em Estudos Literários de Autoria Feminina na UEL e uma das criadoras do Versa. Além de Samantha, o coletivo é casa de outras sete mulheres: Beatriz Bajo, Layse Moraes, Vivian Campos, Flavia Verceze, Vivian Karina, Camila Sousa e Letícia Sanches. Letícia trabalha com a questão do feminino no design gráfico; Flavia e Karina são psicólogas e estudam o processo de cura pela literatura em grupos de mulheres que se encontram em situação de risco.



REUNIDAS — o Coletivo Versa.



“Artes de fazer” na reforma escolar: a institucionalização dos Estudos Sociais no governo militar (Curitiba, 1975 - 1985)

lêda Viana

Educação



Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas

Linda Tuhiwai Smith

Trad.: Roberto G. Barbosa

História



Reabilitação nas ataxias. Orientação multiprofissional aos pacientes, cuidadores e profissionais

Marise B. Zonta, Lúcia Helena C. dos Santos e Hélio Afonso G. Teive (Organizadores)
Medicina



rte

“

[...] a literatura de autoria feminina está ligada aos avanços que o feminismo nos proporcionou.

“A ideia não foi somente difundir a literatura de autoria feminina produzida em Londrina, mas encontrar formas de colocá-la em outros contextos, como o cinema, a música e em eventos diversos”, diz Samantha.

O principal meio de contato com o público é a página do coletivo no Facebook. Notícias, reportagens, tudo a respeito da literatura feita por elas. A procura é surpreendentemente grande. “Já temos uma coluna, que se chama ‘Autoras Londrinenses’. Ano passado fizemos uma plaquete com poemas para a editora Gogoya, e outra para o festival de literatura de Londrina, o Londrix”, explica Samantha.

O coletivo cresceu e ganhou espaço. Bimestralmente, acontece na Biblioteca do Sesc Londrina um encontro para se discutir a literatura feminina. Em cada reunião, uma área a ser debatida: os avanços da mulher na assinatura de textos artísticos; a autoria feminina no audiovisual. O último, no dia 22 de abril, recebeu um grupo de palhaças, que falaram sobre o lugar da escrita em suas performances. “Não esperava que fosse assim. Desde o primeiro encontro, há uma média de 25 pessoas na plateia. Isso é muita coisa para um evento literário em Londrina”, diz Samantha, ex-curadora do Londrix e autora dos livros *Fantasia para quando vier a chuva* (2001, Orfeu), *Mulheres sob descontrole* (2015, Tritoarte) e *Pequena mão da criança morta* (2018, Penalux).

A produção literária atual, que o coletivo recebe e divulga, é em sua maioria autoficção, algo condizente com os caminhos da literatura contemporânea, e também representativo de uma certa “libertação” feminina. “Este é o momento, e esta é uma das formas que a mulher encontrou para se expressar, definitivamente”, diz Samantha.

Atualmente, o Coletivo Versa trabalha também em uma coletânea literária que pretende resgatar autoras londrinenses de outros tempos. A pesquisa já está em andamento e a previsão é de que o livro seja publicado ainda este ano.

Viva elas!



Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica
Roberto Esposito. Trad.: Angela Fonseca, João Arrosi, Luiz E. Fritoli e Ricardo Fonseca

Política



Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores
Alessandro F. Rosaneli e Paulo M. M. Barnabé (Organizadores)

Design & Arquitetura



Territórios de tradições e de festas
Maria Geralda de Almeida (Organizadora)

Sociologia

mercado

Editora de Roraima aposta em autores e textos indígenas

Recém-criada, a Wei começa publicando textos das comunidades macuxi e taurepang — por **Alex Xavier***

NA LÍNGUA MACUXI, falada por povos nativos do nordeste de Roraima, “Wei” significa Sol. A partir de agora, porém, esse também é o nome de uma editora que nasceu para iluminar a produção literária do estado amazense, com especial atenção a autores indígenas.

Por trás desse projeto está o poeta e professor Devair Antônio Fiorotti, 47 anos, bacharel em Letras, Português e Respectivas Literaturas, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Teoria da Literatura. Nascido no estado do Espírito Santo, Fiorotti passou a viver no Norte há 12 anos, quando entrou em contato com comunidades indígenas, principalmente macuxi e taurepang. Desde então, ele e seus alunos registram narrativas orais das tribos em um projeto chamado Panton Pia’ (pantonpia.com.br). O material coletado por eles soma cerca de duas mil páginas, entre cantos (eremukon), narrativas (pantonkon) e palavras mágicas de cura (tarenkon). A Wei surgiu da necessidade de divulgar essa extensa produção. “Sempre tive dificuldade para publicar as obras e, principalmente, para editá-las como eu queria”, explica o professor.

Depois de ter lançado um livro digital resultante do projeto, a editora parte agora para dois livros impressos. *Cantos e encantos – meriná eremu*, de Bernaldina José Pedro (e tradução final do próprio Fiorotti), traz parixaras, tukuis, arereruias, shimiidins e outros tipos de cantos macuxis, além de ilustrações do artista Jaider Esbell. Já *A história do timbó*, foi narrada por Clementes Flores, que já faleceu, e traduzida e ilustrada pelo filho dele, Mário Flores (também conhecido como Mário Taurepang). “Um dos objetivos da editora é produzir trabalhos diferenciados esteticamente, tanto pelo cuidado gráfico, como pela relação intrínseca estabelecida com a comunidade”, orgulha-se o editor.

A Wei também vai trabalhar para suprir uma grande carência de títulos em Roraima, promovendo a preservação da memória por meio de reedições. “Penso, como editor, pri-



DIVULGAÇÃO

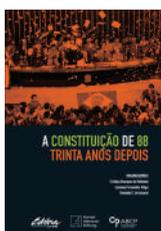
meio, em ajudar a produzir livros lindos que me tragam prazer”, diz Devair. “Serão 10 a 15 por ano, nesse primeiro momento. Já seria um passo importante para o estado, que não possui nenhuma editora com esse perfil”. Nesse período inicial, o poeta contou com o apoio logístico do editor Eduardo Lacerda, da Patuá, em São Paulo, que já havia publicado livros dele, e que se tornou seu amigo e mostrou-lhe o caminho das pedras do mercado editorial independente.

“Os indígenas já têm voz, muitas vozes. O que nossa sociedade precisa é parar para ouvir essas mais de duzentas etnias, as mais de 170 línguas ainda faladas”, defende Devair. Para ele, a editora pode servir de alto-falante, para que essas vozes se ampliem e cheguem a outros lugares, algo muito importante, enquanto o governo ainda fala em “civilizar” os nativos. “A criação da Wei é uma forma de resistência, uma apropriação indígena dos mecanismos de

poder não indígena – representado pelo livro – na tentativa de dizer que a arte indígena existe, que ela não é algo do passado, mas sim uma manifestação contemporânea, da atualidade, de pessoas que quase foram dizimadas, mas que nunca deixaram de lutar. Só provenientes do projeto Panton Pia’, há, pelo menos, mais cinco livros em processo de edição. Outros dois projetos estão em estudo.

* **Alex Xavier** é um jornalista refugiado na ficção. Além de assinar o livro de contos *O teatro da rotina* (Patuá, 2018), ele participou das coletâneas *Não pretendia criar discórdia* (Giostri, 2017), *Eros ex machina* (@link, 2018) e *Era de Aquária* (Oito e Meio, 2019).

catálogo



A Constituição de 88 trinta anos depois
Cristina Buarque de Hollanda,
Luciana Fernandes Veiga
e Oswaldo E. do Amaral
(Organizadores)

Política



**Élites en las Américas:
Diferentes perspectivas**
Adriano Codato e
Fran Espinoza
(Organizadores)

Política



**EscreverEntreMundos:
literaturas sem morada fixa**
Ottmar Ette.
Trad.: Rosani Umbach,
Dionei Mathias e Teruco
Arimoto Spengler

Literatura



entrevista

Lucélia Clarindo: um bando de leitores

*Cresceu ouvindo as histórias que sua mãe lhe contava antes de dormir. — por **Francisco R. S. Innocêncio***

TODAS AS SEXTAS-FEIRAS, uma certa residência localizada no bairro de Oficinas, em Ponta Grossa, se enche de visitantes. Há doze anos, crianças invadem toda semana o quintal da casa da professora e pedagoga Lucélia Clarindo com um propósito notável: ler. Lucélia é idealizadora, coordenadora e anfitriã de um dos mais belos programas de incentivo à leitura do Paraná, o Bando da Leitura. Desde que essa iniciativa formidável começou, em 2007, ela faz de sua morada um refúgio seguro e acolhedor para todos aqueles que semeiam a felicidade que é o contato com a literatura e a arte.

Lucélia nasceu e se criou no Parque Estadual de Vila Velha, numa época em que o transporte para a cidade era difícil e o fornecimento de energia elétrica na área rural, limitado. Cresceu ouvindo as histórias que sua mãe lhe contava antes de dormir. Já nos primeiros anos de escola, o talento da futura professora começou a aflorar: como já sabia ler e escrever, habilidades que também aprendeu com sua mãe, Lucélia ajudava os colegas de classe, na maioria mais velhos do que ela, a se alfabetizar. Aos 19 anos, concluído

o curso de Magistério, assumiu suas primeiras turmas na mesma instituição de ensino que frequentara na infância, a Escola Isolada Parque Estadual de Vila Velha. Mais tarde, passou a lecionar numa escola do bairro Santa Paula, em Ponta Grossa. Com o nascimento de seu primeiro filho, Lucélia afastou-se temporariamente do ensino. Quando tentou reassumir seu posto, porém, não encontrou classes disponíveis, mas em compensação tornou-se coordenadora de um projeto de leitura que então começava a ser implantado em sua escola. A função que lhe coube desde então, ela conta, era incentivar os alunos a ler e a contar histórias. Logo seu trabalho tornou-se referência na cidade e, em 1996, Lucélia passou a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, responsabilizando-se pela implantação de outras salas de leitura na rede municipal de ensino.

Em 2007, após quase 30 anos de magistério, Lucélia se aposentou. Foi justamente nessa época que o grupo de leitura começou a se encontrar em sua residência, de maneira notável pela espontaneidade com que tudo aconteceu.

Lucélia conta que, recém-aposentada, foi procurada por algumas ex-alunas, que disseram sentir muita falta das atividades de leitura que ela conduzia. Por iniciativa das meninas, que tinham cerca de 9 anos de idade na época, um pequeno grupo começou a se reunir na casa da antiga professora. Não demorou para que a notícia se espalhasse e a pequena comunidade de leitores aumentasse, atraindo inclusive crianças e adolescentes de outros bairros. Estava formado o Bando da Leitura.

No ano seguinte, 2008, a iniciativa recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pelo então Ministério da Cultura. As doações e apoios recebidos na esteira do prêmio possibilitaram aumentar o acervo e melhorar as instalações do ponto de leitura, que passou a contar com estantes, mesas, computador, e outras coisas de que uma biblioteca não pode prescindir em nossos dias. Hoje, com 12 anos de atuação em prol da formação de novos leitores, o Bando da Leitura continua reunindo semanalmente, sempre às sextas-feiras, seus bandoleirinhos, e assim ajudando a manter viva a chama da literatura.



Pra iniciar nossa conversa, vou te fazer uma pergunta bem direta: o que é o Bando da Leitura? **LUCÉLIA** — A realização de um sonho que não ousamos sonhar.

“

Teve uma mãe que me perguntou se eu estava cumprindo alguma promessa; teve criança que trazia uma maçã ou uma banana para o lanche e era tudo picado para que todos comessem, pois bando se alimenta junto.

O Bando da Leitura acabou de comemorar 12 anos de existência, certo? Ao longo desse tempo, muita coisa legal certamente aconteceu, muita história interessante a ser contada. Você poderia compartilhar alguma (ou algumas) delas com a gente? **LUCÉLIA** — Muitas histórias mesmo. No primeiro ano [de existência] do Bando, uma avó veio até aqui acompanhando as netas e se emocionou ao assistir à apresentação delas lendo poemas e dramatizando histórias. Pediu para trazer a imprensa, nós concordamos e a imprensa veio... foi assim que o Bando começou a ficar conhecido na cidade. Teve também um menino que chegava aqui e colocava uma fantasia de menina: roupas, adereços. Ficava a tarde toda lendo e participando das atividades, e ninguém nunca se importou com isso. Teve uma mãe que me perguntou se eu estava cumprindo alguma promessa; teve criança que trazia uma maçã ou uma banana para o lanche e era tudo picado para que todos comessem, pois bando se alimenta junto. Teve o dia em que o Luam, meu filho, compôs uma música para o Bando e ficou muito lindo. A construção da sala de leitura, em 2010, foi bem interessante, porque o pedreiro tocava flauta e

no dia do Bando, as crianças liam poemas para ele, ele tocava flauta para elas e depois explicava sobre a construção. E lanchavam todos juntos. Cada quarta – até os dez anos de existência, as reuniões do Bando ocorriam na quarta-feira –, cada sexta-feira é uma emoção diferente nestes doze anos. São muitas as histórias da história do Bando da Leitura, as quais podem ser conferidas no *blog* (desatualizado) www.bandodaleitura.blogspot.com.br

Então, são 12 anos formando novos leitores num tempo em que a proliferação acelerada de estímulos visuais e sonoros, em que a hiperconectividade, enfim, supostamente nos afastam da reflexão contemplativa que a leitura do livro pressupõe e propicia. Se a gente se deixar convencer por essa imagem tão propagada pelo senso comum, dá até pra dizer que esse tempo todo você e o Bando estiveram remando contra a corrente. Mas, vendo os vídeos e as fotos do seu trabalho, não é o que parece. A impressão que a gente tem é que isso que o Bando da Leitura faz é uma grande e divertida brincadeira, um resgate do caráter lúdico que a leitura sempre teve, mas que nossa época parece querer nos obrigar a esquecer. Em vez de navegação a remo contra a correnteza, como eu falei, parece mais uma volta de boia pelo rio ou uma descida de tobogã. Você acha que essa minha impressão está correta? Fale um pouco disso. **LUCÉLIA** — Bem legal essa comparação! Amei, é isso mesmo. Nunca deixou de vir alguém aqui no Bando nestes doze anos. Até num dia de tempestade apareceram três crianças. Nas festas, aos sábados, tem mais de cinquenta pessoas, entre crianças e adultos. Sim, está correto. Não sou resistente a essa nova era digital; sou muito fã: tenho um bom celular, gosto das mídias, mas quando se trata de livro... aí é livro de pegar, de sentir o “prazer tátil”, como já disse o Caetano [Veloso]. Quando o Bando começou, nenhuma criança tinha acesso a computador. Aqui em casa tínhamos um “*Frankenstein*”, e foi nele que criei a comunidade do *Orkut* para o Bando. E a leitura fluía... as poesias... as caracterizações, dramatizações, sempre foi uma festa literária. Atualmente, quase todas as crianças possuem celulares, mas não usam aqui no Bando, e as mães adoram isso. Algumas trazem as crianças justamente por isso: para ficarem longe dos tais aparelhinhos. E é a mesma coisa. Pensando nisso, ampliamos as atividades com um ateliê de pintura, uma pequena brinquedoteca e brincadeiras no quintal, onde eles fazem teatro de bonecos, cantigas de roda



**Flexíveis, virtuais e precários?
Os trabalhadores em
tecnologias de informação**
Maria Aparecida Bridi e Jacob
Carlos Lima
(Organizadores)

Tecnologia



**Legado democrático e
apoio à democracia na
América Latina: evidências
e mecanismos explicativos**
Gabriel Avila Casalecchi

Política



Mundo rural e ruralidades
Alfio Brandenburg
(Organizador)

Sociologia

e outras atividades depois da Contação e das dinâmicas de leitura. É uma bela viagem por meio dos livros, mesmo.

O Jorge Luis Borges, talvez o mais leitor dos escritores, um defensor incansável da leitura, que ele classificava como uma forma de felicidade, afirmou certa vez que “um livro não deve revelar as coisas; um livro deve, simplesmente, ajudar-nos a descobri-las”. Você diria, então, que estimular as crianças a ler é ajudá-las a descobrir o mundo? E se é assim, como isso funciona no mundo hiperconectado de hoje, em que um volume enorme de informações (verdadeiras ou falsas) nos chega já digerido de antemão? **LUCÉLIA** — Viva Jorge Luis Borges! Faço mediação de leitura com as crianças. Leio uma história e depois refletimos. Sabem o que é refletir? Uma criança respondeu: *é perguntar!* E as crianças conversam entre si, falam sobre o personagem, comparam com a vida delas... é muito emocionante de ver – tem vídeos na nossa página do *Facebook*. Eu ajudo por meio dos livros, deixando-as falar (fico com a resposta das crianças, como disse o Gonzaguinha). Uma vez, li a história de uma avó que fazia colchas de retalhos, e durante a leitura percebi que havia crianças querendo chorar. Eu também, pois me identifiquei. No final, algumas crianças falaram que sentiram saudades da avó; uma delas, do cachorro; outra, do irmãozinho; e então o Kauã perguntou quando o Bando iria acabar... um menino um pouco mais velho respondeu que acabaria quando eu morresse. Veio, então, a pergunta: quem iria cuidar do Bando [quando isso acontecesse]. Falei que eles poderiam levar os livros consigo, e assim prossegui a conversa... até que o Kauã falou que havia perguntado quando o Bando iria acabar naquele dia, pois sua mãe estava esperando lá na frente para saber o horário de saída. Respondi, e ele foi contar para a mãe, que já havia cansado de esperar e ido embora. Não sei como as mães educam seus filhos, se deixam todos eles passarem muito tempo com o celular... se os ensinam a moderação; se deixam que eles fiquem livres para ver seja o que for. Nas duas horas e meia que passam comigo, procuro despertar o senso crítico, o não aceitar qualquer coisa, o saber escolher, por meio de livros.

Uma pergunta que eu acho que está relacionada com as duas anteriores: estamos vendo uma onda de ideias obscurantistas ganhar corpo no mundo (e isso inclui o nosso país). Há quem diga que é uma onda

passageira e há quem diga que é um tsunami de águas turvas, capaz de submergir muitos dos avanços que a humanidade conseguiu conquistar a tanto custo. Diante disso, você acredita que o livro ainda pode ser a nossa tábua de salvação (ou a nossa boia, pra recorrer à imagem de uma das perguntas anteriores)? **LUCÉLIA** — “Polianamente” falando, digo que sim. Na condição de adulta, cada vez que vejo notícias na TV, na internet e nos jornais (eu assino jornal de papel), fico com medo mesmo. Um lado meu até insiste que isso não está acontecendo... mas quero um mundo-criança, e por isso, cada vez mais, sinto a necessidade de criar laços afetivos e afetuosos neste meu quintal, para que haja paz entre estas crianças e para que elas levem essa lembrança para a fase adulta. Quero olhar o mundo com olhar de criança, para trazer esperanças a elas. A leitura de livros para crianças mostra caminhos e leva à dúvida e a um melhor entendimento do mundo. Isso me faz crer e me faz prosseguir.

Você tem uma relação grande com o teatro, não é? Já atuou como atriz, é casada com o ator e diretor ponta-grossense Américo Nunes. Você e ele, aliás, são habitantes do mundo do teatro. Sem a menor dúvida, o teatro está presente na sua vida. Ele está presente também no Bando da Leitura? **LUCÉLIA** — Comecei no teatro, mas foram as lembranças da minha mãe percorrendo os sebos para comprar livros, me contando histórias e me levando à Biblioteca Pública que me conduziram ao mundo dos contadores de histórias. No Bando da Leitura temos a varanda que serve como palco; o quintal – que chamo de “Poranduba” –, que segundo Wanda Bedran, “é o primeiro palco em que a criança pisa, onde ela se exterioriza, larga a imaginação e desenvolve sua criatividade!” Temos dois palcos para teatro de bonecos, construídos pelo Américo. As crianças gostam muito. Tudo bem à vontade, no quintal, sem participar de premiações. Elas se assistem, se apresentam, se aplaudem, dão opinião sobre a atuação dos colegas. Brincam de fazer teatro. O mesmo acontece com as demais linguagens da arte: recebemos oficinheiros para ministrar oficinas de dança, música (inclusive meus filhos).

Em doze anos dá pra ler um bocado de livros. Uma multidão de livros e autores, claro. Mas, você poderia mencionar e, quem sabe, comentar alguns que tenham sido especiais? Livros que fizeram história no Bando da Leitura? **LUCÉLIA** — Sim. Inclusive, muitos autores e autoras se fizeram presentes

“

[...] sinto a necessidade de criar laços afetivos e afetuosos neste meu quintal.

neste bando. Temos muitos. Dou destaque para *Bom dia, todas as cores!*, da Ruth Rocha, que contei no comecinho do Bando. Uma das meninas, a Calina, amava essa história. Este ano ela veio aqui como acadêmica de Engenharia Química, leu a história para as crianças e fez demonstrações com mistura de cores para as crianças, além de contar para todos sobre os seus tempos de Bando. Outro foi *A menina e o passarinho* (de Law Melo, Editora Todapalavra), de uma acadêmica de *Design* de Curitiba, a Laura, que trouxe essa história para ser avaliada pelas crianças, com ênfase na ilustração. Para isso, convidei dois adolescentes para dramatizarem a história da menina que gostava de ver um passarinho que ia na sua janela toda manhã, mas que um dia desapareceu, voltando mais tarde com uma passarinha e vários passarinhos. As crianças desenharam a história e, inspirada nesse trabalho, a Laura ilustrou e publicou seu livro. O casal de adolescentes, que já estavam arrulhando, pouco tempo depois vieram trazer o filhinho para conhecer o Bando. Dei a ele um exemplar do livro. E tem o livro *Joaninha só tem uma*, da Silvana Maria Silveira Barbosa, que viu uma foto minha com uma almofada de joaninha, escreveu uma história me enviou. Comecei a contar, e ela mais tarde publicou o livro, lançou numa livraria e aqui no Bando. E tem o *Fernão Capelo Gaiivota*, do Richard Bach, que é a filosofia do Bando, que sou um pouco eu... é você... e é todos aqueles que sabem que o universo é bem maior, mas que voltam para o Bando para contar suas histórias!

Você costuma dizer que “o bom do Bando é que o Bando é bom!” Qual é a maior bondade do Bando? **LUCÉLIA** — A maior bondade do Bando é o compartilhar e o acreditar. Isso se aplica desde à minha família, até aos pais e às crianças.

Os encontros do Bando da Leitura acontecem todas as sextas, das 9h30 às 11h e das 14h às 16h. Local: R. Roberto Auer, 141, Vila Ferroviários, Bairro de Oficinas (próximo ao conjunto Acácia), em Ponta Grossa - Paraná. Informações: (42) 3229-5334 e (42) 99972-6424. E-mail: bandodaleitura@gmail.com



El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina.
Juan Carlos Skewes e Antonio Marcio Haliski

Sociologia



Epigrama: Catulo e Marcial
Robson Tadeu Cesila

Literatura



Gênero e consumo no espaço doméstico: representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil
Inés Pérez e Marinês R. dos Santos (Orgs.)

História



CONCURSO

Escritor paulista é vencedor de segundo concurso literário

Entrevista com o vencedor do II Concurso Literário Editora UFPR. — por **Diamila Medeiros**

MAURO GUIDI-SIGNORELLI, 36 anos, é paulista de Piracicaba, cidade na qual ainda passa uma parte de seu tempo, dividido com a cidade de Botelhos-MG, onde tem ajudado seu pai a produzir café. Entretanto, essa é sua história após 2016. Até então, Mauro era engenheiro e vivia em Paris, mas decidiu largar tudo e viver “só com o que cabe numa mochilinha de ir pra escola”, procurando fazer “só aquilo que [lhe] faz sentido. Onde faz sentido”. *Bifurcação*, vencedor do concurso de contos da Editora UFPR, é seu primeiro livro a ser publicado – antes, ele já havia escrito dois romances que permaneceram engavetados. A escrita sempre esteve presente em sua trajetória – o primeiro concurso do qual participou foi aos 8 anos com a história da bruxinha Cremilda, que alugava a vassoura para conseguir algum dinheiro –, mas, profissionalmente, só depois da guinada em sua vida a partir de 2016. Na sequência, seguem as respostas de Mauro em sua entrevista concedida a mim.

Uma das características do seu livro diz respeito às múltiplas vozes que narram os contos - o que eu considero um dos pontos mais fortes da obra. Como foi o processo de escrita do livro? Ele foi se formando a partir de contos acumulados com o tempo ou você já tinha em vista esse projeto quando começou a escrevê-lo?

MAURO — Em 2016 eu sentei pra aprender a contar histórias e ao longo dos três últimos anos escrevi 32 contos-exercícios. Tentei de tudo em termos de estrutura narrativa, caracterização, vozes. A maioria das tentativas não é lá muito digna de nota, mas dez dentre elas me agradaram e acabaram formando o *Bifurcação*. A multiplicidade de vozes narrativas vem disso, eu acho. Do livro ser uma amostra de um conjunto maior. Um conjunto de exercícios de um aprendiz narrador.

“

O papel do escritor, do bom escritor, a meu ver, é surpreender. No final, o que fica são as surpresas. O mais é tédio.

No conto “O homem em apuros na foto”, o personagem escritor diz: “Escrever é um jogo de blefe. É fazer acreditar que se sabe tudo quando não se tem ideia e fazer acreditar que não se tem ideia quando se sabe de tudo”. Para você, escrever é também algo próximo disso?

MAURO — Sim. Também concordo com o personagem escritor quando ele diz que “estamos todos numa partida contra o tédio”. E o blefe, nesse caso, me parece de fato uma tática interessante pra se pegar o tédio de surpresa. O papel do escritor, do bom escritor, a meu ver, é surpreender. No final, o que fica são as surpresas. O mais é tédio.

E em relação ao que se produz contemporaneamente, o que você costuma ler? Como você vê o cenário literário no Brasil hoje?

MAURO — Esse é outro ponto sobre o qual ainda tenho bastante a aprender. Passei tempo demais me atendo aos clássicos. Livros são um investimento de tempo considerável e tempo sempre foi escasso quando eu era engenheiro. Eu deixava o algoritmo escolher a música, mas na hora de escolher os livros eu era mais rígido. E essa rigidez me prendeu aos clássicos por tempo demais. Eu já vinha escrevendo contos regularmente tinha mais de ano quando eu entendi que estava perdendo algo ao ignorar o contemporâneo. Estava perdendo pertinência. Mas minha guinada ao contemporâneo é contemporânea. Como meu foco no momento é conto, eu li todas as antologias de melhores do ano nas quais consegui pôr as mãos. A maioria internacional, que antologias de contistas brasileiros contemporâneos, infelizmente, são mais difíceis de se encontrar. Também leio todas as *New Yorkers* que encontro nas bibliotecas e/ou nas internet da vida. Como escrevo primeiro em inglês, aprendo muito com os contos que aparecem por lá toda semana. Quanto ao cenário literário brasileiro atual, aí eu reprovei mesmo a matéria. Passei muito tempo num universo outro – o dos consultores na França. Só vim começar a ter contato com o nosso cenário literário agora. Do pouco que eu aprendi a respeito, ele me parece mais fechado aos escritores principiantes que as alternativas na Europa e nos Estados Unidos. Não que essas alternativas sejam abertas, em si, mas a nossa realidade é ainda mais complicada. São pouquíssimos os periódicos e editoras brasileiros que aceitam submissão de textos inéditos

DIVULGAÇÃO



Menção honrosa

ÉRICA BOMBARDI, 43 anos, paulista de Jaú que vive hoje em Campinas, onde trabalha com produção cultural e edição de texto, recebeu menção honrosa no concurso da Editora UFPR por seu primeiro livro de contos, *Caixa de facas*. Segundo ela, a obra é “uma coletânea com textos que me fizeram pensar sobre o que me machuca, sobre o que — na sociedade moderna — machuca a condição feminina (e não apenas as mulheres). Para escrever, o mote era sempre esse, algo que havia me causado desconforto, ou dor, ou indignação, sobre as coisas que vivi, que vi, que soube. A partir da dor, a história aparecia, a protagonista se mostrava, e eu escrevia sobre ela e sobre a dor dela (que era, muitas vezes, de todas nós)”. Já o título da obra dialoga diretamente com a música “Machete”, de Amanda Palmer, evidenciando também o papel das referências e influências – que vão de Gogól a Luciano Ligabue, passando por Neil Gaiman – em sua escrita. A autora destaca ainda o quanto hoje as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço e “Ter seu espaço é ter sua voz, e isso é poder. Há várias mulheres fazendo com que nossa voz seja escutada, e há muito tempo elas estão nessa batalha”. Érica já ganhou o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, em 2016, na categoria juvenil pelo livro *Canto do uirapuru*, e publicou, em 2011, *Além do deserto*, também juvenil. Tem ainda outras histórias que podem ser lidas em sua página pessoal: <https://ericabombardi.wordpress.com/>.

cia, a protagonista se mostrava, e eu escrevia sobre ela e sobre a dor dela (que era, muitas vezes, de todas nós)”. Já o título da obra dialoga diretamente com a música “Machete”, de Amanda Palmer, evidenciando também o papel das referências e influências – que vão de Gogól a Luciano Ligabue, passando por Neil Gaiman – em sua escrita. A autora destaca ainda o quanto hoje as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço e “Ter seu espaço é ter sua voz, e isso é poder. Há várias mulheres fazendo com que nossa voz seja escutada, e há muito tempo elas estão nessa batalha”. Érica já ganhou o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, em 2016, na categoria juvenil pelo livro *Canto do uirapuru*, e publicou, em 2011, *Além do deserto*, também juvenil. Tem ainda outras histórias que podem ser lidas em sua página pessoal: <https://ericabombardi.wordpress.com/>.

tos e aqueles que o fazem são tão informais que ficamos muitas vezes sem o menor retorno. Me parece que aqui no Brasil as opções viáveis pra escritores iniciantes (e não há mais contemporâneo que o iniciante) parecem ser apenas duas: contatos ou concursos.

Quais são suas influências literárias?

MAURO — Boris Vian. Por ter mostrado que engenheiros também podem escrever. E tocar trompete. Vladimir Nabokov. Ele fez tudo aquilo numa língua que não era a sua. E isso me enche de esperanças. Raymond Carver. Pela simplicidade das palavras e a complexidade dos personagens. Beleza sem floreios. Machado de Assis. Eu já li *Memórias póstumas de Brás Cubas* na escola, na estrada, em inglês, em francês, embaixo d’água. Só de falar do livro já me deu vontade de ler de novo. Vou tentar de trás pra frente dessa vez. Com licença.

Como foi receber a premiação no concurso? Você acredita que tenha sido relevante

para sua produção? O que você pensa dos concursos literários em geral?

MAURO — Eu penso que concursos literários são a única opção, pra um autor iniciante sem contatos nos meios editoriais, de se fazer conhecer no Brasil de hoje. Se alguém conhece outras opções, sou todo olhos. Portanto, o concurso da UFPR não foi apenas relevante pra minha produção. Ele foi indispensável. Quando o Rodrigo me ligou pra anunciar o resultado do concurso, eu tinha acabado de voltar do provador de cafés da nossa cooperativa e já estava feliz da vida com os resultados das provas. Daí o Rodrigo falou que o *Bifurcação* tinha ganhado e seria publicado e foi aquela overdose de alegria. Três anos de muito trabalho e muitos riscos convergiram ali, naqueles 20 minutos entre a minha caminhada de volta da cooperativa e o telefonema do Rodrigo. Se desse pra colocar numa pílula aquilo que senti no momento, certamente o consumo da dita pílula seria proibido. Só tenho a agradecer os organizadores e jurados do concurso por essa viagem. Muito obrigado!

sociedade

Coragem para ler

*O Guia de Leitura vem sendo utilizado para discutir em encontros com pais, avós, alunos e professores, que precisam encorajar ou ser encorajados a entrar no universo da leitura. — por **Lúcia Peixoto Cherm***

EM AGOSTO DE 2018, em Curitiba, um grupo de pessoas que trabalham com leitura se reuniu e achou que estava mais do que na hora de criar a Associação de Leitura e Escrita do Paraná. Em nosso Estado, muitas ações relacionadas ao assunto já são feitas há bastante tempo, mas até então faltava reunir essas iniciativas para conferir-lhes mais força diante de uma triste realidade: as dificuldades que boa parte da população encontra para entender o que lê e expressar-se por escrito, enfim, para ter o domínio da linguagem escrita, necessário para garantir seus direitos e lutar por eles, para ter cidadania.

A ocasião nos parecia propícia, porque as bibliotecas, os faróis do saber e as casas de leitura já faziam parte do nosso patrimônio cultural. Era um momento em que havia cursos de formação de agentes de leitura promovidos pelas Secretarias Municipal e Estadual de Cultura; em que departamentos das Secretarias Municipal e Estadual de Educação organizavam oficinas e criavam material específico para as atividades de didática da leitura; em que empresas radicadas no Estado manifestavam interesse em investir no fomento à leitura. Além disso, muitos estudantes e profissionais procuravam – e ainda procuram – formação em mediação e ensino da leitura, a fim de realizar projetos de mestrado e doutorado na área, tanto em universidades públicas como em instituições privadas.

A sociedade parece ter amadurecido e tomado consciência de que não basta criar espaços e adquirir livros. É necessário – e mesmo urgente – criar um elo consistente entre todos os estudiosos, interessados e trabalhadores dessa área para a promoção da leitura efetiva, eficaz e crítica por parte dos nossos estudantes. Isso é fundamental para que eles não encarem a leitura apenas como uma tarefa escolar, mas como um saber que usarão em toda a sua vida profissional, seja ela qual for, e também em toda a sua vida como cidadãos, participantes das decisões sobre seus destinos. Além disso, terão adquirido uma habilidade que permitirá descobrir e apreciar o texto literário, experiência que também pode lhes proporcionar autoconhecimento, prazer e fruição estética.

Queremos, ainda, chamar atenção para uma

visão mais ampla do domínio da leitura e da escrita. Não se trata aqui de endeusar o texto literário e torná-lo sempre o centro das atividades. Ele deve ser visto com suas particularidades e receber sua devida importância, mas não pode funcionar como um entrave para as muitas pessoas que ainda não têm intimidade com ele, as quais poderiam se sentir culpadas ou diminuídas em função disso.

Para atender a essa demanda, surgiu, em 8 de agosto de 2018 – portanto, três anos depois da ideia inicial –, a Ler.com, uma iniciativa da sociedade civil que tem como objetivos discutir questões e promover eventos em torno da leitura e da escrita no Paraná. A presidente da entidade é a doutoranda em literatura pela UFPR Diamila Medeiros e a vice, a doutoranda em linguística, também pela UFPR, Maria Inês Carvalho.

Nunca é demais enfatizar que a participação dos professores universitários junto à comunidade que necessita melhorar sua capacidade leitora é insuficiente em nosso país. As universidades precisam, mais do que nunca, tornar suas pesquisas mais próximas da realidade do ensino e da formação de professores. Temos a obrigação de relançar esse desafio, convidando professores universitários, docentes das redes pública e privada e outros agentes sociais para essa imensa tarefa.

A Associação de Leitura e Escrita do Paraná tem várias coordenações dedicadas a tratar de diferentes temas: “leitura e alfabetização/letramento”, “leitura e mídias”, “leitura e mediação”, “leitura e literatura”, “leitura e psicologia”, “leitura e sociologia”, “leitura e tradução” etc. Para cada um desses campos de interesse poderá haver um grupo de estudos, que publicará artigos e realizará cursos de formação, sempre a partir de problemas que se colocam na formação de leitores. Isso já é feito por alguns grupos, liderados por professores da própria UFPR, membros da Ler.com.

Você está convidado a conhecer melhor a Associação no site: associacaoler.com.br e a, talvez, se associar também! Em um momento em que as iniciativas individuais são as mais valorizadas e em que se quer desmoralizar os ativistas

de toda ordem, sabemos o quanto é importante nos mantermos juntos, realizando um trabalho coletivo em que as pessoas se encontram para pensar, trocar e produzir conhecimentos que possam servir a muitas pessoas. Os saberes que vingam são coletivos. Como ocorre em muitas questões, é um engano achar que uma pessoa sozinha encontrará a solução para o problema de leitura no país. É toda a conjuntura social que tem que ser revista e aprimorada. Mas, para isso, precisamos de muitos colaboradores.

GUIA DE LEITURA

*Boa leitura... tanto bate até que fura!
Mesmo sendo a vida dura!*

1 **Todo dia você lê para pegar o seu ônibus, se orientar na cidade, escolher o que quer comer, pagar contas, ver se elas estão corretas e para muitas outras coisas!** Você lê mensagens e *e-mails* nas redes sociais o tempo todo. Você vive num mundo, num país em que a palavra escrita faz parte do seu dia a dia, certo? Portanto, ler é uma tarefa constante e indispensável na nossa vida.

2 **Existem muitas situações e formas de ser LEITOR ou LEITORA.** Pense um pouco. Para que você usa mais a leitura? Para o trabalho ou para o lazer? Para buscar informações ou opiniões? Ou para as duas coisas?

3 **Você já pensou que pode ampliar seu jeito de ler e o das pessoas que trabalham, estudam e convivem com você? Como se pode fazer isso? Vamos pensar juntos?** Lendo em família, lendo para os que estão impossibilitados, lendo para as crianças, explicando a elas a importância da escrita: dividindo com elas as anotações das tarefas do dia a dia, a conta de luz, água, o cartaz sobre vacinação, o número da sua poltrona no cinema ou no ônibus. Os irmãos e as irmãs mais velhos podem ler para os menores, os avós para os netos – ou o contrário. Os e as adolescentes podem pesquisar para os pais

“

O correr da **vida** embrulha tudo. A **vida** é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é **coragem**.
João Guimarães Rosa,
Grande sertão: veredas

algo que eles precisam saber na internet ou na biblioteca e vice-versa. Pode-se criar uma rede de leitores e leitoras sem fim.

4 **Na sua casa, as pessoas não têm tempo para a leitura?** Que tal desligar a TV, o videogame, o computador e o celular mais cedo para contar uma história de família, uma piada ou ler um conto, um poema para todo mundo ou mesmo uma história em quadrinhos? Uma notícia, uma carta do banco ou da operadora do celular, que seja? Compartilhar preocupações e também alegrias a partir das histórias e dos textos?

5 **Se alguém tem um trabalho da escola para fazer, o pessoal de casa pode ajudar procurando textos sobre o assunto.** Podemos também ler as instruções de um jogo e jogar em família. Precisamos às vezes montar um objeto ou entender o funcionamento de um eletrodoméstico. Mais gente pode ajudar a destrinchar aquela coisa, nem sempre bem explicada nesses manuais muito técnicos, às vezes, mal redigidos ou mal traduzidos. Vocês já fizeram essas tarefas juntos na sua casa?

6 **Ler também pode ser para a gente se informar sobre outros assuntos:** sobre um político, uma mudança na cidade, uma obra que está em discussão e sobre a qual podemos opinar, sobre uma transformação ambiental que vai afetar a vida da gente. Se estivermos informados e pensando sobre o assunto, podemos nos manifestar coletivamente e ser ouvidos! Outra coisa: ler serve também para identificar as famosas *fake news*, as notícias falsas da internet.

7 **Os leitores, em geral, são pessoas desconfiadas, que costumam checar as informações que recebem. Não caem em qualquer mentira. Têm o hábito de verificar os fatos para poder julgá-los!** Mais que isso: podem buscar, no jornalismo sério e em *blogs* independentes, visões e opiniões sobre determinado assunto que os ajudem a formar sua própria opinião. Os leitores

Agradecimentos

Aos colaboradores, pela reflexão coletiva que resultou na produção deste Guia de leitura: Diamila Medeiros, Eduardo Nadalin, Joba Tridente, Lucas Buchile, Marta Morais da Costa, Rosa Maria Nery, Suzete de Paula Bornatto e Tatjane Garcia. E aos parceiros de pesquisa, sempre atentos ao nosso trabalho: Christine Razet e Jean Foucambert.

experientes sempre observam quem escreveu o texto e onde ele está sendo publicado. Com frequência, um mesmo fato ou uma mesma informação tem versões diferentes. Depende do ponto de vista de quem escreveu o texto. Essas versões podem se complementar ou se contradizer. Cabe a você, leitor, leitora, decidir.

8 **E ler também pode ser pura diversão:** quem não gosta de gibis? As crianças apreciam também os livros bem ilustrados, mesmo que ainda não saibam ler. Leia para elas, deixe um cesto cheio deles no banheiro. E quantos adolescentes podem fingir estar ocupados com alguma coisa em seu quarto só para poder ler por mais tempo? E alguém, em geral, a mãe, sobrecarregada, fica batendo na porta: *tem louça para lavar, roupa para estender...* Não seria legal dividir bem as tarefas domésticas para todo mundo da casa poder ler mais?

9 **Enquanto alguém lava a louça, outra pessoa pode ler em voz alta! As narrativas de vida também podem ser extraordinárias.** As histórias que a gente viveu, por exemplo, encantam crianças, adolescentes, adultos, idosos... Puxe pela memória e conte alguma lembrança sua ou de algum amigo ou de uma pessoa da família.

10 **Cada pessoa que escreve histórias ou poesia lembra o que viveu, o que ouviu ou cantou na infância – histórias, canções de ninar –**, pois a oralidade, a fala de todo dia, faz parte da vida da gente e pode se transformar também em livros, em escrita que permanece, pois uma coisa está ligada à outra. Não deixe que a sua casa emudeça e que só a TV, o rádio, o celular e a internet estejam ligados a cada um, individualmente, no seu cantinho. É bom poder compartilhar o que sabemos e aprendemos. A conexão mais poderosa é ainda a dos “olhos nos olhos”, puxa vida!

11 **E ainda, OS LIVROS!** Você podem dizer: *não tenho tempo, não entendo, demora muito, são caros, não fazem falta...* os livros de literatura são para todos e todas; estão nas bibliotecas municipais, nas escolas, na vizinhança, na internet, nos sebos, nas livrarias, mas muitos podem ser baixados nos celulares de graça! Emprestar, trocar livro é saudável, aproxima as pessoas, faz elas falarem sobre o que leram, contagia e fortalece a tal da conexão “olhos nos olhos”.

12 **O que a gente pode encontrar na literatura? A aventura da língua!** A língua, essa que a gente usa todo dia, de repente está lá exposta a partir de um modo de pensar de alguém que mora 24 horas por dia na linguagem, que tem por ocupação refletir sobre ela, amá-la, reinventá-la e dividir seu trabalho com a gente. Não vamos desperdiçar isso! Por que, mesmo?

13 **Porque lendo literatura a gente pode entender melhor as relações entre as pessoas, a nossa própria cultura e a dos outros, ver nosso próprio ambiente descrito e vivenciado por meio de personagens.** Assim como podemos ler sobre mundos distintos dos nossos. Ver, com distanciamento, um problema ser tratado dentro de uma história que não é a nossa. Podemos ser tomados também pela imaginação dos autores, que alarga a nossa visão para além do cotidiano. Há romances de aventuras, com relatos de viagens de qualquer tempo, romances ainda de todo jeito, contos, poemas, peças de teatro, enfim, um mundaréu de coisas...

14 **Para alguém chegar a ler assim, com gosto, sem sacrifício, é preciso esforço, um APRENDIZADO, uma intimidade com a língua, com os textos!** Precisa mesmo criar o hábito, cultivar os livros, cuidar deles como se cuida de uma planta, de uma horta, de um bebê ou de um bicho! Todo dia um pouquinho para a leitura vingar.

15 **Ler também se aprende, como se aprende a nadar, a jogar futebol, a dirigir, a falar uma língua estrangeira, a desenhar, a tocar um instrumento musical: mas é preciso praticar em situações reais e não só fazer exercícios!** Quando a gente aprende a andar de bicicleta, enfrenta um desafio e tem sempre alguém para ajudar. Com a leitura é a mesma coisa: tem que ser um desafio para o jovem leitor. Se não, ela fica chata, sem sentido, leitura que não rende e não empolga.

16 **Vamos pensar juntos na forma de ler: se uma pessoa, alfabetizada em uma escola, aprendeu ainda a decifrar uma letra após a outra, obediente ao velho $B + A = BA$, como acontecia antigamente (ou como pode acontecer ainda hoje) ou mesmo juntando sílabas, $BA + LA = BALA$, podemos achar que ela já aprendeu a ler!** Mas estar alfabetizada não significa estar letrada. Nada contra ensinar o beabá, desde que ele apareça a serviço do texto, do sentido. A criança estimulada vai se interessar pelo alfabeto e vai dominá-lo. O letramento dá muito mais trabalho e precisa de um acompanhamento de muito perto; principalmente, para aqueles que têm menos contato com a escrita em casa. E se não houver esse acompanhamento, talvez o aprendiz se torne um leitor *caracol* e passe a vida lendo assim, vagorosamente, transformando essas letras em sons para tentar chegar à compreensão de um texto sem nunca conseguir! Ou talvez ele consiga, mais tarde, quando tiver compreendido como funciona o processo da leitura sozinho ou com a ajuda de alguém. É o que muitos de nós fizemos.

17 **Há quem aprenda mais rápido a forma de leitura *canguru*, aquela que dá saltos, percebe as palavras em bloco, antecipa o resto do texto pelo sentido e pela organização das palavras na língua.** Porque essa pessoa, que teve mais contato com a escrita na sua história de leitora, está interessada no sentido total, no final da história, na busca de uma informação, no prazer de uma descoberta! Esses leitores tiram proveito dos textos, aprendem, discutem, discordam ou não, enfim, conversam com eles.

18 **Esses mesmos leitores, se ficarem encantados com um verso, um salmo, o trecho de um romance, uma sentença matemática, uma frase musical, uma cena de um filme vão poder se fixar neles longamente, por se interessarem por aquela parte em especial; assim, tornam-se *caracóis* temporários para curtir melhor aquele trecho.** Fazem isso não porque não conseguem fazer a leitura mais ampla, a dos *cangurus*, mas porque podem optar pela leitura mais lenta: já são leitores experientes. Mas isso não cai do céu, tem que fazer acontecer, pois alguém que lê letra por letra talvez nunca se dê conta de que é preciso ler para compreender o todo. E que o letramento é o resultado de um exercício rotineiro que a escola precisa promover com a ajuda de todos: a leitura *canguru*... A partir daí, os leitores estarão preparados para interpretar os textos, ser modificados por eles ou não e, assim, eles se tornarão também sujeitos de linguagem, crias de palavras, conscientes de seu lugar no mundo, prontos para se colocar em qualquer situação de leitura. E não serão jamais leitores *caranguejos*, aqueles que um dia até liam na escola, mas deixaram de ler na vida adulta.

19 **LER É PARA TODOS E TODAS! E pode se tornar um desafio apaixonante, se for também coletivo e se for uma busca real de sentido desde o início da aprendizagem.** E pode se tornar mais fácil também com ajudas precisas de professores, mediadores em geral, familiares. A cartilha foi construída para alfabetizar, mas decifrar palavras pode não levar ao domínio da leitura, pode levar apenas à **alfabetização** mesmo. O barato é a **leiturização**! A **leiturização** é a tarefa na qual o leitor está inteiramente envolvido para compreender e interpretar o texto ao mesmo tempo em que dialoga com ele! Aprender a ler não termina nunca, estamos sempre aprendendo quando enfrentamos um texto novo para nós.

Vamos botar esse povo aí na sua casa, no seu trabalho, na sua escola pra ler? Lembre-se de que existem os agentes e as agentes de leitura, os bibliotecários e as bibliotecárias, os professores e as professoras, todos compromissados para ajudar você nessa tarefa! Façamos também a nossa parte!

conto

DEPOIS DA PARTIDA, a última coisa que vi, na casa, foi a boca da tia, a minha, vomitando ofensas, o que parecia desespero culpado; ela insistia em dizer que se tratava de vingança. Os dentes enormes lisos de uma saliva grossa e imunda, café e chá, café e chá, depois cigarro, tudo aquecendo: *Tua mãe acabou, e a morte dela enterrada agora é tua.*

Enchi a mala com o que restava da casa e

partida

Texto inédito para a **Tinteiro**. — por **Raimundo Neto**

E a madrugada dentro do velório; alguém teria matado minha mãe, a sua irmã, por quem ela alimentava ódio, e nada mais. Ninguém se responsabilizava por aquilo, a mulher gritando, a cidade quase inteira ouvindo, a morte cansada querendo o enterro e a terra, as raízes a brotar a vida eterna, e a mulher gritando *É culpa tua, seu viado*, que minha mãe morreu babando, sujando as calças e a casa inteira, enquanto eu curtia *minha vidinha de merda, colorido, esse cabelo ridículo*, ela dizia, e *dando esse cu sujo pros homens, sua bicha, puta igual à mãe*.

Eu não conseguia chorar o que doía. Fiquei estático, plantado brotando uma fúria muito quieta, e intacto no incômodo de nunca saber reagir. Eu nunca soube reagir. A minha tia cuspiu no meu prato de comida (almoço, janta e pão nas manhãs), na minha infância, nove anos, doze anos, e seguia com injúrias meu corpo crescendo. Ria com as palmas. *Agora a bichinha vai chorar, é? Só por causa disso?*, ela gritava.

Minha mãe não parava em casa. Ela tinha a morte dos seus pais, meus avós, acumulada duzentas vezes, de tanto que falava e ia ao cemitério acender olhos, e rezava, e ouvia presenças bem vestidas de sinistros, todos os dias; só deixava qualquer quietude atrasar as horas que a levavam de volta ao remorso quando ingeria seus comprimidos, todos golpes cavaleares. Ficava trancada numa sombra da casa, embaixo do passado, leve naquele jeito de me olhar e dizer te amo de boca cerrada como se pedisse ajuda.

Saí de casa e deixei minha mãe submetida ao horror dos gestos da minha tia, sua irmã. Eu

amava um homem chamado Julien, estranho numa cidade daquele tamanho, cravada no coração de tempos áridos, cisternas cheias durante invernos rigorosos, deslocada do resto do país. Julien chegou com o corpo mais exposto que o meu; parecia tudo, menos um homem, diziam. Nos engolimos inteiros na primeira vez que nos vimos, abertos, apesar da raiva que minha mãe sentia de jovens como nós. Ela o odiava. Tínhamos quase certeza. Depois que as vozes avançaram sobre a sua tentativa de lucidez, foi mais difícil sua consciência disputar palavras para assustar as sombras que a faziam gritar ou expulsar Julien da nossa casa.

A tia expulsou Julien e tudo que ele representava, e cuspiu no meu rosto. Vinte e oito anos, e eu não fiz nada. A saliva grossa, chá e café, fumo, escura, aterrada. Eu não sabia o que era capaz de nascer naquela boca. Esperei secar, imóvel. E Julien longe, desses amores passageiros sem tempo a perder.

Eu arrumava uma mala todos os dias. A mesma. Vivi trinta anos num ensaio de vida e fuga. Trancava a porta de leve, ouvindo minha mãe expulsar demônios, convocar anjos e santas, al-

ternar os tons de sua voz atribulada, rasgando os nós das músicas da igreja. Eu colocava as suas roupas na mala, tudo, um único par de sandálias, e desejava fugir da casa com o passado daquela mulher comigo, quando ainda sabia abrir e fechar o corpo e o amor, a casa protegida e longe da outra mulher, a tia, a que comandava o comércio, o mercadinho, certa de que tinha empregadas preparando o dia a dia. Arrumei aquela mesma mala, todos os dias. Durante trinta anos. E quando resolvi sair, quinze dias longe, a morte da mãe.

Consegui enxergar apenas a boca da tia gritando escárnio, as paredes carcomidas, e seu telhado aberto em cáries, cigarro, um esgoto escorrendo da alma que lhe restava, me sufocando de *viado criminoso você foi embora e agora tua mãe, essa puta, eu vou matar quem agora? Quem eu vou matar agora*, ela chorava, o céu dos olhos caindo em lampejos, *eu vou matar quem agora?, que todo mundo já foi, e tu tá longe, e essa puta escapou*, e o seu inferno acontecendo ali, nos olhos, primeiro, depois na surpresa hipócrita dos espectadores do velório.

Minha mãe morta. E eu, livre.





SIMON VELK

realidade

Literatura de Refúgio

O debate sobre a situação do migrante em nossas realidades local e global. – por **Hugo Simões***

HÁ CERCA DE TRÊS ANOS, alguns professores e alunos participantes do projeto *Português Brasileiro para Migração Humanitária* (PBMIH) juntaram forças para criar um evento que, por meio da literatura, debatesse a situação do migrante em nossas realidades local e global. Víamos, naquele momento, a necessidade de promover um diálogo maior sobre o que vivíamos em nosso projeto de extensão universitária com a sociedade curitibana – sair dos limites físicos da Universidade Federal do Paraná nos era essencial. Em 2016, o PBMIH já estava consolidado, tendo oferecido aulas gratuitas de português a centenas de migrantes em situação de refúgio ou vulnerabilidade. A ideia de “migração humanitária” gravada no nome do nosso projeto, todavia, nunca se resumiu ao ensino de português. Prova disso é o contato direto que temos, desde o início, com os demais ramos do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira da UFPR, possibilitando trocas e cooperações com profissionais e estudantes de diversas áreas. Assim, a intenção de utilizar as duas outras ênfases do curso de Letras – a Literatura e a Tradução – num evento que divulgasse um pouco da cultura e dos modos de vida de migrantes que passaram a viver em nossa cidade não foi nada além de uma consequência da rica troca de experiências que o PBMIH semanalmente nos proporcionava e proporciona.

“ *Literatura de Refúgio* carrega polissemia, torna-se refúgio, diz o refúgio e abre um caminho para o encontro entre diferentes sujeitos que coabitam o que chamamos casa.

Em 2016, *Literatura de Refúgio* promoveu três encontros, todos no SESC Paço da Liberdade. A primeira edição abordou a temática do refúgio e do exílio no século XX; a segunda focou em autores do Haiti; a terceira, por sua vez, trouxe ao público a poesia do Oriente Médio. Em 2017, foram dois encontros completos e um *pocket*: a quarta edição, dedicada a poemas escritos por mulheres, realizada no SESC Paço da Liberdade; e a quinta, dedicada à poesia oriental (Coreia do Norte, China e Japão), sediada na Itiban Comic Shop; além de uma apresentação especial realizada na Semana Literária Sesc e Feira do Livro Editora UFPR. Em 2018, tivemos duas apresentações do *Literatura de Refúgio* em versões *pocket*, que condensavam um pouco da experiência do projeto nos últimos anos: uma no IX Seminário da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), e outra na X Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) da UFPR. Além dessas apresentações, o *Literatura de Refúgio* figura em algumas edições do jornal *RelevO* e no v. 4 do caderno de ensaios TOM, da UFPR (“Andanças: travessias da migração e do refúgio”), o qual também produziu um *podcast* envolvendo o projeto, disponível na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube. Atualmente, o *Literatura de Refúgio* organiza, conjuntamente à Ler.com e ao SESC Paço da Liberdade, em Curitiba, o evento Mais Laços, Menos Embarços, que até o final do ano abordará as culturas venezuelana, síria e haitiana, com apresentações literárias e musicais, além de performances e debates.

A pesquisa e a tradução dos poemas utilizados nas edições sempre resultaram de um trabalho conjunto dos alunos do projeto conosco, professores e voluntários. Diversos alunos, de várias nacionalidades, nos ajudaram com as performances que ocorreram nos últimos anos. A performance minimalista é dividida em duas partes complementares: primeiramente, um falante nativo lê o poema em sua língua, simulando a experiência do migrante ao ser inserido em nosso país monolíngue; em seguida, um professor ou colega do projeto lê a tradução que elaboramos em português. Além de causar comoção, o *Literatura de Refúgio* tem sido um espaço de encontro de poetas e outros artistas que migraram para Curitiba. Um desses artistas é Carlile Max Dominique Cérilia, poeta haitiano de quem fiquei amigo e traduzi o poema que acompanha este texto. *Literatura de Refúgio* carrega polissemia, torna-se refúgio, diz o refúgio e abre um caminho para o encontro entre diferentes sujeitos que coabitam o que chamamos casa.

SOBRE O PBMIH — O Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) é um projeto de extensão do curso de Letras da UFPR que desde 2013 atua no ensino, pesquisa e extensão de português brasileiro, voltado a migrantes na condição de refugiados e/ou em situação de vulnerabilidade social. Desde sua criação até o presente, a iniciativa já atendeu mais de 1.100 migrantes e refugiados, auxiliando-os no contexto de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. O projeto conta, ainda, com o Núcleo de Integração PBMIH, responsável por promover atividades culturais com o intuito de propiciar a integração social do público atendido.

* **Hugo Simões** é Professor de português no PBMIH e um dos atuais coordenadores do *Literatura de Refúgio*.

Île de mes arrière-grands-parents

Je viens de l'île qui a accueilli mon arrière-arrière-grand-mère dans ses galères
Vendue comme une vulgaire pièce au colon
Assoiffé de chair fraîche pour engraisser sa maison et son lit

Je viens de l'île où a été amené mon arrière-arrière-grand-père
Extorqué d'une Afrique paisible
Trainé sur la plage de Guinée
Où l'empreinte digitale de ses tristes pas a été éclipsée par de minces vagues indignées...
Sur le sable épouvanté par de telles chimères

Mon arrière-arrière-grand-père,
Vendu comme un mulet

Je suis né d'un trafic sauvage et honteux pour toute la race humaine.

Mes arrière-arrière-grands-parents,
Exposés aux enchères aux plus offrants des colons

Qui devraient leur plaire
Par leur nudité fragile et magnifique

Seins somptueux
Ventre non abimé par l'enfantement
Fesses dures...
La négresse fut parfaite

Torse bombé
Bras solides
Jambes de cheval
Et bonnes dents
Le nègre fut accompli

Délicieux bétail pour le monstre de Saint-Domingue

Je viens de là
De cette île, aujourd'hui, délabrée, démembrée
Je viens de là
De cette île chevauchée par des colons encore
C'est de là que je suis
De cette terre rebelle qui perd son identité
D'île brave
D'île tête de nègre
D'île de feu et de sang
D'île de liberté
C'est de cette terre là, que je suis fait

De cette terre de justice pour tous
De cette terre de divorce à la barbarie
Où une catégorie de notre race longtemps croupie
sous l'injustice des autres
De cette terre de cris funèbres
Des vautours à dents nues
Et des enfants innocents qui se glissent,
d'une vie frémissante, sous le soleil de feu
C'est de ça qu'est fait mon identité

Si tu rencontres le vent qui voyage vers cette terre
Ne lui demande pas d'histoires de l'ancienne, ni de la nouvelle île
Car il vous dira que ce pays chasse ses enfants
et n'a même honte de ce qu'il fait

Il vous dira aussi que c'est une terre qui a eu sa gloire
et qui en est encore fière.

Carlile Max Dominique Cérilia

Ilha dos meus tataravós

Eu venho da ilha que recebeu minha tataravó em suas galeras
Vendida como uma peça vulgar ao escravocrata
Sedento por carne fresca para engordar sua casa e sua cama

Eu venho da ilha para onde foi levado meu tataravô
Extorquido de uma África pacífica
Arrastado sobre a praia da Guiné
Onde a impressão digital de seus tristes passos foi eclipsada por finas ondas indignadas...
Sobre a areia aterrorizada por tamanhas quimeras

Meu tataravô,
Vendido como uma mula

Eu nasci de um tráfico selvagem e vergonhoso para toda a raça humana

Meus tataravós,
Expostos em leilões para a maior oferta entre os escravocratas

Aos quais deveriam agradar
Com sua nudez frágil e magnífica

Seios suntuosos
Ventre não danificado por partos
Nádegas duras...
A negra perfeita

Torso escultural
Braços fortes
Pernas de cavalo
E dentes saudáveis
O negro completo

Um gado delicioso para o monstro de São Domingo

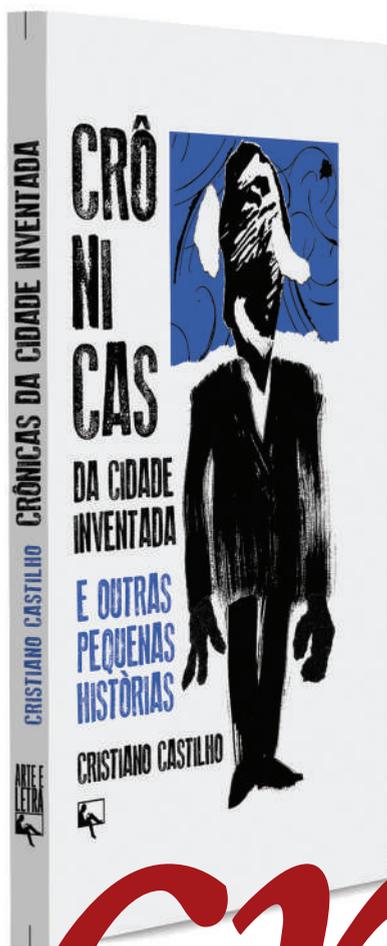
Eu venho de lá
Dessa ilha, hoje dilapidada e desmembrada
Eu venho de lá
Dessa ilha ainda dominada por escravocratas
É de lá que eu sou
Dessa terra rebelde que perde sua identidade
De ilha brava
De ilha de cabeça negra
De ilha de fogo e sangue
De ilha de liberdade
É dessa terra que sou feito

Dessa terra de justiça para todos
Dessa terra de divórcio à barbárie
Onde uma categoria de nossa raça há tempos define
sob a injustiça dos outros
Dessa terra de gritos funèbres
De abutres com dentes nus
E de crianças inocentes que deslizam
em suas vidas trêmulas sob o sol de fogo
É disso que é feita a minha identidade

Caso você encontre o vento que vai para aquela terra
Não lhe pergunte sobre as histórias da ilha antiga, nem sobre as da nova
Pois ele te dirá que aquele país expulsa seus filhos e
sequer se envergonha disso

Mas ele também te dirá que é uma terra que teve sua glória
e que dela ainda se orgulha.

Tradução: Hugo Simões



perfil

Um . cronista

Jornalista Cristiano Castilho põe letra e música na cidade que nem notamos.

– por **José Carlos Fernandes**

com

DIA DESSES, a produtora cultural Celise Niero, do Sesc Paço da Liberdade, se referiu ao curitibano Cristino Castilho, 35 anos, como “jornalista e escritor”. Ele ficou na dúvida “se tinha escutado bem”. Tinha. Havia pouco, Cris – como é chamado – lançara seu livro de estreia – *Crônicas da cidade inventada e outras pequenas histórias*, pela Arte & Letra Editora. E confessou que, passada a estranheza, gostou do que ouviu. “Acho que sempre sonhei ver meu nome numa capa”.

O desejo não era só dele. Antes do próprio Cristiano, os amigos e alguns leitores declarados haviam identificado no jornalista... um escritor. Foi essa turma – com a qual conversava em parte nas redes sociais, em parte nos espaços de boemia – que lhe cobrou ver em livro os textos autorais que publicava sema-

nalmente no suplemento cultural do jornal *Gazeta do Povo*, a partir de 2010. Achou que era “brodagem”. Até ter uma recaída e fazer uma visitinha póstuma às crônicas.

A releitura teve um sabor de “fim de caso”. “Foi meu luto”. Castilho – agora apresentador e produtor na Rádio Paraná Educativa – não esconde de ninguém o baixo-astrol que sentiu com a extinção do Caderno G da *Gazeta* – em 2016, encerrando 24 anos de circulação –, pouco tempo depois de ele mesmo deixar o jornal. Chorou em praça pública, como muitos outros colegas de profissão, por esse e outros motivos. Mas o *revival* lhe fez lembrar a maneira como produzia o material – não raro no afogadilho do fechamento das edições de fim de semana. Ou mesmo em casa, para onde a maior parte dos homens e mulheres de imprensa costumam traficar trabalho. “Se era bom? Poxa...”

As “crônicas de sábado” surgiam de uma arquitetura curiosa – e vem daí parte de seu sabor. Castilho é um daqueles casos de personalidade de transição. Nasceu em 1984 e era adolescente quando a internet entrou em cena, dando peso imperial ao sentido da palavra “passado”. É um cidadão digital, mas que estagiou no mundo analógico, pelo qual sente atração irresistível. Diante de um fato que podia render um texto, fazia anotações tanto em cadernetas de papel quanto no celular.

Às vezes, detinha-se num episódio urbano –

daí o “cidade inventada” do título do livro –, ou numa “sobra de reportagens” que fazia – não raro aquela informação gostosa para a humanidade, menos para o paladar do editor. Some-se ser ele um sujeito de interesses tão múltiplos e coloridos quanto um baleiro. Ilustrado em jazz, é capaz de discorrer com fôlego de gato sobre automobilismo, tudo sobre futebol e ainda contar “causos” do município de Rebouças, no Sul do Paraná, onde tem família. Seu arsenal de expressões caboclas impressiona – em especial porque na sua boca se tornam um suflê. “Detesto quem me cumprimenta com a mão mole”, diz, dando a entender como é que se aperta a mão de alguém lá em Rebouças. Em resumo, está credenciado para o ofício de cronista.

A matéria-prima dos textos vinha desse cestão de retalhos com os quais exerce o maior dos seus talentos: costurar histórias. Bom ouvinte – mas charmosamente distraído – é um daqueles com quem a conversa sempre pode fazer uma curva inesperada. Não por menos, informa que nasceu no mesmo dia que George Harrison e Regina Casé. Explica quase tudo. Ele ri, por exemplo, de algo que não tínhamos dado conta ser engraçado. E é imensa sua capacidade de arrumar uma trilha sonora para um episódio que estamos lhe contando. Essas qualidades servem como uma luva para a arte da crônica, que outra coisa não é senão perceber que brota uma flor no cimento da calçada. Faz das bobagens

“ A matéria-prima dos textos vinha desse cestão de retalhos com os quais exerce o maior dos seus talentos: costurar histórias.



fone de ouvido

cotidianas um épico, ou uma piada. Os amigos e leitores tinham razão. Talvez não imaginassem quanto. Explico.

O jornalista e escritor Ruy Castro chegou a dizer que é muito difícil que textos “mais soltos”, escritos para jornal, sobrevivam em livro. A natureza do que se escreve em meio ao som e à fúria de uma redação – mesmo que seja pura poesia – existe para figurar ao lado da notícia da tragédia, do infográfico, dos indicadores econômicos e da notinha sobre o horário da quermesse da paróquia. Essas linguagens todas – coladas num jornal – se complementam e fazem algum sentido, pelo menos por um dia, como escreveu Walt Whitman. Segundo Castro, o livro brocha a informação.

Mas *Crônicas da cidade inventada* desmente o diagnóstico. Os textos foram escritos para a edição de fim de semana, mas ficaram até melhor quando reorganizados pelo editor Fred

Tizzot, da Arte & Letra. O próprio Cris, que teve dúvida sobre a capacidade de o material ficar em pé, como se diz, se impressionou com o resultado, que beira a sensação de ouvir música de câmara. A propósito, histórias como a do saxofonista francês que morava em Mandirituba, para citar uma, não era um *faits divers* vira-lata.

Como Castilho não pode se dar ao desprazer de elogiar a própria cria, os simpatizantes e seguidores se encarregam disso: saúdam a coletânea como uma das boas novas da temporada. Não exageram. A sensação ao lê-la é de estar flinando por Curitiba, com um fone de ouvido, dando uma ova para o tempo que corre veloz. Dividido em guarda-chuvas temáticos (da cidade, das trocas, dos olhos e do coração), cada texto vem acompanhado, entre chaves, do dia e da hora em que foi publicado. É um produto analógico, mas o registro de que

foi postado, por exemplo às 10 da manhã ou 4 da madrugada, sugere uma arqueologia digital, da qual nada, ou quase nada, se pode esconder. Estamos pelados.

O [23/08/2013] [21h05], claro, é um truque editorial, mas põe à mostra que apesar das horas que dão passos largos, tem aqueles minutos que pensamos, expressamos e mandamos o que escrevemos para aquele lugar – a rede. O que Cris fazia ao produzir textos pessoais, suas respostas às demandas próprias e às do século, é o que gostaríamos de realizar também. Ele desperta nos seus leitores – agora de segunda viagem – a vontade de escrever ouvindo música, que é para enxergar melhor. De dizer algo que mude o eixo da Terra, nem que seja um milímetro. É um autor que nos pega pela mão, mas nos solta na Praça Tiradentes. Chamam isso de escritor. Celise sabe o que diz.

poesia

Pâmela Filipini

III.

Seria preciso ter em si a substância das plantas para entender como a tarde fia a solidão das coisas que só amanhecem quando a noite se põe a amá-las:
uma raiz sempre pulsa no coração do mundo.

V.

Quando olho para o mundo já não existo

já não existe sequer uma fagulha de silêncio

um batimento cardíaco original:

quando se olha para o mundo se cessa as particularidades

E meu íntimo se torna anatomia de tudo que tem coração

e enquanto sou toda voz que grita o eu sou também um eu sem linguagem, sem pátria de solidão.

X.

Não cultivo pessoas em mim as cultivo nelas mesmas

assim florescem e partem com o vento

[...]

É da substância do cultivo nos fazer compreender que é preciso se embriagar de mortes

até que tudo que nos reste seja a vida para que assim não possamos mais optá-la, para que toda opção seja ela.

XVIII.

A flor, que não possui olhos

enxerga a miséria do mundo e se cansa

Quando chove, seu corpo pesa; quando venta

a raiz sustenta por um instante todo cansaço do mundo

[...]

Há dois fatos sobre a solidão:

Suas raízes sempre abraçam os corpos sem julgar as vozes que os desafinam

A solidão é solidária.

XXI.

Não há um só espírito que alcance os estados crus

da existência sem antes não perpetuar sua ausência

porque uma boca vazia de voz não é uma voz que não existe

uma boca vazia de voz é um útero que engole o mundo

[...]

Um pássaro que não morre de voar jamais atinge a si mesmo

por isso a vida é uma guerra que não se vence, só se luta.

XXVI.

Levantei o dia com a força de um passarinho

Minha guerra tem traços de céu, de coisa que não termina

[...]

Como me doem os infinitos

me ferem de sua geografia inacabada, porque todo infinito é miúdo

E como queria poder te dizer que há uma raiz tua que me rompe para a elaboração da palavra: um segundo no mundo sem minha timidez.

XXXIV.

Tudo em mim se sente como quem partiu

caminhou, voltou sem os pés sem as mãos, sem o corpo

só restando a alma, as veias e o silêncio

Porque não são as cicatrizes que a pele coleciona

não são os sofrimentos nem as dores

O que não sara é a inflamação que a vida deixa em nós.



Sou Pâmela Filipini (P.F. Filipini), nasci em Rolim de Moura, no interior de Rondônia, em 1994. Cultivo solidão e me planto ao silêncio para sobreviver, esta é toda a minha costura de compreensão. A Solidão e a Ternura são os pilares dos meus escritos, gosto de evidenciar a miséria, dessa busca pelo átomo das coisas, sua intimidade, o pequeno afeto encolhido dentro do monstro, afinal, todos somos um pouco monstros. Publiquei dois livros, *FOLHAS DOS OSSOS* ou *o tratado das coisas insignificantes* (Patuá, SP, 2017) e *Ensaio sobre a geografia dos cernes* (Temas Originais, Portugal, 2017). Um terceiro livro de poesia, já terminado, espera na gaveta pelo meu amadurecimento para ser reescrito e, atualmente, trabalho numa prosa poética sobre duas mulheres lésbicas.

conto

VOU TE CONTAR UMA HISTÓRIA, se não quiser acreditar, não acredite. Estou me fodendo pra o que você vai pensar, que é mentira, que estou ficando esclerosado, isso eu até estou, mas só depois das três. Que horas são agora, uma e meia? Tá, duas e quarenta, tenho vinte minutos pra te contar, o que sair da minha boca depois das três, não acredite mais. Eu menti minha vida inteira, ganhei dinheiro convencendo juiz de que era mentira o que era verdade e verdade o que era mentira. Cansei, não minto mais, agora só a demência depois das três da tarde.

Você deve ter ouvido muita coisa, hein, nesse negócio de enfermeiro de velho. Porque velho ou está caduco ou falando verdades. Você devia escrever um livro, Matheus, devia mesmo. Hein, ah, você é o Carmo, Matheus é o enfermeiro da noite. Que dia é hoje, sábado? Tinha certeza de que era sábado. Puta que pariu, quinta-feira, não tem nada mais triste do que quinta-feira, meu amigo, porque o final de semana ainda não chegou e a gente quer ficar alegre. Sexta era um dia bom, sábado, domingo eu almoçava na Beth, os meninos correndo aquele gramadão. Você não conheceu a Beth, minha irmã mais velha, casou com um ricoço, casa no Morumbi, dessas com

anos passavam num devagar que só vendo. Hoje a gente pisca o olho e já passou quatro, cinco, vinte anos, meu Deus do céu, pra que ficar vivo se vamos morrer todos, eu, você, o Carmo enfermeiro da noite, aquela médica que insiste em bater martelo no nosso joelho, coisa mais antiga, como é o nome dela, Arlinda, Almira, Andira, isso, Arminda, vê se é nome de gente, sabia que ela tem um caso com o segurança, o com cara de índio? Estou te falando, eu vi, não foi ninguém que me contou não, os dois no almoxarifado, ia dar onze horas, pode confiar, porque a demência é das quatro às dez, depois minha cabeça fica boa de novo e mentir eu não minto, de jeito nenhum, já te contei que era advogado, ganhava dinheiro mentindo? Ah, contei, pois não vou contar de novo, porque essa gente chata que fica repetindo tudo é porre, deve ter cada velho chato que você atura nesta clínica, aquele cara do último quarto do corredor, o sujeito é um poço de chatice, só fala de carro, moto, só pensa em motor.

Foi em mil novecentos e sessenta e dois. Hein? Sim, sessenta e dois, certeza, não se mete no que não sabe, você nem tinha nascido, rapaz, nessa época seu pai devia cagar na calça, igual eu agora. Bom, eu não cago, mas poderia cagar, se eu falar

vou cagar na calça, ninguém pode reclamar, porque aqui a gente paga pra isso, uma nota preta pra sujar a cueca de merda em paz. Veja bem, não estou desmerecendo seu trabalho, aqui ninguém caga de propósito, é claro que eu, se cagasse, seria de propósito. Não, não é isso, você está me entendendo mal, não estou dizendo que seria capaz de cagar de propósito, mas sim que como não cago na calça, se cagasse, seria de propósito, entende? Ah, deixa pra lá, mania de advogado, esse vício no jogo de palavras. Ah, eu cago de noite, é mesmo rapaz, tinha esquecido que todo dia eu acordo de fralda, mas quase nunca é bosta, né? Na maioria é mijo, que é tranquilo, aliás, nem precisa mais botar fralda de noite, você tá pensando, Matheus, que sou desses velhos que cagam na calça, não mesmo, meu amigo, a partir de hoje nada de fralda. Hein, como você não pode tirar a fralda da noite? Eu pago a porcária desta clínica, na verdade meus filhos, mas com o meu dinheiro, minha porra de dinheiro que eu juntei a vida inteira mentindo pra juiz, te falei? E agora estão por aí, torrando tudo. O do meio é palhaço e não é xingamento não (se bem que é xingamento também) mas é palhaço, palhaço mesmo, cara pintada de branco, nariz de plástico, um troço ridículo, juro

Era como se todo mundo tivesse morrido, não só a galinha dura no meio do pátio

Maria Fernanda Elias Maglio*

bosque, piscina coberta, sauna, a quadra de tênis era quase do tamanho do apartamento em que morei depois que os filhos saíram de casa. Estou aqui há o quê, dois, três anos, nem sei mais, porque todo dia abro o olho e sei que vai ter um de vocês limpando minha bunda, não cansa, Matheus, hein, passar o dia limpando cu de velho? Agora é o quê, uma e meia? Nossa, três e quinze, o tempo passa, e a gente só morrendo devagar, deixa eu falar logo, porque depois das três e meia, te falei pra não acreditar no que digo depois das três e meia?

Deve ter sido em cinquenta e cinco, cinquenta e seis, tenho certeza de que foi antes de cinquenta e oito, porque na copa já tinha acontecido e eu não consegui nem me concentrar nas partidas, a cena não me saía da cabeça. Eu gostava de futebol pra caramba, de um jeito que essa molecada de hoje nem gosta. Meu neto, o Luís Felipe, ele você deve ter visto aqui, me visita uma vez por mês, junto com a Silvia, minha caçula, o moleque é doido por futebol, mas é diferente, sabe? Conhece a escalação do Manchester, usa chuteira do Real Madrid, uma frescura que na nossa época não tinha, a gente gostava da seleção e quatro



pra você, ridículo. Eu nunca vi, a Marcia que me contou, é a minha mais velha, ela você conhece, está sempre aqui. Ele nem teve coragem de aparecer, sabe que é capaz de eu quebrar a bengala no lombo dele, tanto esforço pra criar filho e essa cretinice de virar palhaço? E se não bastasse, a Marcia acha que é bicha, nunca viu com mulher e tal, sempre com esse pessoal do teatro que é só boiologem, todo mundo sabe dessa gente de teatro é um tal de um comer o cu do outro. Vou te falar, quando a Marcia me contou esse negócio dele ser veado, eu pensei, tomara que seja o homem da relação, que não tenha chegado ao cúmulo de dar o cu, porque imagina ele velho, numa casa de repouso igual a esta, os enfermeiros vão limpar a bunda e descobrem que é arrombado, ninguém respeita, meu amigo. Eu graças a Deus nunca, só bem menino no troca-troca, mas isso não conta porque a gente não perde prego na infância, recupera tudo. Deus fez direitinho, quando menino a gente aproveita, porque com um litro de hormônio no corpo vale qualquer coisa. Quando cresce não tem desculpa, é boiologem mesmo. Depois que o cara pode comer mulher, fuçar em cu de homem não dá.

* **Maria Fernanda Elias Maglio** nasceu em Cajuru-SP, é defensora pública e trabalha fazendo a defesa de pessoas pobres que estão cumprindo pena. Sempre foi apaixonada por literatura e há alguns anos escreve suas próprias histórias. Seu primeiro livro, "Enfim, imperatriz" (Patuá, 2017), venceu o Prêmio Jabuti 2018 na categoria Contos.

“A moça chegou tímida, eu estava tomando um café com a Rosa na cozinha, gostava de conversar com ela.

Foi em sessenta e dois, eu tinha o quê, dezoito, dezoito anos, não tenho certeza da idade, a gente ia direto na casa da Rosa, que era um puteiro famoso na cidade, só pra rapaz de boa família. Pé-rapado, gente sem sobrenome, ia no Club Night e a história se passa justamente no Night. Você ri, né, pois na época era nome chique, estrangeiro. Eu nunca tinha ido no Night, frequentava a casa da Rosa, que era outro nível. Parecia casa de família, sabe, até piano no meio da sala, quarto com cômoda de cerejeira, abajur, colcha de crochê, tricô, sei lá, só mulher pra saber dessas diferenças. A Rosa era exigente, pra começar só aceitava branca, podia ser até morena de pele, mas mulata de jeito nenhum. Uma vez eu vi uma mulatinha pedindo emprego, a diaba era bonita que só vendo, nem era tão escura, o cabelo não era liso, mas não chegava a ser crespo, o que denunciava era nariz e boca, essa dupla nariz-boca é fatal. A moça chegou tímida, eu estava tomando um café com a Rosa na cozinha, gostava de conversar com ela. Não, não, isso não foi com dezoito, dezoito, foi muitos anos depois, numa época em que eu tinha mais disposição pra conversa do que pra sexo, escuta o que eu estou te falando, uma hora isso acontece, vai acontecer com você também. A menina chegou bem vestida, maquiada, não fosse nariz e boca dava pra dizer que era moça de família, pediu emprego, a Rosa olhou de cima a baixo e falou que ela estava confundindo o endereço, que o lugar dela era no Night. A moça ainda disse, mas eu não sou preta, senhora, e a Rosa respondeu: também não é branca.

Estou te contando isso pra você entender o nível de exigência do lugar, não bastava não preta, tinha que ser branca, não era suficiente ser bonita, tinha que cheirar bem, não era só comer de boca fechada, tinha que parecer moça rica. Hein, não, não é preconceito nenhum, eu mesmo não tenho preconceito com gente de cor, mamei numa empregada preta que tinha em casa, minha mãe sempre contava isso, eu era raquítico, não pegava peso, daí ela me botou pra mamar na preta e eu ganhei corpo. A história que eu vou te contar é sobre isso também, gente preta.

Eu tinha essa idade que te falei, vinte ou vinte e um, estava enjoado da casa da Rosa, sei lá, o cheiro de perfume caro no pescoço das meninas, o palavreado fino, até o jeito de gemer era diferente, sabe, essas meninas da casa da Rosa eram na verdade um bando de pés-rapadas, tanto quanto as do Night, mas fingiam que não eram. Esse é o problema, entende? Quando a pessoa finge que é o que não é, ela está represando instintos, sabia? Li isso num livro de psicologia, gostava de estudar na época em que era advogado, falava essas coisas no tribunal, pegava bem. Fui no Night porque estava querendo ouvir gemido de verdade, sem instinto represado, não sei se você está me entendendo, Matheus, porque agora já está ficando tudo meio embolado, já deu

quatro horas? Meu Deus, a hora voa e a gente aqui só morrendo devagar. Que horas você tem que ir, Matheus, já tem que cuidar da bunda de outro velho? Hein, você vai ficar até às seis? Eles te pagaram, não foi? Estava na cara, não sei como não saquei antes, eu aqui pensando que sou mesmo bom de história, você cheio de serviço por aí, um monte de bunda pra limpar e aqui escutando minhas memórias. Agora estou me sentindo ridículo, um velho ridículo, quanto estão te pagando a mais? É coisa da Marcia, não é, certeza que foi ela, não entendo do que ela tem medo, que eu me mate? Não me matei a vida inteira, nem aos treze, quando meu pai me deu uma surra no meio da rua, nunca senti tanta vergonha na minha vida, nunca, nunca. Te contei essa? É, contei mesmo, não vou contar de novo, porque esses velhos que repetem, Deus me livre. Hein, o Night? Ah, é, a história do Night? Pois é, está vendo como não dá mesmo pra confiar, eu começo falando uma coisa e daqui a pouco estou falando de outra que nem sei, olha, Matheus, não é fácil ficar velho. Hein? Ah, você falou, você é o Carmo, Matheus é o da noite.

Então, a história do Night é aquele troço do pão-com-manteiga, conhece? Todo santo e maldito dia a gente come pão-com-manteiga e acha bom, só que tem uma manhã que a gente acorda com vontade de ovo cozido e não tem pão-com-manteiga que sacie nossa fome.

Eu lembro que era abril. Não tenho a menor ideia se era terça, quinta-feira, dia santo, sábado, não lembro nem a hora do dia, porque o Night era vinte quatro horas. É, meu amigo, satisfazia até os apetites matinais, se o portão de ferro estivesse fechado, era só bater duas palmas que uma das meninas vinha abrir. Na minha lembrança era fim de tarde, mas desde o começo te falei que só vou falar do que tenho certeza, longe de mim mentira, mas talvez tenha sido de manhã ou hora do almoço, o que eu tenho certeza é da urgência. Quantos anos você tem, Matheus, vinte e cinco, trinta? Trinta e dois, pois bem, então você deve saber que quando a gente tem vinte e poucos tudo pode virar urgência.

O portão de ferro estava fechado, bati três palmas e nada. Quatro, cinco, não tinha perigo de vizinho escutar porque o Night ficava no fim da cidade, já quase roça, casa só a trezentos, quatrocentos metros. O Night era vinte e quatro horas, te falei que não fechava nunca? Tinha até uma piada com o portão e as pernas das meninas, não lembro direito e piada a gente tem que lembrar direitinho, senão não tem graça. Era fim de tarde, já quase escurecendo, os postes da rua tinham acendido porque era um dia desses cinza, noite chegando antes da hora, devia ser junho. Hein? Deixa eu te contar a história, estou falando que a cabeça começa a embaralhar, por enquanto pode ir confiando, até às seis eu me garanto, você vai embora que horas, Matheus, seis e meia? Ah, tem que esperar o da noite, eu sei, até imagino a Marcia falando pra você: não deixa ele sozinho, só vai embora quando o outro chegar. Dureza ficar velho, nem quinze minutos de privacidade tenho mais, se eu quiser bater punheta, mastigar ranho duro, tirar cera de ouvido com a unha, essas coisas que a gente só faz sozinho, não posso. Por isso que sou a favor do suicídio preventivo, te falei dessa, o cara deve se matar enquanto tem

dignidade, privacidade pra punheta, catarro, cera. Um conselho que eu te dou, Matheus, não deixa passar dos setenta, setenta e dois no máximo. Nada pode vir de bom depois dos setenta e dois, o que tinha de acontecer, já aconteceu, meu amigo, depois só ladeira abaixo, imagine passar o resto da vida rolando sem parar, eu tenho o quê, setenta e cinco, oito, já fiz oitenta? Nem sei mais, porque chega uma hora que não importa, é tudo igual, todo dia é quinta-feira, um de vocês aqui, checando se eu caguei na fralda à noite, esse cheiro de álcool que não me desgruda o nariz, por que velho cheira a álcool, Matheus? É bem capaz que esse catarro seco tenha gosto de álcool, quem sabe é um jeito de ficar bêbado, eu tenho saudade, sabia, de ficar bêbado, tomava três doses de uísque e sentia que a vida era boa.

Ah, o Night? Não, não esqueci não, eu fico tergiversando. Conhece esta palavra, tergiversar? Pra você ver que eu ainda sou cultura, Matheus, oitenta anos e ainda sou capaz de te ensinar palavra, é isso que eu fico fazendo e juro pra você que não é de propósito, isso de eu ficar ensebando, fazendo rodeio, é o negócio que eu te falei, depois de determinada hora as histórias embolam, começo contando uma coisa e termino outra.

Bati cinco, seis palmas e nada, era de manhã cedo, não tinha ninguém na rua. Fiquei quieto para ver se ouvia som de gente levantando, café passado, barulho de manteiga derretendo no fogo. Nada, um silêncio que só tem no sono. Eu podia ter ido embora, voltava depois ou batia na casa da Rosa, lá não era vinte e quatro horas, mas para mim a Rosa sempre abria, porque eu era freguês, pagava direitinho, dava gorjeta.

Do lado do portão de ferro tinha uma mureta de quase um metro, o suficiente para esconder o jardim murcho, uma corda de varal amarrada em dois paus, uma cadeira de assento quebrado, uma dúzia de garrafas vazias, um urso de pelúcia com um olho só, uma galinha morta e um guarda-chuva aberto. Hein? Porra, Matheus, depois você reclama que eu fico tergiversando, quando eu engato na história você me interrompe, estou falando porque eu me lembro, não deu seis horas ainda, deu?

Pulei a mureta de um metro e me deparei com isso: margaridas murchas, blusas com furos de traça dependuradas no varal, uma cadeira de encosto de plástico e um buraco no lugar de sentar, as garrafas, o urso jogado no canto, um rombo no lugar de um olho, no outro uma bola de vidro marrom, o guarda-chuva aberto e a galinha morta. Não era coisa de macumba, nada disso, elas criavam galinha. No fundo da casa um galinheiro, umas vinte poedeiras, e nesse dia de abril, quando eu pulei o muro, uma das galinhas estava morta, as duas patas pra cima, igual cachorro fingindo, os olhos duros, que nem o olho que sobrou do urso, o bico meio aberto, deve ter piado até morrer. Nem sei por que te conto, não precisa registrar que isso não é importante pra história, nem devia ter te falado, porque galinha morta é um negócio que impressiona e aí você vai ouvir a história inteira pensando na porra da galinha, o que ela tem a ver com isso tudo e tal. Já te digo: nada.

Só falei porque foi o que eu vi, a galinha esturricada de barriga pra cima, um sol fervente que só pode fazer ao meio dia de uma segunda-feira

de janeiro. Entrei no quintalzinho desgraçado, do puteiro desgraçado e era tudo tão triste, que por algum momento até me esqueci de que eu tinha ido lá com uma vontade desgraçada de comer uma puta desgraçada. Um silêncio, meu amigo, parecia enterro, naquela hora em que o coveiro começa a cobrir, não dá para ouvir um grilo, só a pá golpeando, o barulho da terra espatifando sobre a madeira do caixão. Nesse dia era igual, o silêncio e tudo mais, tirando o som da pá, da terra. Nenhum barulho dentro da casa, nada, nada. Era como se todo mundo tivesse morrido, não só a galinha dura no meio do pátio, mas as galinhas vivas, o urso de um olho só, a meia dúzia de meninas que vivia na casinha. Talvez fosse mais, eu falei meia dúzia para falar alguma coisa, mas longe de mim mentir, podiam ser nove ou onze, de repente até treze, pareciam gêmeas. Treze meninas idênticas, a pele escura, mas não totalmente preta, os cabelos puxados no alto da cabeça, formando um ninho grosso, todas com um metro e cinquenta, um metro cinquenta e poucos, a mais alta delas devia ter no máximo um e sessenta e a mais pesada com certeza não passava dos cinquenta quilos. Crianças, pareciam crianças.

Não estavam todas mortas, já te adianto, esse negócio de suspense não é comigo. Se a Marcia está te pagando pra ficar aqui, não preciso fazer suspense, contar a história de um jeito que faça você querer ficar até o fim. Você vai ficar até o fim, não é, Matheus? É bom quando a gente não tem opção, porque a gente faz a coisa e pronto. Eu tinha opção demais, esse é o problema. Eu poderia enterrar a galinha e ir embora, eu poderia ter matado as galinhas vivas e enfileirado junto com a morta, poderia pular o muro de volta e fingir que nunca estive ali ou poderia dar um jeito de entrar na casa. Foi o que eu fiz.

A porta da frente estava trancada, a do fundo também. A casa tinha quatro janelas, na terceira eu consegui, o ferrolho estava girando em falso, foi só dar uma forçada, a janela abriu o suficiente pro meu corpo entrar. Um quadrado do vitró espatifou no chão, no silêncio daquela galinha morta, o urso de um olho só, as galinhas vivas sem piar. Nada, nem o vidro estilhaçando no chão provocou algum ruído além de vidro estilhaçando no chão. Não vou ficar perdendo tempo descrevendo a mesa de quatro lugares, que com certeza não abrigava todas as meninas de uma vez só, um fogãozinho a lenha tão pequeno que parecia de casa de boneca, estava apagado e em cima duas panelas, abri as duas, uma com leite talhado e a outra vazia, ainda suja de raspa de arroz, sopa, batata amassada, uma coisa assim. Do lado da cozinha o banheiro, que devia ser o único da casa, a privada verde, uma banheira engordurada de lodo, uma porção de coisa de mulher na bancada da pia: grampo, batom, pó de arroz, escovas de dente, de cabelo, tufo de cabelos crespos nas escovas, vidrinho de esmalte, de perfume, bobes e até um copo de água com uma dentadurinha mergulhada, digo isso porque era muito pequena mesmo, uma imitação minúscula de uma arcada dentária, os dentes de mentira pareciam de leite.

A casa toda tinha um cheiro que até hoje não sei, porque era uma mistura de um monte de coisa que não deveria se misturar: éter, leite com açúcar queimado, vinho barato, talco, peido, cabelo mal lavado, abóbora cozida. O curioso era que não

tinha cheiro de sexo, nada, nada, a gente que é homem conhece, né, Matheus, o cheiro. Que foi, acha que é mentira, que eu não conheço cheiro de sexo? Rapaz, pois quando você nasceu eu já devia comer sua avó. Não, não, desculpa, eu não queria ser grosseiro, é que depois das seis eu fico avariado, a cabeça até dói, são as ideias querendo se ligar umas nas outras. Ah, os cheiros, você está duvidando dos cheiros, pois te digo, Matheus, eu sou um tipo desses cachorros perdigueiros, quando menino ganhei até concurso sabia, nunca ouvia falar desses concursos de cheiro, moda nos anos quarenta? Fui bicampeão estadual na categoria 7 a 12 anos. Sabe o único cheiro que eu errei? Você não vai acreditar: urina. Sim, urina, o mais óbvio, o que não errava ninguém. Deve ser por isso que nessa confusão do cheiro não tinha urina, porque eu devo ter uma deficiência para reconhecer amônia e sangue filtrado. Certeza que a casa também cheirava a urina, treze meninas mijando sem parar, aquilo devia ser uma fedentina de mijó, mas eu não senti, juro pra você.

Segui o corredor e não tinha nada de móvel, só imagens de santo de tudo quanto é tamanho no chão, não vou te dar a lista porque de santo eu não conheço, até sei que tem São Judas Tadeu, Santo Antônio, João, a porra toda, mas qual a diferença, não tenho ideia, eu sei que tinha uma porrada de santo no chão, alguns do tamanho de uma criança pequena, vários de cabeça lascada, braços quebrados, pingos de vela.

Depois dois quartos, o primeiro com a porta aberta, três beliches, nada de colcha, travesseiro, só colchão. Não tinha guarda-roupa, cômoda, nem nada disso, mas uma montanha de sapatos no chão. De homem, criança, mulher, tudo misturado, sem par, formando uma torre que chegava até o teto, coisa de doido. Um outro quarto de porta encostada, não dava para ver nada pela fresta aberta, mas saía um gemido, um choro, uma risada bem baixinha. Não sou homem de medo, juro pra você, já vi muita coisa nesta vida, gente morrendo, matando. Como advogado então, vi coisas que até o diabo duvida, mãe sufocando filho de berço, marido esquartejando mulher pra guardar em mala, neto estuprando avó. Nessa hora eu tive medo, Matheus, não vou mentir pra você porque o tempo de mentira acabou, agora eu com setenta e seis, devo viver mais o que, três, quatro anos, de repente menos, porque se o meu do meio, o que virou veado, me aparece aqui agora é capaz de eu morrer de desgosto, assim, pá, cair duro.

Sabe o que mais me lembro desse dia? A sensação iminente de enlouquecer, naquele instante, a porta ainda encostada, o gemido escapando daquele escuro, eu tive a certeza de que estava prestes a endoidar e desde então é o sentimento que me acompanha. Agora não porque já foi, Matheus, a esperança das ideias em ordem foi pro buraco junto com essas horas que vão passando sem parar.

Fico pensando se a vida teria sido diferente se eu não tivesse empurrado aquela porta, acendido a luz, visto as meninas todas ao redor de uma cama de casal, fazendo um círculo, mas sem dar as mãos, os cabelos soltos, estavam tão perto umas das outras que os fios de uma se confundiam com os fios que saíam do couro cabeludo da outra. Uma das meninas sentada de pernas dobradas

em cima da cama, podia ser a segunda, a quinta, a décima terceira, eram todas iguais, juro pra você. Diferente das outras, que vestiam camisola ou vestido, estava sem roupa nenhuma e de um dos seios pingava um leite perolado e no outro mamava alguma coisa que não era criança, nem bicho e era daí que vinha o barulho de gemido-choro-risada, uma criatura do tamanho de um bebê recém-nascido, talvez um pouco menor, é, devia ter um palmo aberto, um e meio, nenhuma criança nasce tão pequena. Tinha braços e pernas, a pele era escura, mas tinha um tom verde, uma camada fina de penugem esverdeada e o crânio não tinha cabelo nenhum, muito mais claro que o corpo, dava para ver as veias fluorescentes emaranhadas debaixo na pele, não vi boca, olho, nada, porque o rosto estava voltado para o seio e devia sugar o leite perolado.

Mesmo eu tendo acendido a luz, aberto a porta com força e exclamado puta que pariu, ninguém se virou pra mim, nem interrompeu a vigília, a criança que não era criança não parou de mamar, a que dava o peito não parou de amamentar e as outras todas ficaram lá, do jeito que estavam. Era bizarro, claro, mas era triste também e quando você tem uma coisa que é triste demais ela não pode ser nada além de triste, se você vê uma cena que não é completamente triste, ela pode ser triste e alegre, triste e engraçada, triste e bizarra, mas tristeza de verdade, é triste e só.

Nada mudou, nada, nada. Eu saí, da mesma forma que entrei, antes apaguei a luz do quarto e encostei a porta, fiz o caminho de volta, vi de novo o quarto de sapatos, a fileira dos santos esfolados, banheiro, cozinha, fogão apagado, galinha morta, urso, olho do urso, as galinhas vivas pareciam mais mortas agora, um fim de tarde demorado de sol, próprio de fim de verão, devia ser março.

Nunca mais tive coragem de entrar. Passava em frente, o portão aberto, de vez em quando via uma das meninas na porta, escutava galinha piando. Depois até fui estudar, pesquisei se existem bebês que nascem com o corpo coberto de penugem verde, veia fluorescente na cabeça. Nada.

Você é a segunda pessoa pra quem conto essa história e faz o quê, cinquenta, sessenta anos. Antes contei pra Rosa, porque ela acabou admitindo uma mocinha que tinha trabalhado no Night, já eram outros tempos, não pegava bem a regra rígida em relação à cor. A Rosa perguntou pra menina na minha frente, perguntou na lata, dos sapatos, dos santos, do bebê encapado de lodo. A moça olhou pra baixo e disse não sei de nada não senhora e estava mentindo, se tem uma coisa que eu reconheço nesta vida é mentira. O engraçado é que ela não tinha idade pra ter vivido aquele dia, aquelas meninas todas já deviam passar dos quarenta. Mas ela sabia de tudo, não sei como, mas sabia. E devia estar tudo ligado, a montanha de botas, chinelos, tamancos, as imagens de gesso, a panela de leite talhado, o urso caolho, vai ver até a galinha morta. Táí, ainda bem que te contei da galinha, porque certeza que tem alguma coisa a ver, eu só não sei o que, mas deve ter, acaso só em filme, na vida real não tem acaso, meu amigo, é tudo intenção, propósito.

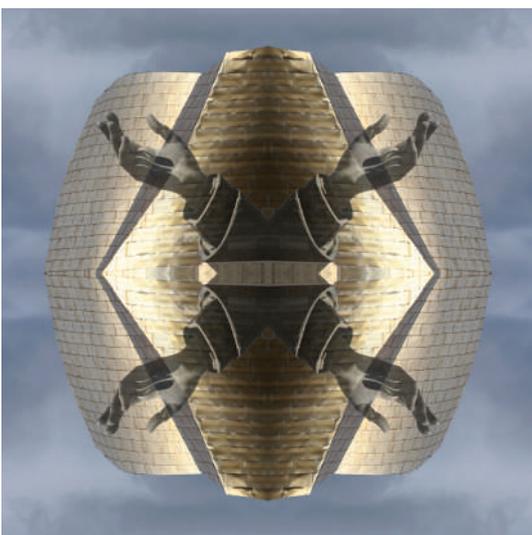
Já vai dar seis e quinze, daqui a pouco o enfermeiro da noite chega, é Matheus o nome dele, não? Se quiser já pode ir andando, Carmo, tira a minha fralda antes, se eu for cagar, aviso.



fotografia

Objetos voadores

Em novo trabalho, o fotógrafo **Sander Riquetti** desafia a percepção sobre a cidade. — por **Hertz Wendel de Camargo**



INVADIDA POR OBJETOS flutuantes nos céus urbanos, a *Tinteiro* apresenta *OVNIH – Objetos Voadores na Incredibilidade Humana*, o mais recente trabalho do fotógrafo e artista plástico curitibano Sander Riquetti. Estamos diante de imagens fotográficas que, depois de manipuladas, criam outros sentidos para a cidade, buscando revirar, na relação entre as pessoas e o imaginário, representações cambiantes dos espaços urbanos. Os novos corpos celestes flutuantes remetem a um dos mais ancestrais gestos humanos: olhar para o céu e refletir sobre nosso lugar no universo.

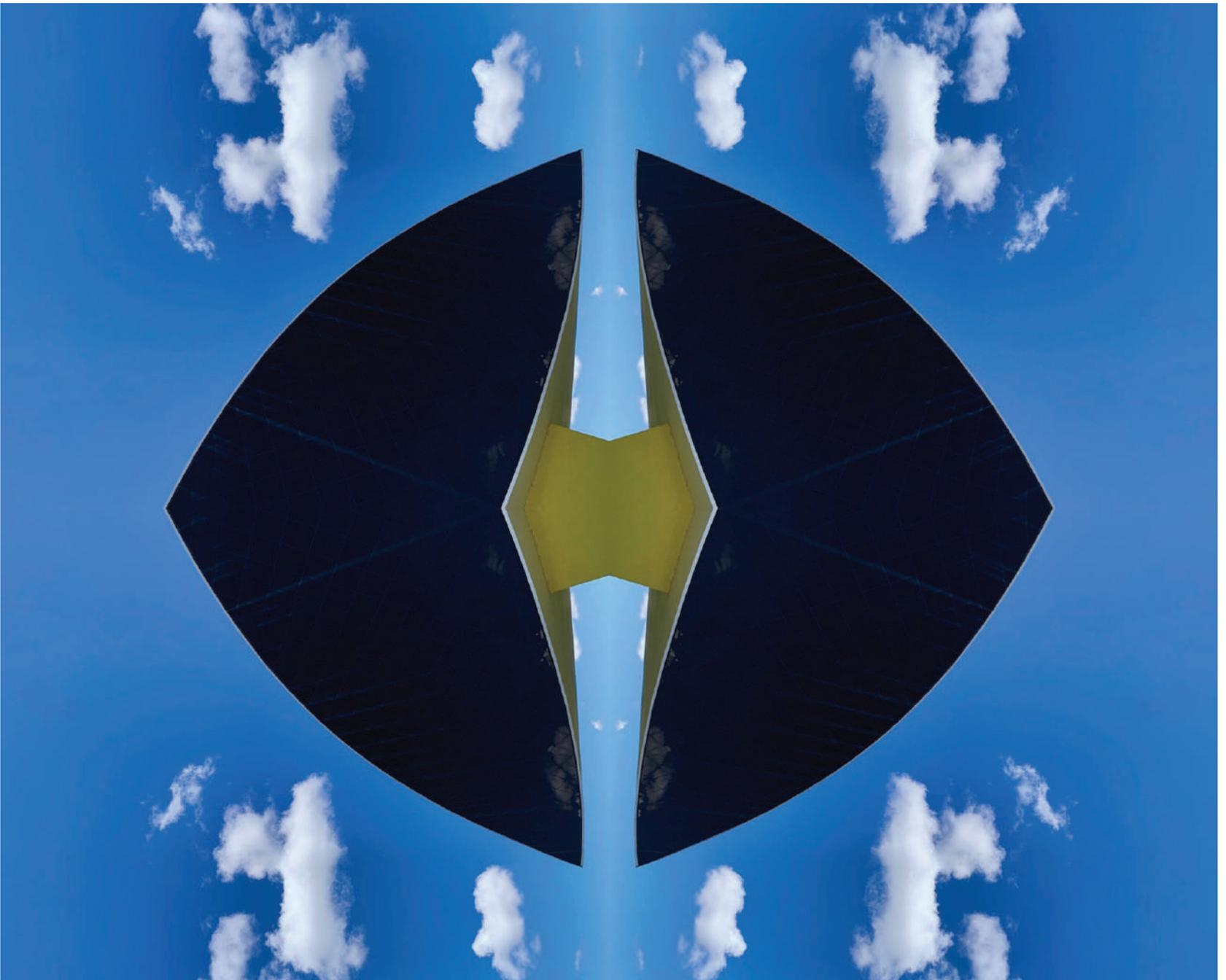
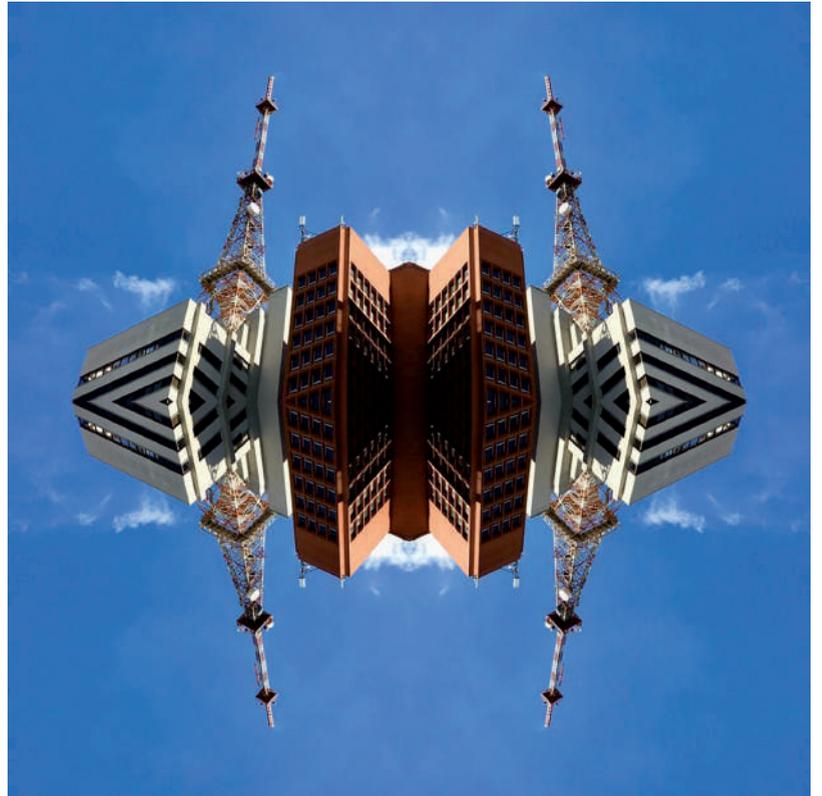
As imagens recontam uma passagem do livro *Filosofia da caixa preta* (2009), do filósofo Vilém Flusser, segundo o qual estamos cercados pelas imagens e seus sistemas *output* que promovem uma circulação anestesiante em razão da qual as visualidades perdem seu efeito sobre nós. A fotografia está na mídia, nos livros, nos filmes, nas roupas, em cartazes, esquinas e pensamentos. A fotomontagem, inspirada nos aplicativos desenvolvidos para mídias sociais, é um convite a mover os prédios de seus lugares, de suas posições, virá-los do avesso, expondo assim a visão particular de mundo do fotógrafo. É por meio do ato de revirar as imagens da cidade que o trabalho de Riquetti permite que enxerguemos a própria cidade de outro ângulo, como crianças brincando debaixo da mesa do jantar.

“Depois da manipulação, a cidade parece um corpo estranho (e ao mesmo tempo íntimo) flutuando nos céus.

No cenário urbano, a arquitetura ganha outros contornos ao ser focalizada pela objetiva da câmera e pelo espelhamento narcísico da montagem. As formas podem ser exploradas, os espaços repensados, o imobiliário integrado à gramática visual das ruas. Susan Sontag, em *Sobre fotografia* (1994), afirma que as imagens fotográficas não são manifestações a respeito do mundo, mas seus fragmentos que, em excesso, revelam nossa promíscua relação com a realidade. Se, por um lado, a fotografia é a magia que brinca com a escala do mundo, por outro, ela também pode ser reduzida, ampliada, retocada, adulterada. Riquetti mexe com as imagens e elas mexem com o nosso olhar. “Montar não é apenas agrupar, sobrepor, combinar planos, mas ter a possibilidade de gerar um novo sentido e [atribuir] conceito às partes e a um todo”, explica o fotógrafo.

Hoje, “tirar fotos” é um ato democrático, tornado disponível pelos vários tipos e formatos de aparelhos fotográficos e de celulares. Tudo evoluiu com o tempo. Por meio dos celulares, a fotografia torna-se prática, acessível e deixa à disposição esse “poder” de captura e imobilização do instante. É o poder de possibilitar que uma imagem nasça imprevisivelmente num passeio pela Avenida Paulista (São Paulo), pela Praça Santos Andrade ou pelo Museu do Olho (Oscar Niemeyer), em Curitiba.

Depois da manipulação, a cidade parece um corpo estranho (e ao mesmo tempo íntimo) flutuando nos céus. Gera imagens vinculadas ao fascínio pela possibilidade de existência de vida extraterrestre e pelo deslocamento no espaço. Assim, o trabalho de Riquetti recorda a ficção científica; pelo momento social vivido, sugere-nos a ideia de podermos nos transportar a outro lugar, a um novo planeta, um novo lugar para existir, sem resistir.





“ A fotomontagem, inspirada nos aplicativos desenvolvidos para mídias sociais, é um convite a mover os prédios de seus lugares [...].

Biografia

Sander Riquetti é natural de Capinzal, SC, nascido em 15 de agosto de 1970. Mora em Curitiba desde os anos 1990, quando se graduou no curso de Bacharelado em Informática da Universidade Federal do Paraná. Em 2006, durante o curso anual de Fotografia do Centro Europeu, conheceu o artista plástico Edilson Viriato. Entre os anos de 2007 e 2012, frequentou o Atelier Livre de Arte Contemporânea Edilson Viriato. Participou de várias exposições coletivas de arte, salões de artes nacionais, mostras internacionais e salões de fotografia, conquistando algumas premiações e menções honrosas. Em março de 2011, realizou a sua primeira exposição de arte individual com fotografias, chamada *Outras Imagens*, em Ponta Grossa, PR, na Galeria de Artes da Proex (UEPG). Em março de 2012, realizou um exposição de arte individual com fotografias chamada *in(REAL)*, no Espaço Cultural BRDE Palacete dos Leões, Curitiba, PR. Entre 2010 e 2011, cursou especialização em Artes Visuais: Cultura e Criação, no Senac-EAD. Entre 2015 e 2016, realizou o projeto *desLOC(...)*, através do Edital 205/11 – Mecenato Subsidiado 2012 – Modalidade Não Iniciantes, pela Fundação Cultural de Curitiba, com a realização de exposição de arte individual e com um catálogo do projeto realizado. Entre 2013 e 2017, fez curso superior em Gravura, na Unespar – Campus I da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap). Entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019, apresentou sua mais recente exposição individual, chamada *desLOC(...)*, no Museu da Fotografia Cidade de Curitiba. Desde junho de 2017 frequenta o atelier de gravura do Museu da Gravura do Solar do Barão – Curitiba, PR.

olhares

Diversidade cultural

Ou “para não sermos mais os mesmos”. — por **Leandro Franklin Gorsdorf***

EXPERIENCIAR A DIVERSIDADE cultural, seja como autor ou como leitor, leva-nos a outro mundo, a novas situações, a novos sujeitos, ao encontro com o OUTRO. Pensar a diversidade é pensar a multiplicidade, um processo de abertura intrínseco, ao passo que cada momento agrega-se a novas dimensões.

A diversidade deve ser entendida como contraponto ao uno, ao homogêneo, ao padronizado, ao estabelecido, demarcando assim novas fronteiras, novas cartografias. Novas brechas nas literaturas então são abertas: refreia-se a reprodução, incendeia-se a criação. Apostar na

diversidade cultural é apostar em novas narrativas, novas estórias/histórias, novos personagens, novas situações que se apresentam a nós, como mecanismos de estranhamento ou de reconhecimento.

Somos afetados por essas interações, pois elas nos proporcionam experiências estéticas sensíveis, desencadeando capturas dessas forças, modificando nossos corpos. Contudo, para que seja possível o exercício da escrita e da leitura da diversidade cultural há um pressuposto atávico: a Liberdade.

É por esse motivo que este número da *Tinteiro*, revista anual da Editora UFPR, apostou nessa temática; primeiro, pelo compromisso de buscar novos olhares e, em segundo lugar, por ser esta publicação uma iniciativa que parte de dentro da Universidade Pública, casa por excelência da garantia da re(e)xistência da diversidade cultural.

Esta revista tem sentido e lugar nos tempos de hoje: fazer circular vozes, palavras, reorientar nossas ações diante do mundo, elaborar campos de esperança. Após a experiência literária atravessada pelas contingências da diversidade cultural, como diria Deleuze (1995, p. 17) “não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados”.

* Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf é Pró-reitor de Extensão e Cultura da UFPR; e Professor de Direitos Humanos do Núcleo de Prática Jurídica da UFPR.

“

Somos afetados por essas interações, pois elas nos proporcionam experiências estéticas sensíveis, desencadeando capturas dessas forças, modificando nossos corpos.



CHRIS BARBAUS



universidade

Poiésis: Caminhadas Literárias

Sete anos do evento de extensão da UFPR sobre literatura. – por **Diamila Medeiros** e **Guilherme Bernardes**

EM 2019, O POIÉSIS – Caminhadas Literárias, evento de extensão da UFPR, chegou ao sétimo ano consecutivo, motivo de sobra para comemoração. A ideia do projeto, desde seu início, é de apresentar palestras realizadas pelos professores da graduação e da pós-graduação em Letras sobre obras literárias de diversos estilos, temas e épocas, para o público acadêmico e, especialmente, para a comunidade externa à Universidade.

A concepção inicial do projeto partiu de um grupo de alunos da graduação em Letras-Português que tinha dois grandes interesses: incentivar a leitura e divulgar não só obras literárias pouco lidas, mas também as muitas pesquisas dos professores do curso que acabam circulando por espaços muito restritos e especializados. A questão do incentivo à leitura é quase óbvia: todos ali eram leitores e tinham inúmeras questões pessoais atravessadas pela literatura, razão pela qual haviam escolhido o curso de Letras. Então, nada mais apropriado do que encontrar um modelo de evento que pudesse instigar nos outros o gosto pela leitura. Em relação à divulgação das pesquisas e das obras, o que interessava era democratizar conhecimento e diluir as barreiras da Universidade.

Em um primeiro momento, a proposta era realizar três grandes ciclos, um em cada ano, a partir de 2013, para debater obras agrupadas sob três rubricas: épico, romance e poesia. Desse primeiro ciclo, houve um total de 36 palestras, sobre obras como *Odisseia*, *Os Lusíadas*, *A divina comédia*, *Ulysses*, *Grande sertão: veredas*, *A paixão segundo G.H.*, entre muitas outras. Porém, quando o fim desse ciclo chegou, foi possível perceber, obviamente, que ainda havia muita coisa para ser contemplada, o que acabou fazendo com que o projeto continuasse. As palestras que eram de quatro horas – com duas horas de explanação teórico-crítica e duas horas de leitura da obra – passaram a ser de duas, o que não interferiu na qualidade e eficácia das apresentações. Porém, o fato de serem sempre aos sábados, no período da tarde, não se modi-



DIVULGAÇÃO

ficou, já que esse é um horário capaz de atrair muitos públicos diferentes.

Em 2016, o Poiésis promoveu, então, um circuito para pensar a literatura em interface com outras áreas do conhecimento, como Psicanálise, Antropologia e Filosofia. Esse foi um ano mais tranquilo com apenas seis palestras. Mas, em 2017, a proposta voltou a ser a de apresentar obras literárias e o tema escolhido foi “Literatura Brasileira do Século XXI”, com palestras sobre Daniel Galera, Ana Martins Marques, Veronica Stigger, entre outros artistas brasileiros contemporâneos. Já em 2018, pegando carona nos importantes movimentos feministas que têm buscando promover as obras de diversas autoras normalmente negligenciadas, o ciclo de obras do Poiésis se chamou “Escritoras” e apresentou nomes conhecidos como Virginia Woolf e Gertrude Stein ao lado de nomes mais esquecidos como Lúcia Miguel Pereira e George Sand.

Para 2019, a proposta do evento é de tensionar a ideia de “margem”, abordando autores e autoras que se relacionam de maneiras diversas

com esse conceito. Envolve aqueles cuja escrita acaba se colocando como marginal se comparada ao cânone literário, seja por escreverem em línguas menos prestigiadas ou por serem de origem geográfica e historicamente relegada à margem, seja por fazerem abordagens de temáticas LGBT em suas obras ou até mesmo pela distância temporal entre nosso mundo e o mundo daquilo que lemos. Dessa maneira, é possível perceber como a ideia de uma margem estática, se comparada à fluência do rio, não reconhece os inúmeros movimentos produzidos “pelas margens”. Entre os autores abordados estão Ali Smith, Mario Bellatin, Leila Slimani e Patrick Chamoiseau.

O evento foi concebido e tem sido organizado por um grupo de estudantes do curso, sempre sob a coordenação de um professor. Essa equipe já se modificou nos últimos sete anos, mas a ideia é que o evento permaneça, sendo repassado de geração em geração de alunos, com o intuito de continuar diminuindo barreiras entre os leitores, as obras e a Universidade.

catálogo



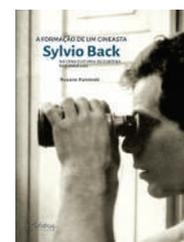
**O som do filme:
uma introdução**
Rodrigo Carreiro
(Organizador)

Cinema



**Trincheiras, resistências
e utopias pedagógicas:
escolas alternativas
em Curitiba durante a
ditadura militar**
Maria Rosa Chaves Künzle

Educação



**A formação de um
cineasta. Sylvio Back na
cena cultural de Curitiba
nos anos 1960**
Rosane Kaminski

Cinema



cultura

A arte como resistência

Projeto cultural fomenta diferentes artes em Curitiba – por **Hertz Wendel de Camargo**

“

Em dezembro, a programação terá o audiovisual, a fotografia e as artes visuais como linguagens artísticas de resistência.

EM 2019, O ART SESSION, projeto cultural criado em 2017 por dois amigos formados em comunicação institucional pela UFPR, traz a Curitiba diversos eventos culturais e workshops artísticos em seu terceiro ano. Trazendo a literatura, o audiovisual e o teatro para o debate central, Curitiba celebrará a arte como forma de resistência social e política com o objetivo de discutir o papel da cultura para a reflexão sobre o Brasil atual. A programação extensa contará com dois grandes eventos, além de diversos workshops ao longo do ano.

O primeiro evento de 2019, o *Art Session 2019: Literatura*, foi realizado no dia 18 de maio no Oz Espaço Criativo, no centro de Curitiba. Promovido em parceria com a Editora UFPR e com a Carol Gaertner Escrita Criativa, o tema do evento foi pautado no tema “A Literatura Resiste”. A noite contou com a participação de grandes artistas e convidados como Hertz Wendel de Camargo, representante da Editora UFPR e finalista do prêmio Jabuti em 2014; Lua Cyríaco, co-proprietária da Editora LaboraLivros; Dan Porto, escritor e poeta e autor do livro *A cura da aids*; e, por fim, Caroline Gaertner, escritora e autora de *O que esperar além: cenas para um pós-epílogo*. O evento contou com um bate-papo entre os convidados e o público, além de uma palestra ministrada pelo professor de Filosofia, escritor, compositor e poeta Dalton Luiz Gandin sobre a literatura como forma artística de resistência.

Além disso, o poema *Canto de olvido*, escrito por Coltrane, e o conto *Gotas, chuvas e coletivos*, escrito por Otávio Henrique Simiano do Bomfim, foram premiados pelo Edital Art

Session 2019 de Literatura. A premiação deu aos vencedores o Troféu Art Session 2019, que recebeu dezenas de obras literárias de todo o país entre fevereiro e abril.

Conexões em Movimento – Em dezembro, a programação terá o audiovisual, a fotografia e as artes visuais como linguagens artísticas de resistência. O evento acontecerá dia 7 de dezembro com o *Art Session 2019: Brechas Urbanas – Conexões em Movimento*. A programação será recheada e variada, com uma exposição de artes visuais e fotografias abordando a arte urbana de Curitiba, além de diversos *Talks* especiais com artistas convidados e muita interação com o público. O evento contará também com muita música e gastronomia, no Oz Espaço Criativo – *coworking* no centro de Curitiba que têm se tornado a casa dos eventos da produtora. Haverá a exibição do curta-metragem convidado *Tortura tem cor*, com direção de Pedro Biava e produção do Coletivo ReVira-Lata de São Paulo. O evento também contará com a premiação e a exibição do vencedor do Edital Art Session 2019 de Audiovisual na categoria Melhor Curta-Metragem, recebendo o Troféu Art Session.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Site Oficial: www.artsession.com.br

Facebook: www.facebook.com/ArtSessionOficial

Instagram: @ArtSessionOficial

Editoras universitárias, até quando?

Além de refletir sobre a minha própria experiência, estava empenhado em traçar um panorama da edição universitária no Brasil. – por Paulo Franchetti

EM 2012, QUANDO A EDUSP fez 50 anos, foi realizado um notável simpósio, que reuniu editores de algumas das mais importantes editoras universitárias do mundo. Na ocasião, como dirigisse a da Unicamp, fui convidado a apresentar um depoimento e alguma reflexão sobre o trabalho e as perspectivas da edição acadêmica no Brasil. Nesse evento, pela primeira vez se descortinou para mim uma perspectiva internacional, e pude verificar, nas falas dos convidados, as zonas de convergência e de radical diferença no trato do livro universitário nos vários países ali representados. Os textos foram posteriormente coligidos no volume *Livros e universidades* (2017), ao qual voltei há poucos meses com muito proveito, na preparação de uma conferência a fazer no Instituto de Estudos Brasileiros de Coimbra. A diferença é que, dessa vez, além de refletir sobre a minha própria experiência, estava empenhado em traçar um panorama da edição universitária no Brasil e, sobretudo, em encontrar uma explicação para o seu extraordinário crescimento em número e qualidade nas décadas de 1990 e 2000.

Nesse processo, voltei à minha singela colaboração ao *Livros e universidades*, que agora passava a ser a parte final do novo texto, com várias alterações: cortadas umas tantas páginas, sobre uma questão que já não vem ao caso (os motivos e propósitos da recém-constituída Liga de Editoras Universitárias), outras acrescentadas, hierarquizando-se melhor as questões decisivas que ali se apresentavam. Acresce que essas questões eram dinamizadas pelas reflexões ao longo do texto, que abriam uma perspectiva nada otimista sobre o futuro das editoras universitárias em nosso país. Assim que terminei o texto, enviei-o a Plínio Martins Filho – com quem tanto aprendi e a quem devo muito do que pude fazer ao longo de 11 anos de trabalho editorial –, para que me dissesse o que achava. Com alegria ouvi dele a resposta decisiva, sobre a pertinência do que ali expunha: “Eu gostaria de publicar!” Vinda de um editor, e desse editor em especial, não há melhor avaliação. Mas o texto já tinha destino. Entretanto, aventou ele a possibilidade de publicar nesta revista a parte final, que era a retomada de questões que tinham surgido em 2012, agora filtradas por seis anos de acontecimentos marcantes na configuração do poder federal e na economia das universidades e, em consequência, de suas editoras. E é essa parte que aqui se transcreve, com a esperança de que o tom algo elegíaco em que deságua a reflexão não se justifique plenamente ao longo dos próximos anos.

“Editoras universitárias para quê?” A resposta

a esta pergunta varia muito, conforme o perfil da editora, do ponto de vista da sua vinculação: uma coisa é formular essa questão quando se trata de uma editora vinculada a uma universidade pública, outra, quando pertence a uma universidade privada.

É que para as editoras de universidades privadas a principal questão que o setor público pode formular, assim como o mercado tem formulado, não se apresenta: ou seja, qual o sentido e a propriedade de destinar recursos públicos à atividade editorial no âmbito da universidade? Nesse sentido, embora produza livros para o mercado universitário, uma editora de universidade privada é, no final das contas, uma editora privada, sujeita à discricção e conveniência do proprietário ou da instituição mantenedora.

De mais a mais, quando analisamos o panorama editorial brasileiro, é evidente que a contribuição realmente inovadora em termos de edição e de construção de catálogos de primeira linha se circunscreve às editoras vinculadas a universidades públicas – mesmo que, na sua forma de atuação, sejam relativamente inde-

pendentes da máquina estatal, como é o caso da Editora da Unesp, que é uma fundação pública de direito privado. Isto é, uma fundação que não tem fins lucrativos, que é dirigida por um conselho curador em que o órgão público tem poder decisório e cujo patrimônio, em caso de dissolução, retorna à universidade.

como etapa formativa, ou pode ser consultada em forma eletrônica. Já a produção posterior ao doutorado, nas áreas de exatas e tecnológicas, sempre se difundiu por meio de periódicos especializados e indexados, preferencialmente em inglês. Apenas nas áreas das humanidades a forma tradicional de divulgação de pesquisa tem sido o livro. Mas, justamente nessas áreas, não parece difícil encontrar interesse de publicação dos trabalhos de mais impacto por editoras comerciais de primeira linha. Além disso, a pressão para uniformizar a avaliação da produção de pesquisa nas áreas de humanidades com a das áreas das ciências naturais tem sido tão forte, que é cada vez menor o número de livros concebidos desde o início como monografias – com exceção das monografias de fim de curso de mestrado e doutorado, que, por sua vez, são de imediato divulgadas em forma eletrônica.

Restariam, portanto, os livros didáticos produzidos pelo corpo docente da universidade, mas justamente nesse campo é difícilima a competição de trabalhos desenvolvidos localmente, com manuais elaborados por equipes de pesquisadores e testados e aperfeiçoados ao longo dos anos. E há um fator que não pode ser desprezado: uma editora universitária raramente consegue, por conta da sua própria forma de produção e distribuição, oferecer aos autores de bons livros didáticos de circulação ampla as mesmas condições concedidas pelas editoras comerciais especializadas.

Por outro lado, é verdade que uma boa parte dos resultados da pesquisa acadêmica que demanda a forma de livro não desperta – ao menos no Brasil – o interesse das editoras de mercado, seja porque se destina apenas a um conjunto relativamente pequeno de especialistas, seja porque o assunto não esteja na moda ou não ocupe um lugar importante nas preocupações do presente. Mas, do ponto de vista da divulgação dos resultados da pesquisa, esse pequeno conjunto de obras não justificaria a constituição e a manutenção de uma editora: muito mais econômico e eficaz, do ponto de vista da difusão, seria, para a universidade, subvencionar de alguma forma a publicação de obras de seus pesquisadores por editoras comerciais ou – o que tem sido uma reivindicação e uma tendência nos últimos anos – disponibilizar gratuitamente à comunidade o fruto do trabalho de pesquisa por ela financiado com salários, instalações, equipamentos e custeio.

Não parece razoável, portanto, criar e manter uma editora tendo como finalidade principal divulgar a produção de pesquisa gerada na própria universidade – mesmo quando essa

“ É verdade que uma boa parte dos resultados da pesquisa acadêmica que demanda a forma de livro não desperta – ao menos no Brasil – o interesse das editoras de mercado

pendentes da máquina estatal, como é o caso da Editora da Unesp, que é uma fundação pública de direito privado. Isto é, uma fundação que não tem fins lucrativos, que é dirigida por um conselho curador em que o órgão público tem poder decisório e cujo patrimônio, em caso de dissolução, retorna à universidade.

A reação mais simplista é afirmar que uma editora universitária se justifica por ser um canal de difusão da produção da própria universidade. Ora, a pesquisa realizada nos níveis iniciais da carreira acadêmica, quais sejam, a iniciação científica e o mestrado, de modo geral, ou não tem interesse para além da sua realização



universidade se distingue pela pesquisa de ponta. Fosse esse o objetivo principal, já essa editora traria uma pesada marca de origem, pois nesse caso a endogenia não é um bom caminho para a qualidade, e ter como objetivo principal abrigar a produção interna tem sido o caminho curto – principalmente nas universidades sem expressiva produção científica e cultural – para o rebaixamento do interesse e da respeitabilidade do catálogo.

Tanto é assim que uma análise rápida do catálogo das mais conceituadas editoras universitárias do país – justamente aquelas cujas universidades se destacam no panorama internacional de pesquisa – permite verificar que, seja qual for a proporção de autores da casa nele representados, uma parte muito significativa dos seus títulos é constituída de livros produzidos por docentes e pesquisadores externos.

Na verdade, uma análise desses catálogos, por mais rápida que seja, permite dividir a produção em dois grandes blocos: livros originalmente escritos em português e livros traduzidos. E esses dois blocos se dividem por sua vez em três outros: livros de referência para a pesquisa nos vários campos do saber, livros que apresentam inovações significativas nas suas áreas de conhecimento e livros destinados à utilização em sala de aula, normalmente agrupados em coleções específicas e temáticas.

E aqui já se delineia uma boa razão para uma grande universidade possuir uma boa editora: sem prejuízo da publicação da pesquisa de qualidade realizada na instituição, as editoras das grandes universidades atuam de forma decisiva na composição de bibliotecas acadêmicas, por meio da publicação seletiva de trabalhos produzidos no país e do investimento na tradução de obras fundamentais para os cursos universitários de graduação e pós-graduação.

É certo que as editoras de mercado também se dedicam ao segmento acadêmico e publicam também esses três tipos de obras, inclusive com mais agilidade de produção e difusão. Mas aqui se delineia um segundo motivo para ter uma editora: o que distingue uma boa editora universitária de uma editora de mercado é que o argumento decisivo para a publicação de uma obra não é o retorno financeiro, mas sim o acadêmico, ou seja, o impacto da obra na consolidação, na expansão ou no aprimoramento de um determinado campo do saber. Assim, entre uma obra de qualidade inferior que promete retorno auspicioso do investimento e uma obra de qualidade superior que, na melhor hipótese, permite prever a recuperação do investimento ao longo de um período largo de tempo, não há dúvida sobre qual a escolha de uma boa editora universitária.

Por não visar ao retorno imediato, uma editora universitária pode contemplar de modo diferente a publicação de obras de um campo do saber já consolidado e de um campo do saber ainda em formação no país, assumindo os custos de fazer livros para leitores potenciais que só existirão a partir do momento em que um conjunto significativo de livros daquela área específica estiver disponível no mercado. Da mesma forma, uma editora acadêmica, apoiada em pareceres especializados, pode optar responsabilmente por investir numa obra ou numa série de

obras que só a médio ou longo prazo produzirão resultados, seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista científico e cultural. Mais que isso: uma editora acadêmica não foge aos seus objetivos, nem trai os seus princípios (pelo contrário) se constatar que vários de seus títulos não produziram nenhum lucro, embora tenham contribuído para o aprimoramento do saber.

O diferencial da editora universitária se apresenta ainda com clareza quando se considera o seu catálogo de traduções. Um livro traduzido e bem revisado por um especialista implica investimento enorme, como todos sabemos. Primeiro, é preciso fazer um adiantamento ao editor estrangeiro, para obter a licença. Depois, é preciso investir na tradução propriamente dita, bem como na revisão técnica da tradução. Só depois desse investimento alto é que começa a segunda fase de produção, que corresponde à de um livro na língua do país: preparação, revisão, composição e impressão. Entre o pagamento do adiantamento e a comercialização do primeiro exemplar decorre tempo tanto mais longo quanto mais especializada e complexa for a obra a traduzir. Ora, no campo científico, são justamente as obras mais especializadas e mais complexas que dispõem de menor (mas não menos importante) público. De modo que, se as traduções de textos relevantes para o uni-

“ **A UFPR tem se destacado, no panorama nacional, no que diz respeito à tradução de obras literárias, tendo seus professores recebido seguidamente os mais prestigiosos prêmios.** ”

verso acadêmico se fizessem apenas segundo os critérios de mercado, as lacunas bibliográficas seriam maiores do que são hoje no Brasil. Além disso, há que considerar que a relação que se estabelece entre um autor-pesquisador e uma editora universitária é muito diferente da relação entre esse mesmo autor e uma editora de mercado: por não visar ao lucro e ter como objetivo a difusão do conhecimento e a produção de bibliografia, e por contar com um corpo de pareceristas de alto nível, uma editora universitária pode trabalhar a produção de um livro relevante de modo a ressaltar suas qualidades, o que uma edição que visasse ao retorno do investimento dificilmente faria.

Tomemos um exemplo, para não ficar apenas no nível abstrato. Ou melhor, dois exemplos. O primeiro é o livro *A erótica japonesa na pintura e na escritura dos séculos XVII a XIX*, de autoria de Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro, publicado pela Edusp – depois de longo trabalho editorial – em 2017. Acompanhei muito de

perto esse trabalho porque, em princípio, seria uma coedição com a Editora da Unicamp. O livro é a edição de uma tese de livre-docência defendida em 2011, na própria USP. Como tese, tinha a aparência e organização de um texto do gênero. Mas o material que trazia, a profusão de ilustrações nunca antes impressas no Brasil e, provavelmente, nunca reunidas em publicação acessível, perderia imensamente com uma edição plana, em tamanho pequeno e papel convencional. E disponibilizada num site para *download*, certamente manteria interesse apenas pelo texto e comentários analíticos. Quando a tese foi apresentada à Edusp, Plínio Martins Filho encaminhou-a para parecer de mérito, e o parecerista, entusiasmado embora com o estudo, fez várias sugestões de ajustamento do texto e também de organização do material. E então entrou o trabalho do editor: definidos os dois volumes e a divisão das partes, o que avultou foi a qualidade do trabalho gráfico, com aproveitamento máximo das imagens em alta resolução e uma diagramação que permite que os volumes sejam percorridos ou como álbum de gravuras ou lido, em busca da tradução dos textos japoneses e dos comentários especializados sobre eles e sobre as ilustrações. É claro que um livro desse porte e qualidade, se feito com vistas ao retorno do investimento, seria um problema. Mas aqui se mostra uma das vantagens da editora universitária: a capacidade de investir na qualidade do trabalho, sem considerar o lucro. E como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo aprovou, dada a qualidade do trabalho, um aporte financeiro na forma de auxílio à editora, tornou-se possível contar, na bibliografia brasileira, com esse livro único.

Outro exemplo é a tradução de *Anatomia da melancolia*, de Robert Burton, publicada em 2014 pela Editora UFPR. A Universidade Federal do Paraná tem se destacado, no panorama nacional, no que diz respeito à tradução de obras literárias, tendo seus professores recebido seguidamente os mais prestigiosos prêmios na categoria. Nada mais natural, portanto, que a editora dessa universidade abrisse espaço e realizasse os investimentos necessários à publicação de uma obra tão monumental quanto o tratado de Burton, em quatro volumes. E nada mais justo que o autor da tradução, Guilherme Gontijo Flores, reconhecesse o papel de uma boa editora universitária na realização do projeto. Diz ele:

“[...] penso que as editoras universitárias cumprem um papel fundamental para a cultura do livro no Brasil. Elas podem publicar obras que, até segunda ordem, não teriam apelo comercial, porque estão debruçadas sobre autores ainda pouco ou nada conhecidos. Por serem quase sempre tocadas por pesquisadores, as editoras universitárias também compreendem que a pesquisa e a tradução podem tomar muito tempo, se quisermos atingir um determinado nível num autor especificamente difícil. Mais que isso, elas compreendem que a tradução pode estar absolutamente entrelaçada com a pesquisa. Eu mesmo levei mais de três anos traduzindo a *Anatomia*, o que é um prazo que me permitiu não só traduzir, como pesquisar sobre Burton, entender melhor como o livro foi escrito para traduzir de acordo com esses problemas”.

Temos aí claramente indicado um dos lugares

privilegiados de atuação das editoras universitárias e uma das suas principais funções no sistema de ensino e pesquisa do Brasil. E é um lugar que, no final das contas, se define também pelo fato de que essas editoras não apenas são dirigidas por intelectuais e contam com as indicações e controle de qualidade da comunidade dos pesquisadores e professores – que conhecem as lacunas existentes e emitem os pareceres de mérito e sugestões de adequação –, mas também estão dispensadas da urgência de obter resultados de vendas para distribuir dividendos entre sócios ou acionistas.

Por fim, outro ponto de destaque nos catálogos das editoras universitárias de primeira linha são os livros que consubstanciam uma experiência de sucesso no ensino e na formação de estudantes. São os livros para uso em sala de aula, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Especial atenção merecem aqueles que, moldados pelas necessidades de faculdades de alto nível e de ponta no desenvolvimento de um campo do saber, não teriam acolhida em editoras de mercado, pois não se aplicariam indistintamente aos demais cursos universitários do país. Constituem eles, assim, não só um investimento na consolidação da experiência acumulada pela instituição, mas também uma forma de permitir a inovação e a prática diferenciada que caracterizam uma boa instituição de ensino superior.

Como deve ter ficado evidente, ao refletir sobre a função e os fins da editora universitária no Brasil, a atenção ficou concentrada naquelas que desenvolvem um trabalho de excelência e relevância acadêmica. É que é nelas que se encontra o que parece ser a única razão convincente, a única justificativa para a manutenção de uma editora numa universidade pública. Ou seja, na sua atuação pautada pela comunidade acadêmica e na sua função cultural e científica é que encontramos a sua razão de ser, aquilo que as distingue das editoras de mercado e justifica sua existência. O que se quer dizer com isso é que as editoras universitárias devem ser vistas como parte do fim maior da universidade, que é a produção do conhecimento e a formação de profissionais para a sociedade.

Portanto, se as universidades públicas no Brasil são gratuitas, se o custo de sua atividade formadora é considerado investimento social para desempenho de atividade-fim do Estado, se os cursos de graduação e pós-graduação, bem como as atividades de extensão comunitária, o atendimento à saúde, os museus, orquestras, rádios, TVs, jornais e outros vários instrumentos de produção, conservação e difusão científica e cultural não se pensam nem se gerenciam tendo em vista a autossustentabilidade,

de, por que essa demanda deve ser apresentada à editora universitária?

Não que a autossustentabilidade seja algo de menor importância ou indesejável. Pelo contrário. Mas o que importa ter em mente é que a expectativa ou a cobrança nesse sentido, ou a avaliação da editora universitária a partir de parâmetros de investimento e retorno do investimento, obscurece a verdadeira relação custo-benefício da atividade.

“ Por esse conjunto de razões, a editora universitária não precisa nem deve concorrer com o mercado.

Nas melhores editoras universitárias brasileiras (em minha avaliação, claro), o objetivo nunca foi o lucro, nem mesmo o custeio da atividade com recursos próprios. Foi, acima de tudo, a manutenção e a elevação do padrão de qualidade acadêmica. Daí que sempre tenham contado com conselhos editoriais, integrados por reconhecidos especialistas, inquestionados nos seus campos de saber, e que se tenham valido de outros especialistas para avaliação *ad hoc* dos textos apresentados. E nisso se delinhou uma característica essencial das boas editoras universitárias: elas se constituíram e foram reconhecidas como lugares de autoridade cultural e científica e de seleção segundo o mérito intelectual.

Por esse conjunto de razões, a editora universitária não precisa nem deve concorrer com o mercado. Como tampouco a universidade compete com a indústria ou a pesquisa nas corporações. Na verdade, assim como a indústria oferece formação específica e dirigida, e a universidade, formação básica e ampla, também as melhores e mais importantes editoras universitárias do Brasil têm sido as que se revelam mais firmemente centradas no oferecimento de produtos diferenciados, importantes não do ponto de vista da quantidade de leitores ou do retorno financeiro, mas da qualidade do público especializado e do investimento consequente em pesquisa básica. Isso quer dizer que às editoras universitárias de primeira linha se reserva um lugar importante no sistema de trocas baseado no livro. E esse lugar insubstituível é, mais exatamente, não um lugar concorrente com as editoras de

mercado, mas o lugar que elas ocupam e que ninguém mais ocupa no mercado editorial. Seu papel, do meu ponto de vista, é formar catálogos especializados, de retorno financeiro baixo ou mesmo nulo, mas de relevante impacto científico e educacional. Em resumo, seu lugar é o da autoridade intelectual. E é por isso que se justificam num mundo de produtos abundantes, de crescimento enorme na oferta de títulos. São como filtros: o que publicam e chega às prateleiras das livrarias vem com a marca da excelência acadêmica da universidade que as mantém e que o seu catálogo confirma.

É ainda relativamente fácil hoje, no Brasil, apesar da crise, pagar com verbas de origem variada a publicação de uma tese ou de uma coletânea de artigos numa editora qualquer. E algumas editoras de fato se especializaram em recolher essas verbas, publicando livros que não circulam e não passaram ou não passariam pelo crivo de especialistas. Mas numa editora como aquelas a que me referi, o fato de o autor possuir recursos para publicar um livro não quer dizer nada: o decisivo é a avaliação criteriosa pelos pares. E o diferencial é a capacidade propriamente editorial de investir na obra os recursos que ela exige para sua melhor realização científica e estética. Assim entendido o papel da editora universitária, a pergunta “editoras universitárias para quê?” tende a ser subsumida na pergunta “universidades públicas para quê?”. E enquanto for possível responder a esta última indagação, será possível encontrar, no bojo da resposta, um reflexo de luz para a primeira.

O preocupante, na maré obscurantista que vem recobrando a política, a economia e a sociedade brasileira – sacudida por violentos surtos de ódio à intelectualidade e aos serviços do Estado – é que justamente a última pergunta tem sido formulada de modo cada vez mais agressivo e insistente, a partir de pontos de vista com variados graus de barbárie e insensatez. E mais preocupante ainda é o fato de que a parte aparentemente mais frágil da estrutura, e que por isso recebe mais imediatamente os ataques, são as humanidades. Se essas forças ganharem corpo, e se também ganharem peso ainda mais decisivo as formas de avaliação da produção acadêmica importadas das ciências da natureza, então é possível que daqui a poucos anos o período áureo das editoras universitárias brasileiras seja apenas história. Mas será sempre uma bela história, que merece ser recontada. E contada entre as boas coisas que a inteligência nacional foi capaz de produzir.

Texto publicado originalmente na *Revista USP*, n. 117, reproduzido com autorização do autor e do editor.



Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica
Roberto Esposito. Trad.: Angela C. M. Fonseca, João P. Arrosi, Luiz E. Fritoli e Ricardo M. Fonseca

Política



Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores
Alessandro F. Rosaneli e Paulo M. M. Barnabé (Organizadores)

Design & Arquitetura



Territórios de tradições e de festas
Maria Geralda de Almeida (Organizadora)

Sociologia

conto

Flor de Alumínio

(Para Leonardo Carbonieri Campoy)

Carlos Machado

He dicho que los hombres de ese planeta conciben el universo como una serie de procesos mentales, que no se desenvuelven en el espacio sino de modo sucesivo en el tiempo
(Jorge Luis Borges, "Ficciones", 1944)

QUANTAS VEZES QUIS segurar o tempo com as duas mãos e apertar bem forte? Sufocá-lo até que desistisse de escapar e pensasse com mais cuidado da próxima vez em que estivesse com pressa. Colocar as duas mãos em sua garganta: delicadamente uma de cada lado e apertar até que gritasse pedindo socorro. Segura as pontas aí, seu tempo, gritava eu. *Hold your horses, sir*. Mas pelos vãos dos dedos, eu vejo o tempo esvaindo-se, raspando cada uma das falanges que apontam para frente. Escorrega fazendo cócegas e ainda zombando de mim. Ele zomba de mim, é o tempo. Coloco a música de Aldir Blanc na vitrola e a deixo entrar pela porta. Na imagem da capa do disco, um homem com seus 60 anos – ou mais – cabelos longos, brancos, barba cheia e uma olheira imponente que o acompanha por toda a vida. Um tom de bastante tristeza em sua voz trêmula já com o passar do tempo, é o tempo. Batidas na porta da frente. Nesse caso, eu o espero não para dar uma resposta, mas apenas para pedir que fique do lado de fora. Hoje acordei com uma imensa vontade de estrangulá-lo. Por que passas tão rápido, meu senhor? Passas por mim como quem não quer nada, sorrateiro, levantando a poeira que se esfria – e me esfria – ao meu lado, deixando o ambiente todo nebuloso, asqueroso e desesperador. Ontem foi sexta-feira e hoje ainda é sexta-feira, mas de uma semana depois. Percebeu? Pisquei os olhos e já se passaram 40 primaveras – sendo que delas 5 eram de verões, 15 de outonos, 18 de invernos e apenas 2 eram de fato primaveras. Coloridas: dessas enormes que deixam a blusa preta repleta de pétalas. E pólen. Sempre tive alergia a esse pozinho, mas quando me mudei para Curitiba, passei a ser a própria alergia, uma espécie de rinite alérgica que não desgruda, nem com o passar do tempo. Me lembro da primeira vez em que falei para um amigo suíço que ele logo entenderia o que é rinite alérgica. Assim ri da minha cara, do meu nariz vermelho, quando eu falei que não era gripe coisa nenhuma, é um lance chamado rinite alérgica, ô meu. Entende? *Hast du es kapiert, brou?* Não, ele não entendia, mas ria. Sabia rir em português. Só falava alemão quando convinha. Rinite alérgica em alemão? Sabe como é? Ainda penso como fui inocente de imaginar que poderia morar em um apartamento forra-

do com um tapete velho, pisado por todos os outros moradores de antes, sem ter desenvolvido essa tal de alergia. Do tempo em que era tudo novo e ficou velho quando chegou às minhas mãos. Além das cortinas que acumulavam todo o pó de dentro e de fora da Avenida Silva Jardim, ao lado do sofá, onde alguns segundos atrás – ainda sinto na pele os restos de seu cheiro – me deitava com ela jurando e gritando palavras de amor. Isso foi antes de espirrar pela primeira vez na semana. Porém, logo já estava à base de remédios para gripe (não existem remédios nem para, nem contra a rinite, que fique claro). Agora, no canto esquerdo da memória, puxei a cor do sofá – azul com listras amarelas – e a trouxe para perto: ela deitada no chão da sala – tapete vermelho em cima do tapete surrado – vestindo uma minúscula calcinha fio dental branca – já molhada na parte da frente, exalando o cheiro de Manaus com cupuaçu – olhando para mim com olhos de comer fotografia, passando a linguinha entre os lábios – superiores e inferiores, se bem que nesse caso era com os dedos e não com os lábios – se abrindo toda para que eu pudesse lembrar para sempre de sua pele. Quero ficar em seu corpo feito tatuagem – foi a primeira canção que ela cantou para mim, no Baba Salim, o bar de todas as noites. E não é que esse tempo está aqui ao lado, assim que me lembro desse sofá? Mesmo sentado em um café, na Rua XV, sozinho, olhando as pessoas passando para todos os lados, assim que vejo o azul do vestido da moça que acabou de cruzar meu caminho, percebo o mesmo azul do sofá da Av. Silva Jardim e, imediatamente, o tempo não é mais o mesmo que há alguns segundos: não tem mais vestido azul, nem Rua XV: estamos de volta ao velho apartamento com o tapete surrado cheirando a cigarro e Coca-Cola *Light* (lançada no Brasil apenas em 1998, sabia disso? Parece que sempre existiu, não é? Mas não, não.) na frente do computador – o primeiro, ainda com internet discada, fazendo barulho de telefone e torcendo para que entrasse. Ainda que levasse 5 minutos, mais ou menos, para carregar um vídeo de 10 segundos. Isso quando tinha sorte. Mas ainda tinha um lado romântico nessa lerdeza toda: o tempo passava mais devagar, uma expectativa para ver a foto, até que se carregasse toda, ponto

por ponto, primeiro um pedaço do céu, a cor fica mais intensa, desce para o início da cabeça, os cabelos, um risco no olho, a cor fica mais forte, menos pixels, a blusa branca em contraste com o verde das árvores, metade da perna já aparecendo, toda a cena ainda opaca, mais um minutinho e *voilà! Here you have it, the full pic right in front of you*. (Mas o que você está falando, meu irmão? No meu tempo a surpresa era ainda maior, nada de ver aos poucos: poderia demorar uma semana! Ficava lá na loja na segunda-feira e só podia buscar alguns dias depois. E se tivesse errado com a abertura do diafragma, já era. Muita luz, já era, pouca luz, já era. *Kapiert?*). Do lado da moça de azul, passou um vulto de vermelho. Assim, em uma das vezes que o vi, Sebastian, meu guru, me disse: o vermelho será seu futuro. (Obs.: na verdade, ele não se tornou meu guru, seja lá o que isso quer dizer, até mesmo porque não, senhor, não acredito em gurus). Isso pode ser pelas músicas que cantei em espanhol, a bandeira da Espanha tem vermelho, não? Mas pode ser pela Suíça, pela moça de sorriso brando que, sentada ao meu lado, me perguntou as horas e me disse que gostava muito do Brasil. Vim de uma outra realidade, mas me sinto em casa aqui, sorri a moça de olhos claros, pele lisa, pequena – deu vontade de colocá-la aqui do lado e ficar olhando para ela o resto de minha vida. Tão diferente da explosão que foi antes, da morena que dançava flamenco e rebojava ferozmente sem controle algum embaixo da cama, na sacada do hotel, em frente a uma obra de construção, em plena praça da República ou no litoral colombiano. Diferente, a Suíça é um país neutro. Estão dos dois lados, cantam canções irônicas, alegres, azuis. Escrevem livros tingidos do branco da neve e do ar rarefeito dos alpes. Pintam quadros com rochas e céu. Um país homenageado por todas as farmácias do mundo (vide sua bandeira). E ela me olhava como quem diz: você sabe esquiar? Claro que não sei esquiar. Posso te ajudar? Claro que pode me ajudar. Vamos começar com os patins? Sim, claro! Mas eu não tenho a menor ideia – nem remota – de como calçar os sapatos com rodinhas. Ando de skate! E assim devo ter caído umas 10 vezes até rachar o cóccix no chão do ginásio e não conseguir me levantar por alguns meses, deitado no hospital

e em meu quarto. Todos os dias ela me visitava, e assim, de uma hora para a outra, estávamos morando no mesmo quarto. Ela deitada ao meu lado, com o travesseiro cheio de seu perfume, embaixo da coberta individual – assim fica muito mais fácil de se mexer à noite e não se sentem as flatulências, dessa forma mesmo, sem romantismo – acariciando minha perna com seus pés. Ali dentro desse olhar cabe um tempo enorme. Nesse espaço da cama, o tempo rodou, rodou e passou de uma hora para outra, como já dito. Bocejei de nervoso e quando abri os olhos já tínhamos caminhado por Salvador, Londrina, Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana, Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Paris, Bern, Zurique, Langenthal, São Paulo, Rio de Janeiro, Londrina, Bern, Lugano, Locarno, Porto Alegre, Lugano (viu a estátua de Kafka?), Londrina, São Paulo, Juvevê – Curitiba. Curitiba. Curitiba. Nesses espaços o tempo bateu no fundo da rede, voltou para cima, ricocheteou para as paredes ao lado – como em um jogo de pádel – machucou meu olho direito – ficou roxo, tive que ir ao hospital de olhos – parou em cima da minha cabeça, entrou pelo orifício anal, saiu pelo canal da uretra, me deixou de cama, com febre – quase 40 graus, já indo para a emergência – ruminou o pasto no estômago da vaca, regurgitou e devolveu para a natureza, assim como fez o cachorrinho que minha mãe me deu naquela casa com o quintal na frente, ladrilhos vermelhos e samambaia no xaxim – ainda não era proibido – sabe, mãe, a She-*ra*, *Princess of Power*, vomitou um pedaço de carne e depois lambeu o líquido que veio junto até engolir tudo novamente. Quem quase vomitou fui eu.

Pois, o tempo é o cheiro. É o lugar. E ele passa na mesma proporção que o vento. Caótico de um lado para o outro. Como o voo de uma borboleta antes de ser esmagada entre as páginas de um livro, quando se lê sentado ao pé de uma árvore. Tudo em uma fração de pouco tempo: feche os olhos... abra-os: já não está mais aqui quem falou. Viu só? Assim foi. Não te dá a mesma vontade de cerrar os punhos e socar o tempo para que ele fique uma semana no hospital, de molho, sem se mover? Ou o contrário: já pensou em mandar o tempo para o espaço a bordo de um foguete que chega rapidamente ao céu? Imagine se esse foguete tivesse como único passageiro o tempo, sentado em um carro elétrico: amarre-o de costas no banco do automóvel e junte-o ao corpo da nave, acople uma turbina a esses elementos, ligue o rádio na estação primeira de mangueira, direcione para o lado que gostaria de enviá-lo, junte os restos da poeira deixada pelo tempo e a coloque atrás da porta da cozinha (assim ele não volta mais, dizia minha avó). Pronto. Aperte o maçaneta e deixe o fogo escapar: tão rapidamente que

nem sentirá que tudo mudou de uma hora para outra. A contradição está instaurada: não vejo a hora de que chegue o fim do ano para que possamos nos ver livres de tudo isso! (Disso o quê, ô meu? De tudo isso, oras, respondo.) E eu sofro a cada dia, cada minuto que passa – tão rapidamente que nem me dou conta – até o momento em que piscarei os olhos e já será fim de ano e infelizmente terei que ir embora (De onde? Pergunta o velho. Como de onde? Daqui, caramba!).

¿Boludo, por favor, qué decís vos? ¿Querés que el tiempo se vaya o se quede acá? Dessa forma, penso sempre que o grande vilão de tudo isso é ele mesmo, porque decide se o queremos mais rápido ou mais lento(!). Acordei com muitas ganas de estrangulá-lo realmente, como se faz quando estamos brincando – maldade – de colocar sal em cima de uma lesma. Sabe aquelas que ficam tentando subir a parede de madeira da casa de praia? Aí, quando estamos deitados na cama, sem poder nos cobrirmos, nem com lençol de tão ardidos que estamos, a lesma chega como quem não quer nada e cai em cima do seu umbigo. Você dá um grito, não pensa mais na queimadura e corre para buscar sal na geladeira. Joga até ouvir o barulho que faz o sal absorvendo a água do corpo do tempo, quer dizer, da lesma. A última vez que fiz isso, tinha uns 10 anos (a velha memória que me confunde por todos os lados, vai ver tinha apenas 5 ou 15, não importa. E é possível, ainda, que nem tenha acontecido de fato, posso ter inventado, vai saber). Choveu a semana inteira e ficamos sem ter muito o que fazer, já agonizados. A casa era pequena e por isso quase não tínhamos espaço para brincar. O único lugar que ainda tinha era um pequeno pedaço do quintal, ao lado dos carros estacionados e do tanque de lavar roupa. Ali no bueiro, por onde descia a água da chuva, sempre passavam bichos: baratas, sapos, lesmas, passarinhos. Eu e meu primo ficávamos olhando o dia inteiro para aquele buraco segurando um quilo de sal cada um e prontos para atacar ao menor sinal de vida alienígena. Alguns monstros chegavam da escuridão, vindos do inferno debaixo da terra e traziam garras afiadas e dentes pontudos. Os passarinhos que paravam ali para beber água eram engolidos de uma hora para outra. Eu e meu primo ficávamos intrigados com a cena porque não dava para ver o que sugava os pássaros para dentro do cano. Queria poder apertar o botão de *slow motion* para que pudéssemos identificar, mas naquele tempo não tinha tela de *touch screen*, então *no way*. (Sabe quando você olha para um pontinho no papel e faz assim com os dedos para ampliar a imagem? Logo se dá conta de que foi um idiota, olha para os lados para ver se ninguém percebeu, pois...) Pensei em tirar uma foto, mas o pássaro sumia antes da câmera fazer aquele barulhinho, claqué. Então, decidimos fazer algo diferente: sugeri de derramar o quilo de sal na abertura do cano e deixar com que ele ficasse ali até um passarinho chegar – o risco era de queimar seu bico, caso ele resolvesse experimentar aquele pozinho branco achando que era doce. Mas passarinho não se queima com o sal, dizia minha tia, fiquem tranquilos. Então, o fizemos. O que aconteceu foi que os passarinhos não vinham mais. Acho que ficamos umas 5 horas parados ali olhando para o sal sumindo aos poucos nos respingos da chuva – ou talvez foram apenas 10 minutos, não sei ao certo. Sei que ficamos muito entediados e deixamos de brincar por ali.

Então, meu primo teve uma outra grande ideia: por que não vamos brincar na chuva mesmo? Gritou tão alto que sua mãe de dentro da sala respondeu: nem pensem nisso, guris. Esperem parar de chover. Mas mãe, aí não vai mais ser brincar na chuva! Exatamente isso, senhorito. Pois então, sentamos na rede e, ao invés de sairmos para a chuva, começamos a inventar uma história de aventura pela pequena floresta que tinha no muro de trás da casa da minha tia. Na verdade, se não me falha a memória – e olha que ela falha bastante, hein? – era apenas um jardimzinho com uma mangueira enorme que encostava nas nuvens – era de manga rosa. Mas na nossa história, tinha até balões que transportavam as pessoas de um lado ao outro do oceano. E quando pisquei um olho já éramos adultos, tirei um cílio de dentro do outro olho e minha tia já não estava mais em casa. Assim fiquei com tanto medo que resolvi sair daquele lugar. Fiquei ali olhando a cena naquele tempo parado no espaço. Ou naquele espaço parado no tempo.

A entrada do jardim era bastante ampla, convidativa. Até parecia que seria simples: você entra, colhe a flor de alumínio mais vermelha que puder achar, conte até 1000 e volte correndo. O quanto antes, melhor. Assim é o jogo, estamos claros? Acho que sim, respondi, mas só para me certificar: esse jardim tem vários caminhos que levam ao mesmo ponto, correto? Nesse ponto, tem outro pequeno jardim com flores de alumínio vermelhas, certo? A mesma cor da bandeira chinesa, não é mesmo? O que eu tenho que fazer é correr até me encontrar com essas flores, assim escolho a mais forte, pego-a, conto até 1000 – de 1 a 1000, ou de 0 a 1000? – e volto. Bom, assim me parece muito tranquilo. Consigo fazer.

Mas ninguém contou ao moço ali que esse jardim não era um simples jardim com caminhos delimitados. Ele se abaixa para ouvir melhor a confissão do carrasco, abre os ouvidos e deixa o sussurro entrar: é um labirinto, *cabrón, boludo*. ¿Sabés vos lo que es un labirinto? Bueno, es un lugar en Buenos Aires, en la calle San Martín de la Sierra – ¿ou seria Santa Cruz de la Sierra? – donde todos entran y tienen mucha dificultad para salir. Na verdade, poucos conseguem sair – os outros se perdem nesse tempo para sempre. Ainda estamos nele, não percebe? Cada dia em que acordamos, abrimos os olhos e nos vemos diante do espelho – com os olhos inchados e cheios de remelas – e nos damos conta de que o fio branco que você encontrou na semana passada já duplicou e agora está difícil de encontrar um fio preto nessa cabeleira rala que você tem na sua cabeça. A barba falha mostra os passos que demos para chegar até aqui. Assim, como o sorriso do amiguinho que brincava com você todos os dias com a pele lisinha, magrinho de ver as costelas, mas, que depois de 40 anos na foto estampada em seu *Facebook*, calvo e gordo ao lado de dois bacurizinhos – um deles com o nariz escorrendo e uma mancha escura na bochecha direita e o outro com a barriga cheia de lombrigas, dessas de 15 metros que se enrolam perto do intestino – passa por você e só te reconhece pelos olhos e aí, imediatamente, o labirinto faz sentido. Exatamente nesses encontros, quando percebemos que estamos dando voltas circulares – às vezes mais amplas, outras mais fechadas, *cerraditas*, como se *dice en Rio Plata* –, temos a noção de que o tempo

“ Ele se abaixa para ouvir melhor a confissão do carrasco, abre os ouvidos e deixa o sussurro entrar...”

não é de fato temporal – se é que me entende –, ele é espacial. O tempo é onde estamos. E assim, entro nesse jardim/labirinto e vou em busca da flor de alumínio mais vermelha que há – sempre entretido com as borboletas amarelas, imaginando como seria estar em suas asas.

Mas tenho que dizer uma coisa importante: não entrei nesse labirinto porque quis entrar simplesmente. Ou seja, não fui eu quem decidi começar por ali. Fui colocado na frente desse portão, alguém tinha as chaves – ou deixou a porta aberta – e quando passou um senhor de chapéu *cowboy* do meu lado, ele esbarrou – sem querer? – em mim, bateu nas minhas costas e acabou que tive que entrar. Logo em seguida, uma mulher que estava ao lado varrendo a calçada apontou para uma casinha de madeira bem perto de onde começavam os caminhos e disse que eu tinha que pegar as regras com aquele senhor ali, ó. Assim, para minha surpresa – ou não necessariamente, não consigo me lembrar direito do que pensei – o mesmo homem de chapéu que passou por mim estava sentado do outro lado entregando um livretinho para que, aparentemente, pudesse começar a caminhada em busca da flor. Todas as regras: não beber, não fumar, não ficar sem roupa, não se apaixonar pela raposa, esquecer-se do tempo, confundir a imagem de algo que aconteceu com a memória de algo que imaginamos, perder o medo de altura, preferir a escada ao elevador, confundir-se com as informações, não interrogar ninguém parado em uma encruzilhada, não beber a cachaça de Ogum, não alimentar os animais, não tirar fotos com os macacos – eles, na verdade, são guaxinins que sobem em árvores e que roubam as frutas das nossas mãos –, não beijar a árvore – lembrem-se que muitos estarão atrás das árvores tentando te pegar –, não falar alto – somente os latinos poderiam gritar ao conversar, então nesse caso, tive sorte –, não trair sua mulher, não roubar o beijo da garota da escola, não mentir aos pais dizendo que dormirá na casa do amigo, mas sai para fumar, como já dito antes: não fume, e muitas outras que só aprendemos quando estamos por ali. O mais interessante desse caderninho de regras é que as últimas páginas estavam ainda em branco, apenas com o título “*to be continued...*” e na ultimíssima página estava escrito “*ritornelo*”. Além disso, olhando com mais cuidado, me dei conta de uma frase em letras pequenas, pequeninas, quase escondida: “*die Zeit ist nicht wirklich die Zeit, sondern was man denkt, die Zeit ist*”. E do lado dessa frase, estava escrito: “não aceitamos devolução”.

Como eu já estava ali dentro, com o caderninho de regras na mão, não tive outra opção, a não ser andar na direção que esse senhor me mostrava. Até me dar conta de que meu primo tinha ficado do lado de fora. *Alone, my son, just go, maybe you find someone*: suba nessa bicicleta que eu vou segurando até você se acostumar, aí podemos tirar as rodinhas, disse-me um senhor magro que em uma das mãos carregava uma garrafa de pinga. Fiquei tão contente com o pedalo, que virava o rosto para trás e ria sem parar. (Em um momento, acreditei que esse senhor fosse meu pai, mas ainda me pergunto se foi invenção ou memória. Ou ainda, é possível a invenção ter memória? Meu pai, pelo que consta nos altos ditos pela minha mãe, morreu de cirrose hepática. Assim, quando fecho os olhos, invento que guardo na memória a foto em que ele me jogava para o alto e dava uma beberi-

cada no copo de pinga. Juro! Tenho a foto em alguma gaveta, quer ver?). Até ralar o rosto no chão e deixar uma marca no ombro que (acho) ainda tenho – disfarçada com os pelos brancos que começaram a nascer quando tomei banho naquelas águas termais ao lado dos gêiseres no deserto do Atacama. Levanta, sacode a poeira e dá volta por cima. Logo depois de andar um pouco de bicicleta pelo jardim, procurei um caminho alternativo para continuar a pé, virei na próxima esquina no canto esquerdo de onde estava e me deparei com um grupo de garotos jogando bola em um campinho. Notei algo interessante: os meninos – todos japoneses com olhos de mangá – estavam pulando, ao invés de correr atrás da bola. Era um jogo diferente que só entendi depois que dormi embaixo do gol e acordei assustado sacudido por uma mulher que me contava sobre bombas e borboletas amarelas: o jogo consiste em escapar desses objetos metálicos encravados na terra. Não pode errar, porque se encostar em um desses, você fica sem as pernas e só vai se dar conta quando tiver que caçar as borboletas, dizia ela. Faz parte do jogo escapar das bombas para recolher as borboletas – apenas as amarelas – que estiverem pelo caminho – para que possamos montar uma exposição. E fiz o melhor que pude, corri, pulei, capturei as borboletas e outros insetos, e entreguei todos para minha professora. Como prêmio, eu pude escolher entre: um beijo na boca, um amor que não vai acontecer jamais – *pas de tout* – ou uma passagem no próximo ônibus que vai pela avenida principal.

Quando desci do ônibus, tive a sensação nítida de estar chegando na praça Osório. Dei uma pequena volta pela parte de trás de um prédio e deslizei minhas mãos pela parede de fora – de ponta a ponta – e continuei andando a fim de procurar a entrada. Dei tantas voltas na quadra que quando decidi que estava cansado, já era noite: Algumas crianças, que estavam sentadas no meio-fio bem em frente de onde fiquei enxugando meu suor, começaram a apontar para mim e rir copiosamente. Uma delas, a que parecia mais velha, já com dificuldades de andar sem a bengala, dizia: Charles, faça de novo!, por favor, foi muito engraçado. De tanta raiva que fiquei deles, saí correndo com o rosto levantado, olhando para o céu encoberto e comecei a sorrir achando que estava cruzando a linha de chegada, mas como não estava vendo por onde passava, continuei em linha reta. Estou vencendo, vencendo, vencendo, e me esqueci de fazer a curva. Mais adiante, ainda correndo, pude perceber as luzes de um estádio e a linha de chegada. Haviam preparado um concerto de música, mas ninguém foi assistir. A banda, então, não perdendo a graça, nem a compostura, montou seu palco na calçada ao lado do carrinho de cachorro-quente e seguiu tocando. Eu pedi um suco de limão bem gelado e fiquei acompanhando a salsa cubana que eles estavam tocando: baixo acústico, violão, trompete, bateria e percussão. De alguma forma, ele foi parar ali. Mas, primo, o que você está fazendo sentado nesse *cajón*? Pelo amor de deus, desde quando aprendeu a tocar esse instrumento? Perguntei admirado, deixando meu copo para depois. Depois te explico, vem aqui, lembra dessa *canción*? Claro que me lembrava dessa *canción*, eu havia escrito a letra – desastre total, silêncio para sempre. Puxei o banquinho em que estava sentado para mais perto e comecei a cantar os versos escritos para aquele amor perdido e mal pago. O sol estava se pondo,

e era como se estivéssemos sentados na sacada de um prédio histórico, de frente para o *malecón*, observando como as meninas faziam para se aproximar dos turistas. E de fundo, a música que não parava: uma atrás da outra. Até raiar a madrugada e descermos o morro com uma mão no bolso e a outra carregando o violão.

Tudo durou o tempo de um bocejo. Então decidi novamente que estava cansado, mais ainda do que anteriormente, e me despedi de todos. Meu primo queria me mostrar o que achou atrás de uma mangueira no centro da praça e me levou até lá. Vamos dormir, primo, amanhã você me mostra, pode ser? Perguntei ainda com a esperança de encontrar minhas cobertas quentinhas me aguardando na cama. Mesmo com o calor infernal que estava fazendo. Até parecia que estávamos em Porto Alegre no verão. Olha, ele me disse, vou te mostrar como cheguei até aqui, e continuou: eu estava andando por *las calles centrales* da Ciudad de Mexico, procurando por um *chicharrón* para matar minha fome, até que me falaram que o melhor *chicharrón* da região era feito aos pés das pirâmides de Teotihuacán. Pois, embestei para esses lados e fui andando durante um dia e meio até encontrar o sol atrás das pirâmides. Assim que cheguei na região, me falaram que o senhor que fazia o *chicharrón* não morava mais ali, ele tinha ido embora para a Capadócia e, se eu quisesse, poderia alugar um balão, logo ali, ó, e partir pela *ruta transamericana* até chegar na Turquia. E foi o que fiz, subi no primeiro balão que tinha, o piloto ligou o taxímetro e alçamos voo. Mas algo deu errado no meio do caminho e ele me disse que teria que fazer um pouso de emergência nesse jardim ali em baixo. E foi o que fizemos. Descemos nessa praça aqui atrás e, como ainda teria que arrumar o sistema de calefação do balão, resolvi caminhar pelo *malecón*. Eu sabia que você estaria aqui, perguntei para um senhor com chapéu de *cowboy* que estava sentado em um banco da praça tomando café.

Era para apenas sobrevoarmos o jardim, a fim de verificar se o equipamento estava funcionando bem, e também para tentar visualizar a flor de alumínio vermelha e pegá-la, conforme as instruções, mas senti tanto frio, como quando passo o inverno em Curitiba, e medo, que insisti para me deixarem do lado de fora. Tudo bem, primo, fico sozinho e a gente se encontra logo, outra hora eu tento achar essa flor, que tal um café? Perguntei. Sim, podemos, na semana que vem? Combinado. E assim, o piloto do balão, depois de atravessar o oceano, me deixou no lado de fora.

Talvez tenha durado 2 segundos, ou 2 anos, não tem como saber, já que o tempo não é possível e nem certo. Só sei que levei um esbarrão que veio de encontro às minhas costas me jogando para dentro do portão: era um senhor com chapéu de *cowboy*. Assim que entendi que estava dentro de um jardim, uma mulher que varria a calçada apontou para uma casinha de madeira ao lado da entrada. Ali estava esse mesmo senhor entregando um livretinho com as regras de como andar por ali.

Alguém na fila para pegar as regras comentou que uma pessoa disse que conhecia um amigo que tinha uma namorada que entrou aqui a fim de buscar uma flor de alumínio vermelha que fica – quem sabe, talvez, por que não? – no pé de uma mangueira – manga rosa: Dizem que é bem doce.

To be continued...

catálogo

LISTÃO DA EDITORA

Em 2019, a Editora UFPR lançou 13 obras. Diferentes áreas de conhecimento foram contempladas, entre elas saúde, sociologia, educação, antropologia, filosofia, comunicação, música, teatro, política e literatura. **Confira os destaques:**

“Artes de fazer” na reforma escolar: a institucionalização dos Estudos Sociais no governo militar (Curitiba, 1975 – 1985). *Iêda Viana*

Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês. *Viviane M. Alessi; Marynelma C. Garanhani*

Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. *Linda T. Smith. Roberto G. Barbosa (Trad.)*

Ensaio sobre os limites de uma teoria semiológica de comunicação. *Silnei Scharten Soares*

Filosofias da alteridade no Século das Luzes. Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau. *Ulysses Pinheiro (Org.)*

Hamlet no Brasil. *Anna Stegh Camati; Célia Arns de Miranda (Orgs.)*

Gestão das paixões políticas, A. *Pierre Ansart. Jacy Seixas (Trad.)*

Políticas de memória e experiências de (des)exílio. *Marcos Gonçalves; Marion Brepohl (Orgs.)*

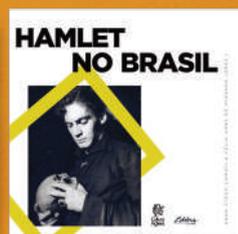
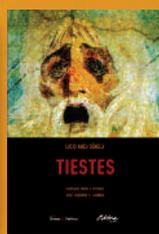
Relato da jornada de Pedro de Orsúa a Omágua e a El Dorado. Crônica de Lope de Aguirre. *Hernán Neira (Org.). Nilcea Siqueira Pedra (Trad.).*

Sonoridades brasileiras – método para flauta doce soprano. *Renate Weiland, Ângela Sasse e Anete Weichselbaum*

Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem. *Walter L. Torres Neto (Org.)*

Tiestes. *Lúcio Aneu Sêneca. José Eduardo Lohner (Trad.)*

Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”. *Saete Kozel*





Itinerários
Thássio Ferreira

Literatura



**À margem do(s) cânone(s).
Pensamento social e
interpretações do Brasil**
Alexandre D. Trindade, Hilton
Costa e Diogo da Silva Roiz
(Organizadores)

Sociologia



Como se faz uma novela
Miguel de Unamuno
Trad.: Lucas Piccinin
Lazzaretti

Literatura

**Confira as principais
publicações. Lista em
ordem alfabética pelo
título da obra. Catálogo
completo em nosso site:**

**40 anos: design cerâmico:
Universidade Federal do Paraná:
1975-2015.** Dulce M. Paiva
Fernandes

**Ações e relações de poder: a
construção da reportagem política
no telejornalismo paranaense – um
estudo comparativo.** João Somma
Neto

Ad astra, per aspera. Harry Crowl

**Adulto diante da criança de 0 a 3
anos, O.** Andre Lapierre

Agricultor a farmer, De. Claiton
Marcio da Silva

**Álcool carburante: uma estratégia
brasileira.** Léo da Rocha Lima;
Aluizio de Abreu Marcondes

Alfabetos: ensaios de literatura.
Claudio Magris. Maria Célia
Martirani (Trad.)

**América Latina: história e
literatura.** Ana Amélia M. C. de
Melo; Maria Soledad Falabella Luco;
Adelaide Gonçalves Pereira (Orgs.)

**América Latina, sociedade e meio
ambiente.** Dimas Floriani; Antonio
Helizalde Hevia (Orgs.)

**Análise experimental do
comportamento: manual de
laboratório.** 6ª ed. rev. e ampl. Paula
Inez Cunha Gomide; Lidia Natalia
Dobrianskyj Weber

**Anatomia da melancolia, A. –
volume I – Demócrito Júnior: ao
leitor.** Robert Burton. Guilherme
Gontijo Flores (Trad.)



**Anatomia da melancolia, A. –
volume II – A primeira partição:
causas da melancolia.** Robert
Burton. Guilherme G. Flores (Trad.)

**Anatomia da melancolia, A. –
volume III – A segunda partição: a
cura da melancolia.** Robert Burton.
Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

**Anatomia da melancolia, A. –
volume IV – A terceira partição:
melancolia amorosa.** Robert Burton.
Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

**Angústia da ação, A. Poesia e
política em Drummond.** Roberto
Saíd

Animal que não sou mais, O.
Étienne Bimbenet. Maurício José
d'Escragnolle Cardoso (Trad.)

Antonina dos meus dias revisitada.
Eduardo Nascimento

**Antonio Vieira dos Santos:
reminiscências e outros escritos.**
André Luiz Moscaleski Cavazzani;
Sandro Aramis Richter Gomes
(Orgs.)

**Armas, pólvora e chumbo: a
expansão luso-brasileira e os índios
do planalto meridional.** Almir
Antonio de Souza

Arte de praticar violino, A. Robert
Gerle. João Eduardo Titton (Trad.)

**Artes de fazer na reforma escolar:
a institucionalização dos estudos
sociais no governo militar (Curitiba,
1975-1985).** Ieda Viana

**Artista do exagero, O. A literatura
de Thomas Bernhard.** Matthias
Konzett (Ed.). Ruth Bohunovsky
(Org. da tradução)

**Assombrosa história do homem do
cavalo branco, A / Centauro bronco,**

O (caixa). Theodor Storm. Maurício
M. Cardoso (Trad.)

**Atlas anatômico e histológico do
caranguejo-uçá (Ucides cordatus).**
Gisela G. Castilho-Westphal et al.

**Autoritarismo e democracia no
Paraguai contemporâneo.** Fábio
Anibal Jara Goiris

**Aventuroso Simplicissimus,
O.** Hans Jacob Christoffel von
Grimmelshausen. Mario Luiz
Frunghillo (Trad.)

Axël. Villiers de L'Isle-Adam. Sandra
M. Stroparo (Trad.)

**Bento, Brasil e David: o discurso
regional de formação social e
histórica paranaense.** Maria Julieta
Weber Cordova

Biblioteca Trevisan. Miguel Sanches
Neto

Bifurcação. Livro vencedor do II
Concurso Literário Editora UFPR.
Mauro Guidi-Signorelli

**Biodiesel para leitores de 9 a 90
anos.** José Domingos Fontana

Biodiversidade: a hora decisiva. 2ª
ed. Marc Jean Dourojeanni; Maria
Tereza Jorge Pádua

Bioética e vulnerabilidades. Mário
Antonio Sanches; Ida Cristina
Gubert (Orgs.)

Bioquímica: aulas práticas. 7ª ed.
Departamento de Bioquímica e
Biologia Molecular

Caminhos do cooperativismo, Os.
José Antonio Gediel

**Campanhas eleitorais para
mulheres: desafios e tendências.**
Luciana Panke

**Canto gregoriano: uma abordagem
introdutória.** Jacques Viret. Paulo
Valente (Trad.)



**Uma trama na História:
uma criança no processo de
escolarização primária nas
últimas décadas do período
imperial**
Juarez José T. dos Anjos

Educação



**Villa-Lobos, um
compêndio: novos desafios
interpretativos**
Paulo de Tarso Salles e
Norton Dudeque
(Organizadores)

Artes



**Mostra Sylvio Back 8.0:
filmes noutra margem**
Rosane Kaminski
(Coordenadora)

Livros Digitais

Cegueira e normatividade social: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão. Fernanda Melo

Cela enorme, A. e. e. cummings. Luci Collin (Trad.)

Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão. Marilene Weinhardt; Maurício Mendonça Cardozo (Orgs.)

Cidade e história na Amazônia. Yara Vicentini

Cidade, ambiente e desenvolvimento. Francisco Mendonça

Cidades educadoras. Maria Amelia Sabbag Zainko (Org.)

Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana. Alessandro Filla Rosaneli

Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do séc. XIX. Ana Luisa Fayet Sallas

Ciência e sociedade. Leopoldo Nachbin

Cifras de música para saltério. Antonio Vieira dos Santos. Rogério Budasz (Transc. Mus.)

Clima e criminalidade: ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência de criminalidade urbana. Francisco Mendonça

Coletânea de termos técnicos de entomologia. 2ª ed. Zundir José Buzzi

Comédia nova da Grécia e de Roma, A. R. L. Hunter. Rodrigo Tadeu Gonçalves (Org. da tradução)

Comentário de texto filosófico. Évelyne Rogue. Eduardo Barra (Org.). Bruna Abrahão *et al.* (Trad.)

Cômico, O. Concetta D'Angeli; Guido Paduano. Caetano W. Galindo (Trad.)

Como estudar elites. Renato M. Perissinotto; Adriano Codato (Orgs.)

Como produzir morangos. 2ª ed. Maria A. Cassilha Zawadneak; Joselia M. Schuber; Átila F. Mógor (Orgs.)



Como se faz uma novela. Miguel de Unamuno. Lucas P. Lazzaretti (Trad.)

Concerto para piano e orquestra. Gilberto Mendes

Concurso Campus Cabral. Andréa Berriel *et al.* (Orgs.)

Concurso de composição musical Hildegard Soboll Martins. Arthur Rinaldi; Eliana Guglielmetti Sulpício; Fábio Gottschild

Condição de estrangeiro, A. Literatura e exílio em Francisco Ayala. Isabel Jasinski

Confederação dos Tamoios, A. Edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema. Domingos José Gonçalves de Magalhães

Congadas paranaenses. José Loureiro Fernandes

Conservação da biodiversidade em paisagens antropizadas do Brasil. Carlos A. Peres *et al.* (Orgs.)

Conservando a natureza do Brasil. Maria Tereza Jorge Pádua

Constituição de 88: trinta anos depois. Cristina Buarque de Hollanda; Luciana Fernandes Veiga; Oswaldo E. do Amaral (Orgs.)

Conteúdo da imagem, O. José Antonio Moreira Gonzales; Jesús Robledano Arillo

Conversas sobre financiamento da educação no Brasil. Andréa Barbosa Gouveia; Ângelo Ricardo de Souza; Taís Moura Tavares (Orgs.)

Criança, a matemática e a realidade, A. Gérard Vergnaud. Maria Lucia Faria Moro (Trad.)

Curitiba e o mito da cidade modelo. Dennison de Oliveira

Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula. Bruna Pupatto Ruano; Joviana Maria Perin dos Santos; Lygia Maria Leite Saltini (Orgs.)

Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense. Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho

Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a capital ecológica. Salete Kozel

David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico. Márcio de Oliveira; Raquel Weiss (Orgs.)

De agricultor a farmer: Nelson Rockefeller e a modernização da agricultura no Brasil. Claiton Marcio da Silva

Décadas valiosas na história da reprodução humana no Paraná (1960-1970). Ivo Carlos Arnt

Democracia e participação: os conselhos gestores do Paraná. Mário Fuks; Renato M. Perissinotto; Nelson Rosário de Souza (Orgs.)

Democratização da educação superior: o caso de Cuba. Regina Maria Michelotto

Depois de Babel: questões de linguagem e tradução. George A. Steiner. Carlos Alberto Faraco (Trad.)

Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas. Linda Tuhiwai Smith. Roberto G. Barbosa (Trad.)

Desenhos, palavras e números: as marcas da matemática na escola. Maria Lucia Faria Moro; Maria Tereza Carneiro Soares (Orgs.)

Desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Sandra R. K. Guimarães; Maria Regina Maluf (Orgs.)

Desenvolvimento do Eu, O. Ética, política e justiça em John Stuart Mill. Gustavo Hessmann Dalaqua

Design pop no Brasil dos anos 1970, O. Domesticidades e relações de gênero na decoração de interiores. Marinês R. dos Santos

Dialética do ideal, A. Escritos de E. V. Ilienkov. E. V. Ilienkov. Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)

Diálogos com Bakhtin. Carlos Alberto Faraco; Gilberto de Castro; Cristovão Tezza (Orgs.)

Diário de Sandholm. Dina Yafasova. Vinicius Mariano de Carvalho; Fernanda Gláucia Pinto; Louise Lauritsen; Eileen Petersmann (Trad.)

Diário do Beagle, O. Charles Darwin. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

Dicionário de epônimos. Enny Arlette Pioli Bassetti; Manuela Bassetti de Souza Lima



Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade
Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia F. Schwendler (Organizadoras)

Sociologia



Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt

Alessandro Jocelito Beccari

Letras



Um papel para a história: O problema da historicidade da ciência

Mauro Lúcio Leitão Condé

História

Dignidade e direitos humanos.
Graziela de Oliveira

Direito, mercantilização e justiça.
Eneida Desiree Salgado; Emerson Gabardo (Orgs.)

Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR. Leonir Lorenzetti *et al.* (Orgs.)

Do encantamento à apostasia: a poesia brasileira de 1880-1919, antologia e estudo. Fernando C. Gil

Do som ao sinal: história da notação musical. Jean-Yves Bosseur. Marco Aurélio Koentopp (Trad.)

Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade: uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. Eduardo R. da Fonseca *et al.*

Duas Clarices, As. Entre a Europa e a América – leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec. Lúcia Peixoto Cherem

E a cidade desperta. Harry Crowl

Editoras universitárias no Brasil. Leilah Santiago Bufrem

Educação do campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais. Maria Antônia de Souza; Geyso Dongley Germinari (Orgs.)

Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015. Maria Antônia de Souza (Org.)

Educação física escolar e ditadura civil-militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência e outros estudos. Marcus Aurelio Taborda Oliveira

Educação geográfica e formação da consciência espacial-cidadã. Sônia Maria M. Carneiro; Valdir Nogueira

Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985). Nadia G. Gonçalves; Serlei M. F. Ranzi (Orgs.)

Educação permanente: da reunificação alemã a reflexões e práticas no Brasil. Maria do Rosário Knechtel

Eichmann em Jerusalém: 50 anos



depois. Marion Brepohl (Org.)

El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina. Juan Carlos Skewes; Antonio Marcio Haliski (Orgs.)

Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Francisco Mendonça; Salete Kozel (Orgs.)

Elias Alexandre da Silva Correia: um militar brasileiro em Angola. Magnus Roberto de Mello Pereira; Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz

Élites en las Américas: diferentes perspectivas. Adriano Codato; Fran Espinoza (Comps.)

Em busca da mente musical. Beatriz Senoi Ilari (Org.)

Empresários, desenvolvimento, cultura e democracia. Paulo Roberto Neves Costa; Juarez Varallo Pont (Orgs.)

English prepositions for Brazilians. Michael Watkins; Cecília Mendes F. S. Silva

Enquanto uma grande cidade dorme. Harry Crowl

Ensaio sobre os limites de uma teoria semiológica da comunicação. Silnei Sharten Soares

Ensaio de filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura. Débora Cristina Morato Pinto *et al.* (Orgs.)

Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná. Márcio de Oliveira; José Szwako (Orgs.)

Ensaio sobre a formação do romance brasileiro: uma antologia (1836-1901). Fernando C. Gil

Ensaio sobre as abelhas da região neotropical: homenagem aos 80 anos de Danuncia Urban. Antonio J. C. Aguiar; Rodrigo B. Gonçalves; Kelli S. Ramos (Orgs.)

Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos. Ruth Bohunovsky (Org.)

Entomologia didática. 6ª ed. Zundir José Buzzi

Epigrama: Catulo e Marcial. Robson Tadeu Cesila

Equilibrista das seis cordas, O. Método de violão para crianças. Silvana Mariani

Equinócio dos sabiás, O. Aventura científica no seu jardim tropical. Marcos Rodrigues

Erasmus Pilotto. Hélio de Freitas Puglielli (Org.)

EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa. Ottmar Ette. Rosani Umbach; Dionei Mathias; Teruco Arimoto Spengler (Trad.)

Estado da arte e perspectivas para a Zoologia no Brasil. Rosana Moreira; Walter Antonio P. Boeger

Estados da crítica. Alcides Cardoso dos Santos (Org.)

Estante. André Penteado; Vinicius de Figueiredo (Org.)

Estética e crítica. Roberto Figurelli

Estigma, discriminação e lepra. Ricardo Luiz de Souza

Estratégias de comunicação interativa. Ricardo Uhr

Estreita passagem, Uma. O conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud. Eduardo Ribeiro da Fonseca

Estrelinhas brasileiras – volume I (com CD). 2ª Ed. Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira

Estrelinhas brasileiras – volume II (com CD). Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira

Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano. Rui Mourão

Ética e estética nos estudos literários. Marilene Weinhardt *et al.* (Orgs.)

Eutrofização em reservatórios: gestão preventiva – estudo interdisciplinar na Bacia do Rio Verde, PR. Cynara L. N. Cunha *et al.* (Eds.)

Exercitando a cidadania no campo: a educação popular com trabalhadores Sem Terra. Sônia Fátima Schwendler (Org.)

Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre romances do Sul. Marilene Weinhardt

Ficção reunida. Lúcia Miguel Pereira



Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense
Maria Julieta Weber Cordova

História



Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015
Maria Antônia de Souza (Organizadora)

Educação



Reprodução assistida post mortem: aspectos jurídicos de filiação e sucessório
Juliane Fernandes Queiroz

Direito

Filosofias da alteridade no Século das Luzes: Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau. Ulysses Pinheiro

Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação. Maria Aparecida Bridi; Jacob Carlos Lima (Orgs.)

Formação de guardas-parques. Sandro Jorge Garcia Coneglian; Reinaldo Marcos Castro; Luiz Henrique Pombo do Nascimento

Formação de um cineasta, A. Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960. Rosane Kaminski

Formação do professor e a organização social do trabalho, A. Maria Elisabeth Blanck Miguel

Foucault e a crítica do sujeito. 2ª ed. Inês Lacerda Araújo

Foucault: verdade e loucura no nascimento da arqueologia. Thiago Fortes Ribas

Francisco José de Lacerda e Almeida: um astrônomo paulista no sertão africano. Magnus Roberto de Mello Pereira; André Akamine Ribas (Coord.)

Froissart e o tempo. Michel Zink. Carmem Lúcia Druciak; Marcella Lopes Guimarães (Trad.)

Genealogia da psicanálise: o começo perdido. Michel Henry. Rodrigo Vieira Marques (Trad.)

Gênero e consumo no espaço doméstico: representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. Inéz Pérez; Marinês Ribeiro dos Santos (Orgs.)

Geodésia celeste. Camil Gemael; José Bittencourt de Andrade

Gestão das paixões políticas, A. Pierre Ansart

Green ink: uma introdução ao jornalismo ambiental. Michael Frome. Paulo R. Maciel Santos (Trad.)

Guia do observador de aves. Fernando C. Straube

Hamlet no Brasil. Anna Stegh Camati; Célia Arns de Miranda (Orgs.)

Hanseníase: a voz dos que sofreram



o isolamento compulsório. Dilene R. do Nascimento; Vera Regina Beltrão Marques (Orgs.)

Hegemonia e cultura: Gramsci. 3ª ed. rev. Anita Helena Schlesener

História da Clínica Ortopédica e Traumatológica da Universidade Federal do Paraná (1912-2012). Antonio Osny Preuss

História e conhecimento: suas conexões e perspectivas. Sérgio Paulo Muniz Costa

História natural e conservação da Ilha do Mel. Márcia C. M. Marques; Ricardo Miranda de Brites (Orgs.)

História, ciência, saúde e educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946). Erica Piovam de Ulhôa Cintra

História, memória e ensino de espanhol (1942-1990). Deise Cristina de Lima Picanço

Histórias de crianças desaparecidas. Jerusa Serafim Weiss Marchi

Identities e crises sociais na contemporaneidade. Jamil Zuguieib Neto (Org.)

Ilustração botânica: princípios e métodos. Diana Carneiro

Imigração ucraniana ao Paraná, A. Memória, identidade e religião. Paulo Renato Guérios

Impactos socioambientais urbanos. Francisco Mendonça (Org.)

Inclusão racial e social: considerações sobre a trajetória UFPR. Norma da Luz Ferrarini; Dirlene Ruppel (Orgs.)

Indivíduo inquietante: sob o signo de Lope de Aguirre, O. Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

Infância, escola e modernidade. Paulo Ghiraldelelli Jr. (Org.)

Instrumentos e indicadores para avaliar a creche: um percurso de análise da qualidade. Laura Cipollone (Org.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950). Névio de Campos

Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964). Carlos Eduardo Vieira (Org.)

Intelectuais, modernidade e



Ilustração botânica: princípios e métodos
Diana Carneiro



Ensaio sobre as abelhas da região neotropical: homenagem aos 80 anos de Danúncia Urban
Antonio J. C. Aguiar, Rodrigo B. Gonçalves, Kelli S. Ramos (Orgs.)

formação de professores no Paraná: 1910-1980. Carlos Eduardo Vieira; Dulce Regina Baggio Osinski; Marcus Levy Bencostta (Orgs.)

Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná. 2ª ed. Maria Helena Oliva Augusto

Intriga e amor: uma tragédia burguesa em cinco atos. Friedrich Schiller. Mario Luiz Frungillo (Trad.)

Introdução à filosofia da ciência. 3ª ed. rev. Inês Lacerda Araújo

Introdução à metafísica da natureza, Uma. Representação, realismo e leis científicas. Michel Ghins. Eduardo Barra e Ronei Clécio Mocellin (Trad.)

Introdução ao ajustamento de observações: aplicações geodésicas. 2ª ed. Camil Gemael; Alvaro Muriel Lima Machado; Romualdo Wandresen

Introdução ao manejo e economia de florestas. Roberto Tuyoshi Hosokawa; José Brandão de Moura; Ulisses Silva da Cunha



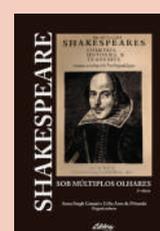
Sete décadas do Curso de Matemática da UFPR
Carlos H. dos Santos, Florinda K. Miyaoka e Manuel J. C. Barreda (Organizadores)

Ciências Exatas



Setor de Educação e Curso de Pedagogia na UFPR (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos
Carlos E. Vieira, Nadia G. Gonçalves (Organizadores)

Educação



Shakespeare sob múltiplos olhares. 2ª ed
Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Organizadoras)

Literatura

Investigações fenomenológicas: em direção a uma fenomenologia da vida. Renaud Barbaras

Itinerário de uma crise: a modernidade. 2ª ed. João-Francisco Duarte Jr.

Itinerários. Livro vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR. Thássio Ferreira

Jaguareté: o encontro – um RPG ambientado no universo indígena brasileiro do século XVI. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

João da Silva Feijó: um homem de ciência no Antigo Regime português. Magnus R. de Mello Pereira; Rosângela M. F. dos Santos

Jörn Rüsen e o ensino da história. 2ª ed. Jörn Rüsen

Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais! Marcelo Lima

Jovens de Curitiba, Os. Esperanças e desencantos. 2ª ed. Ana Luisa Fayet Sallas *et al.*

Jovens sem-terra: identidades em movimento. Maria Teresa Castelo Branco

Jovens, consumo e convergência midiática. Regiane Ribeiro (Org.)

Kit composições originais para a Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Paraná. Harry Crowl

Lar em terra estranha, Um. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960. Ana Paula Vosne Martins

Legado democrático e apoio à democracia na América Latina: evidências e mecanismos explicativos. Gabriel Ávila Casalecchi

Leituras contemporâneas da modernidade. Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha. Maria T. Silva Bega

Liberdade subjetiva e Estado na



filosofia política de Hegel. Cesar Augusto Ramos

Linguagem e discurso. Eugenio Coseriu; Óscar Loureda Lamas. Cecília Ines Erthal (Trad.)

Linguística chomskyana e ideologia social. Augusto Ponzio. Carlos Alberto Faraco (Trad.)

Literaturas em trânsito, teorias peregrinas. Isabel Jasinski (Org.)

Lutos coletivos e criação social. Jean-Claude Métraux. Eduardo Nadalin (Trad.)

Manual de identificação de moluscos bivalves da família dos terebrídeos encontrados no litoral brasileiro. Ana Cláudia de Paula Müller; Paulo da Cunha Lana

Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT. Maria Simone Utida dos Santos Amadeu *et al.*

Margem do(s) cânone(s), Æ. Pensamento social e interpretações do Brasil. Alexandre Dantas Trindade; Hilton Costa; Diogo da Silva Roiz (Orgs.)

Margem do(s) cânone(s) II, Æ.

Pensamento social e interpretações do Brasil. Alexandre Dantas Trindade; Hilton Costa; Simone Meucci (Orgs.)

Marinas (2003/04) para piano. Harry Crowl

Marxismo como ciência social. Adriano Codato; Renato Perissinotto

Medida do exagero e o apocalipse cristão, A. Uma breve digressão sobre a gênese do risco na sociedade ocidental. Caetano Fischer Ranzi

Medindo a diversidade biológica. Anne E. Magurran. Dana Moiana Vianna (Trad.)

Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná. Andréa Berriel; Juliana Suzuki (Orgs.)

Memória histórica de Morretes. Antonio V. dos Santos. André L. M. Cavazzani; Sandro A. R. Gomes (Orgs.)

Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos. Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski

Mentes em música. Beatriz Senoi Ilari; Rosane Cardoso de Araújo (Orgs.)

Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado. Marilene Weinhardt

Metodologia de design aplicada ao desenvolvimento de tecnologia assistiva para portadores de paralisia cerebral. Sandra Sueli Vieira Mallin

Migrações na América Latina contemporânea: processos e experiências humanas. Gislene Santos; Nádia P. Floriani (Orgs.)

Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem. Monica Rabello de Castro; Janete Bolite Frant

Modernidade no sótão, A. Educação e arte em Guido Viaro. Dulce Regina Baggio Osinski

Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Jean Foucambert. Lúcia P. Cherem; Suzete Bornatto (Trad.)

Mostra Sylvio Back 8.0: filmes noutra margem. Rosane Kaminski

Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente. Nilson Fernandes Dinis; Liane Maria Bertucci (Orgs.)

Mundo como vontade e representação, O. Tomo II – Complementos – Livros I-II – volume 1. Arthur Schopenhauer. Eduardo Ribeiro da Fonseca (Trad.)

Mundo como vontade e representação, O. Tomo II – Complementos – Livros III-IV – v. 2. Arthur Schopenhauer. Eduardo Ribeiro da Fonseca (Trad.)

Mundo rural e ruralidades. Alfio Brandenburg (Org.)

Museu dos Instrumentos Musicais (MIMU). Juarez Bergmann Filho (Org.)

Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista. Francisco Moraes Paz



Uma estreita passagem: o conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud

Eduardo Ribeiro da Fonseca

Psicologia



A dialética do ideal. Escritos de E. V. Ilienkov

Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)

Filosofia



América Latina: história e literatura

Ana Amélia M. C. de Melo, Maria S. F. Luco e Adelaide G. Pereira (Organizadoras)

Literatura

Nanoelementos da mesoeconomia: uma economia que não está nos manuais. Huáscar Fialho Pessali

Naturalista e outros animais, Um. Histórias de uma vida em campo. George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)

Nilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus. João Paulo Simões Vilas Bôas

Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX. Renata Palandri Sigolo

Nomes populares de insetos e ácaros do Brasil. Zundir José Buzzi

Oásis de sombra e luz em cada escola, Um. As escolinhas de arte e a formação do homem do futuro (1960-1970). Ricardo C. Antonio

Obediência, autoritarismo e foro interior. Marion Brepohl; Roseli Boschilia (Orgs.)

Olhares e questões sobre a saúde, a doença e a morte. José Miguel Rasia; Rubia C. F. Giordani (Orgs.)

Olhares sobre a América: história e filosofia. Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

Ópera do mendigo, A. John Gay. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

O que é educação democrática? Contribuições para uma questão sempre atual. Maurício Mogilka

Outros dos outros, Os. Relações de alteridade na etnologia sulamericana. Edilene Coffaci de Lima; Lorena Córdoba (Orgs.)

Paisagem como cifra de harmonia, A. Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico. Fernando Aliata; Graciela Silvestri. Paulo Chiesa (Trad.)

Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional. Beatriz Helena Furlanetto

Paisagens culturais. Giuliana Andreotti. Ana Paula Bellenzier *et al.* (Trad.). Iria Zanoni Gomes (Rev.)

Paisagens da fenomenologia



LANÇAMENTO

Editora UFPR

TEATRO EM FRANCÊS
quando o meio não é a mensagem

organização:
Walter Lima Torres Neto

@editora.ufpr @editoraufpr

UFPR

PROEC
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

francesa. Rodrigo Vieira Marques; Ronaldo Manzi Filho (Orgs.)

Palcos e jornais: representações do teatro em Curitiba entre 1900 e 1930. Marta Morais da Costa

Para pensar outra agricultura. 2ª ed. Angela Duarte Damasceno Ferreira; Alfio Brandenburg (Orgs.)

Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. Ciméa Barbato Bevilaqua; Felipe Vander Velden (Orgs.)

Parque Estadual Pico do Marumbi. Edson Struminski

Participação e qualidade em Educação da Infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos. Anna Bondioli; Donatella Savio (Orgs.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965), O. Alessandro Batistella

Planejamento, implantação e manejo de trilhas em unidades de conservação. Larry Lechner

Poder e religiosidade: o espaço do

sagrado no século XXI. Euclides Marchi; Marion Brepohl (Orgs.)

Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. 3ª ed. rev. Fernando Fernandez

Poesia e paratexto: a descida de Sant'Anna aos infernos da modernidade. Rodney Caetano

Poetas mulheres que pensaram o século XX. Regina Przybycien; Cleusa Gomes (Orgs.)

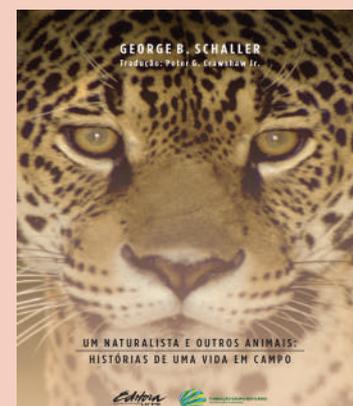
Política externa e relações diplomáticas na Antiguidade Tardia. Bruno Miranda Zétola

Políticas de memória e experiências de (des)exílio. Marion Brepohl; Marcos Gonçalves (Orgs.)

Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais. Marcella Lopes Guimarães (Org.)

Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades. Roseli Boschilia; Maria Luiza Andreatza (Orgs.)

Poucos, muitos, todos: lições de história da democracia. Pietro Costa. Luiz Ernani Fritoli (Trad.)



Um naturalista e outros animais: histórias de uma vida em campo
George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)

Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem. Marcelo Dascal. Rodrigo B. de Faveri (Trad.)

Práticas do filme etnográfico. Paulo Guérios

Processos de criação de unidades de conservação na floresta com araucárias: o caso do Parque Nacional dos Campos Gerais, ímpar na história da política ambiental brasileira. Emerson A. de Oliveira

Professora Julia Wanderley: uma mulher-mito (1874-1918). Silvete Aparecida Crippa de Araujo

Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba. Alessandro Filla Rosaneli; Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)

Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações. Maria Helena Fávero

Psiquismo e vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. Eduardo Ribeiro da Fonseca

Reflexões UFPR 100 anos (1912-2012). Renato Lopes Leite; Ricardo Costa de Oliveira (Orgs.)



Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR

Leonir Lorenzetti, Joanez A. Aires, Tania T. B. Zimer e Luiz E. da Silva (Orgs.)

Educação



Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula

Bruna P. Ruano; Joviana M. P. Santos; Lygia M. L. Saltini (Orgs.)

Educação



Direito, mercantilização e justiça

Eneida Desiree Salgado e Emerson Gabardo (Organizadores)

Direito

Relato da jornada de Pedro de Orsúa a Omágua e a El Dorado: crônica de Lope de Aguirre. Hernán Neira. Nilcea Siqueira Pedra (Trad.)

Reprodução assistida *post mortem*: aspectos jurídicos de filiação e sucessório. Juliane Fernandes Queiroz

Reverso da cura, O. Erro e efeitos adversos do trabalho médico. Maria Marce Moliani

Revisões em Zoologia: Mata Atlântica. Emygdio Leite de Araujo Monteiro-Filho; Carlos Eduardo Conte (Orgs.)

Roberto Gomes. Antônio Manoel dos Santos Silva (Org.)

Saberes da manutenção: uma visão sistêmica. Enon Laércio Nunes

Saberes, paisagens e territórios rurais da América Latina. Nicolas Floriani; Narciso Barrera-Bassols (Orgs.)

SaberSobreViver: A (o)missão da filologia. Ottmar Ette. Paulo Soethe; Rosani Umbach (Trad.)

Salomão e as mulheres (edição fac-similar). Jorge de Lima

Saudade do matão: relembrando a história da conservação da natureza no Brasil. Teresa Urban

Saúde e Sistema Único de Saúde: estudos socioanalíticos. José Miguel Rasia; Claire Terezinha Lazzaretti (Orgs.)

Sentido da nova lógica, O. 2ª ed. W. O. Quine

Sentidos e sensibilidades: sua educação na história. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (Org.)

Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções. Marion Brepohl; André Mendes Capraro; Renata Senna Garraffoni (Orgs.)

Sérgio Rubens Sossélla. Denise Guimarães (Org.)

Sericicultura. Lucimara Canalli Condessa

Sete décadas do Curso de Matemática da UFPR. Carlos Henrique dos Santos; Florinda Katsume Miyaoka; Manuel Jesus Cruz Barreda (Orgs.)

LANÇAMENTO Editora UFPR

TIESTES
Lúcio Aneu Sêneca

Tradução, notas e estudos por José Eduardo S. Lohner

@editora.ufpr @editoraufpr

UFPR PROEC Pró-reitoria de Extensão e Cultura

Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos. Carlos Eduardo Vieira; Nadia Gaiofatto Gonçalves (Orgs.)

Shakespeare sob múltiplos olhares. 2ª ed. Anna Stegh Camati; Célia Arns de Miranda (Orgs.)

Síndrome do X Frágil: pessoas, contextos & percursos. Vítor Franco (Orgs.)

Sociedade e poder na baixa Idade Média portuguesa: dos Azevedo aos Vilhena – as famílias da nobreza medieval portuguesa. Fátima Regina Fernandes

(Socio)Ecologismo dos povos do Sul: clamores por justiça. José Edmilson de Souza-Lima; Sandra Mara Maciel-Lima (Orgs.)

Som do filme, O. Uma introdução. 2ª ed. Rodrigo Carreiro (Org.)

Sonoridades brasileiras: métodos para flauta doce soprano. Renate Weiland; Ângela Sasse; Anete Weichselbaum

Suíte antiga brasileira. Harry Crowl

Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem. Walter Lima Torres (Org.)

Teatro reunido. Lúcio Cardoso

Técnicas de estudo do sistema nervoso central. Murilo S. Meneses

Teoria crítica do juízo de imputabilidade criminal: a partir da história do encontro entre o saber jurídico e o saber psiquiátrico. Joe Tennyson Velo

Teoria da comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa; Rafael Costa Machado; Daniele Siqueira

Teoria da história: uma teoria da história como ciência. Jörn Rüsen. Estevão C. de Rezende Martins (Trad.)

Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade. Marlene Tamanini; Roseli Boschilia; Sônia Fátima Schwendler (Orgs.)

Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica. Roberto Esposito, Angela Couto Machado Fonseca *et al.* (Trad.)

Territórios de tradições e de festas. Maria Geralda de Almeida (Org.)

Testemunho da poesia, O. Seis conferências sobre as aflições de nosso século. Czeslaw Milosz. Marcelo Paiva de Souza (Trad.)

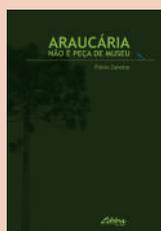
LANÇAMENTO Editora UFPR

SONORIDADES BRASILEIRAS
método para flauta doce soprano

Renate Weiland
Ângela Sasse
Anete Weichselbaum

@editora.ufpr @editoraufpr

UFPR PROEC Pró-reitoria de Extensão e Cultura



Araucária não é peça de museu
Flávio Zanette

Ciências Agrárias



Atlas anatômico e histológico do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*).

Gisela Westphal, Antonio Ostrensky, Diogo Hungria, Karin Yamashiro, Livia Graf e Walter Boeger

Ciências Biológicas



Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências

Luciana Panke

Comunicação

Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores. Alessandro Filla Rosaneli; Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)

Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos, documentos, manuscritos. Martin Huber; Manfred Mittermayer; Peter Karlhuber (Eds.). Ruth Bohunovsky; Daniel Martineschen (Trad.)

Tiestes. Lúcio Aneu Sêneca. José Eduardo S. Lohner (Trad., notas, estudos)

Tópicos de filosofia francesa contemporânea. Leandro Neves Cardim (Org.)

Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. John Terborgh *et al.* (Orgs.)

Trabalho e capital em trânsito: a indústria automobilística no Brasil. Silvia Maria de Araújo (Org.)

Trama na história, Uma. A criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial. Juarez José Tuchinski dos Anjos

Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt. Alessandro Jocelito Beccari

Travesseiro de pedra: entretecendo discursos sobre as escutas de doentes. Vânia Regina Mercer

Travessia: uma história de amor. Anna Seghers. Daniel Martineschen (Trad.)

Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar. Maria Rosa Chaves Künzle

Tríplice fronteira, A. Espaços nacionais e dinâmicas locais. Lorenzo Macagno; Silvia Montenegro; Verónica Giménez Béliveau (Orgs.)

UFPR Centenário. Márcia Dalledone Siqueira

Universidade Federal do Paraná: 100 anos. Márcia Dalledone Siqueira

Verdade, amor, razão, merecimento: coisas do mundo e de quem nele anda. Anamaria Filizola

LANÇAMENTO

Filosofias da alteridade no século das Luzes
Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau
Org. Ulysses Pinheiro

@editora.ufpr f @editoraufpr

UFPR PROEC

et al. (Orgs.)

Villa-Lobos, um compêndio: novos desafios interpretativos. Paulo T. Salles; Norton Dudeque (Orgs.)

Xadrez e educação: contribuições da ciência para o uso do jogo como instrumento pedagógico. Wilson da Silva (Org.)

Xadrez para todos: a ginástica da mente. Wilson da Silva

Zubblemend to Alle... Manha. Barão de Itararé. Carlos Eduardo Schmidt Capela; Ana Carina Baron Engeroff (Orgs.)

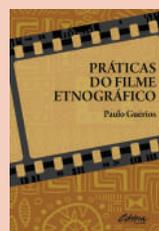
LANÇAMENTO

REABILITAÇÃO NAS ATAXIAS
ORIENTAÇÃO MULTIPROFISSIONAL AOS PACIENTES, CUIDADORES E PROFISSIONAIS

Lúcia Helena Coutinho dos Santos
Hélio Afonso Ghizoni Teive
Marise Bueno Zonta



O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)
Alessandro Batistella



Práticas do filme etnográfico
Paulo Guérios

TERRITÓRIOS DE TRADIÇÕES E DE FESTAS
Maria Geralda de Almeida

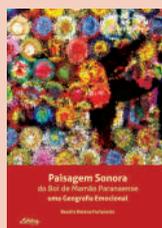
Textos, pesquisas e trabalhos advindos do I Simpósio Internacional e II Nacional sobre Espacialidades e Territorialidades das Festas Populares: Manifestação do Catolicismo, reúne um conjunto temático que ultrapassa o vislumbre geográfico.

Territórios de tradições e de festas
Maria Geralda de Almeida (Organizadora)



Obediência, autoritarismo e foro interior
Marion Brepohl e Roseli Boschilia (Organizadores)

Sociologia



Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional
Beatriz Helena Furlanetto

Artes



Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba.
Alessandro F. Rosaneli e Paulo M. M. Barnabé (Orgs.)

Arquitetura & Design

resenha

Do texto ao frame

Uma raridade, não apenas no âmbito da investigação acadêmica. — por **Marcos H. Camargo***

ESTE LIVRO É mais um dos excelentes resultados da nova fase inaugurada pela Editora UFPR, que tem ampliado seus esforços de modo a divulgar a pesquisa docente, com publicações que vêm preenchendo antigos vazios que deixaram invisíveis as investigações de muitos cientistas e pensadores paranaenses.

Uma raridade, não apenas no âmbito da investigação acadêmica, mas especialmente por suprir parte importante da historiografia cultural do Paraná, este livro da dra. Rosane Kaminski, pesquisadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), lança luz sobre a cena cultural da Curitiba dos anos 1960, a partir do olhar privilegiado do cineasta Sylvio Back.

Sua ampla pesquisa em documentos de época, como as matérias de jornal escritas pelo próprio Sylvio Back, além de outros colonistas de arte em revistas e livros daquela década, está complementada pelas entrevistas realizadas com o cineasta sobre todos os temas que envolveram a atuação do profissional de letras, que de modo semelhante a Glauber Rocha, evoluiu do texto para o frame.

“
A pesquisa comunicada por este livro oferece à história paranaense um viés narrativo que ainda não havia sido devidamente registrado.

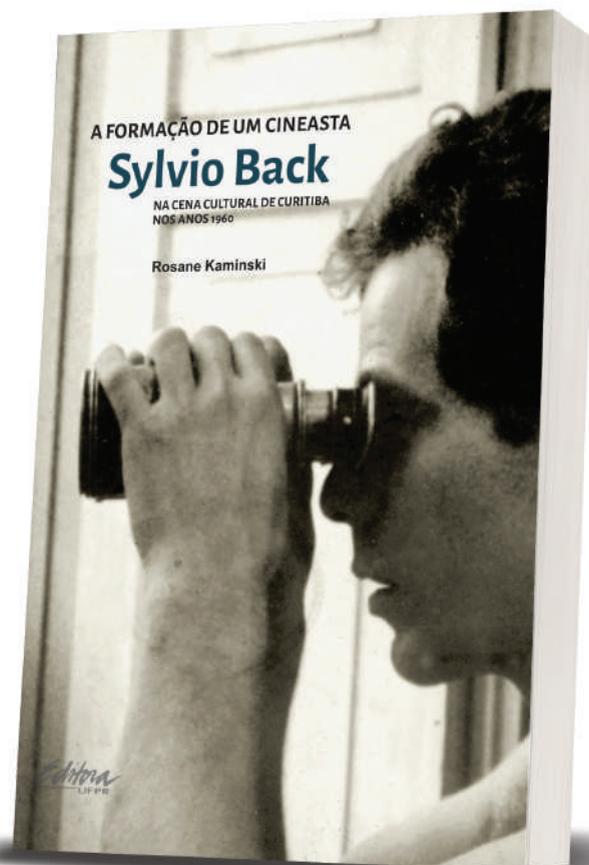
Nos sete capítulos do livro, dra. Kaminski distribui a investigação de acordo com a progressão profissional de Sylvio Back, envolvendo o jornalismo cultural, as críticas cinematográficas, as opções filosóficas pelo existencialismo sartreano, o cineclubismo curitibano, os embates com os cinemanovistas, as primeiras produções cinematográficas, os problemas com a censura, a produção do filme longa-metragem *Lance maior* (1968), o retrato de uma Curitiba melancólica, o mal-estar burguês com cenas de favelas dos documentários e as incongruências de um desenvolvimentismo desumano, que marcou o período histórico.

As moradas, um documentário curta-metragem sobre as favelas curitibanas, realizado em 1964, tornou-se a estreia de Sylvio Back na direção cinematográfica. O filme denuncia a invisibilidade das moradias precárias de parte da população da capital paranaense, em contraste com o discurso triunfalista do desenvolvimentismo oficial. Aqui ocorre a virada artística do jovem Back, que deixa em parte o jornalismo, para se dedicar às aventuras do cinema brasileiro, com todos os seus novos problemas e dilemas, em meio à ascensão do Cinema Novo nacional.

Quatro anos depois, em 1968, estreia o primeiro longa-metragem de Sylvio Back, *Lance maior*, estrelado pela atriz Regina Duarte. O filme entra em exibição em Curitiba, São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro, alcançando um considerável volume de matérias jornalísticas, levando seu diretor à projeção nacional. Durante o ano de 1969, *Lance maior* manteve espaço

favorável nas páginas de críticos cinematográficos enquanto batia recordes de bilheteria em algumas cidades. Desse período em diante, Sylvio Back se torna nacionalmente reconhecido por sua obra cinematográfica e referência paranaense de um cinema nacional, com sotaque sulista – *Aleluia, Gretchen!*

A pesquisa da doutora Kaminski, comunicada por este livro, oferece à história paranaense um viés narrativo que ainda não havia sido devidamente registrado, sobre fatos e acontecimentos culturais que delimitaram nossos anos 1960.



A formação de um cineasta: Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960.

Rosane Kaminski

* **Marcos Henrique Camargo** é doutor em Artes Visuais e pós-doutor pela Escola de Comunicação da UFRJ. Professor do curso de Cinema e Vídeo (Unespar) e do Mestrado Profissional em Artes (Unespar).



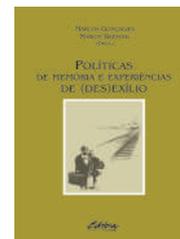
Filosofias da alteridade no século das Luzes
Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau
Ulysses Pinheiro (Org.)

Filosofia



Ensaio sobre os limites de uma teoria semiológica da comunicação
Silnei Scharthen Soares

Comunicação



Políticas de memória e experiências de (des)exílio
Marcos Gonçalves
Marion Brepohl
(Organizadores)

Política

resenha

A artesanaria teatral

Desnaturalizar as hegemonias e cânones eurocêntricos do teatro. — por **Rafael Lorrán** *

TEATRO EM FRANCÊS: *quando o meio não é a mensagem* é uma rede tecida de diálogos possíveis, um bordado cuja artesanaria articula discursos/práticas do campo teatral como mecanismos para “a invenção de linguagens que falam no interior de línguas padrões”, lembrando a afirmação da artista Erin Manning. Nesse caso, a língua padrão seria a língua francesa para o teatro. Foram reunidos textos como criação de espaços de encontros e fricções, costura que se arremata no ato pela contaminação dos pontos, atenta aos nós.

Não são novos, e jamais desgastados – porque ainda urgentes – os debates que buscam tensionar ou desnaturalizar as hegemonias e cânones eurocêntricos de ordem estética/teórico/crítica acerca do fazer teatral, e cuja legitimação, registro e difusão têm na tradição francesa aparato considerável. Séculos do fazer/pensar teatro a partir de paradigmas que determina(ram) formas, corpos, linguagens e discursos, elegendo, validando e excluindo da historicidade do Teatro *os teatros* possíveis que se afastassem (em territórios geográficos, políticos e semânticos) das cartilhas classicistas – sempre classistas – fazendo repercutir o eco colonizador pelo qual registramos ou ocultamos a história das teatralidades. *Ainda é 2019*, e debruçar-se sobre uma obra intitulada *Teatro em Francês: quando o meio não é a mensagem* levantará tais questões.

O livro organizado pelo Prof. Dr. Walter Lima Torres, com colaboração de artistas, docentes, pesquisadores(as) de importante e expressiva contribuição no campo de estudos e práticas teatrais, busca considerar tais inquietações à medida que faz emergir as singularidades com as quais os(as) respectivos(as) autores(as) em seus específicos recortes temáticos voltam-se para a expres-

são do exercício/língua francesa em teatro, desde a crítica (atenta ao tempo) de suas ressonâncias históricas às criações contemporâneas. A própria divisão do trabalho em três seções intituladas: (I) Alteridade Teatral, (II) Dramaturgia e Performatividade e (III) Processos de Criação é um convite ao diálogo e às articulações entre a língua francesa (dentro e fora da França) e as práticas teatrais realizadas (ou reflexos) na contemporaneidade, lugares de criação *do comum*, mesmo não sendo o Brasil um país francófono, exatamente por isso.

“

É uma preciosa contribuição aos estudos teatrais na contemporaneidade porque desafia, nas linhas e nas entrelinhas, nosso compromisso teórico e reflexivo [...]

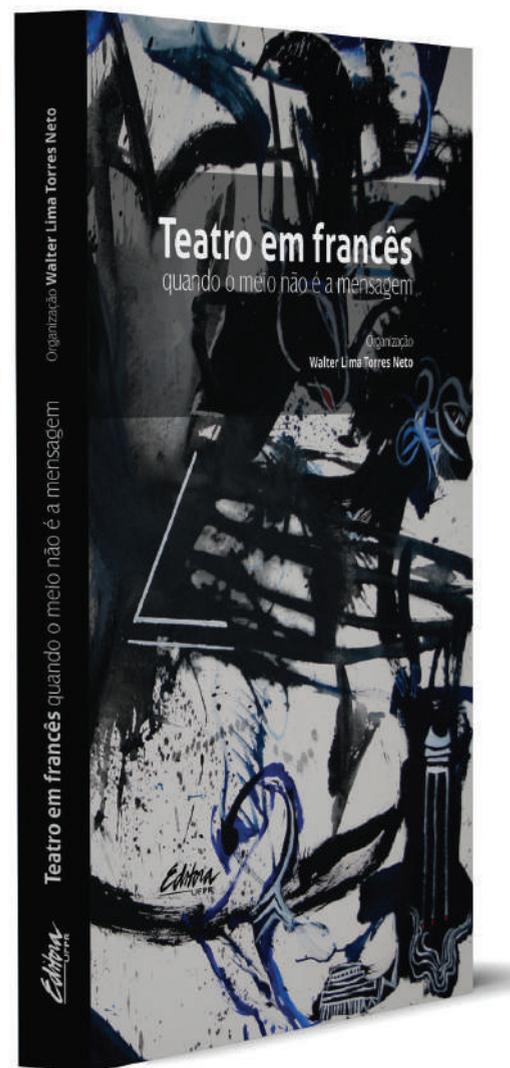
Noções-conceito como intertextualidade, autenticidade, identidades, performatividade, América do Sul, corpo diaspórico, tradução, política, são colocadas em debate, questões tão urgentes e imprescindíveis de revisão em nosso tempo, abordadas a partir da produção de encenadores(as), dramaturgos(as), pesquisadores(as) reunidos por suas interfaces entre línguas e linguagens, e suas práticas/estudos teatrais, sempre maiores que uma linguagem, mais voláteis que uma língua.

Das turnês francesas em solo brasileiro, do fazer dialogar Ionesco com Nelson Rodrigues, Gatti com Boal, ao incrível trabalho do contemporâneo congolês Sony Labou Tansi a confrontar a condição da África colonizada em sua dramaturgia ne-

cessária, diria que *Teatro em Francês: quando o meio não é a mensagem* faz-nos olhar com atenção e crítica para uma tentativa de (re)conhecimento das construções de nossos afetos e identificações estéticas, portanto políticas e éticas em constante e necessária revisão. É uma preciosa contribuição aos estudos teatrais na contemporaneidade porque desafia, nas linhas e nas entrelinhas, nosso compromisso teórico e reflexivo, prático e sensível, com os modos e meios pelos quais desconfiaremos da História.

**Teatro em francês:
quando o meio
não é a mensagem**

Organização de
Walter Lima Torres Neto



* **Rafael Lorrán** é diretor de Artes Cênicas da UFPR. Mestre em Artes Cênicas pela UFU/MG, doutorando em Teatro pela UDESC/SC.



Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês

Viviane Maria Alessi
Marynelma Camargo Garanhani

Educação



A gestão das paixões políticas

Pierre Ansart
Tradução de Jacy Seixas

Política



Hamlet no Brasil

Anna Stegh Camati
Célia Arns de Miranda
(Organizadoras)

Teatro

resenha

A poética senequiana

Ampliar o alcance de Sêneca para o leitor brasileiro. — por **Sergio Maciel***

APESAR DE TER se constituído como o tragediógrafo clássico mais influente desde o medievo até o Renascimento, servindo de modelo e base para as escritas de autores como Shakespeare e Corneille, por exemplo, Sêneca, pelo menos desde o século XIX, parece vir sendo empurrado para um lugar de apagamento em relação aos poetas trágicos gregos, para fora dos holofotes dos leitores do teatro clássico. A busca pela *originalidade*, tão cara ao período romântico, de algum modo, direcionou os olhares quase que exclusivamente para a Grécia de Péricles, isto é, para uma suposta “origem” dos mitos e, com isso, legou-nos uma série de leituras que parecem contribuir muito pouco, para não dizer o mínimo, com o entendimento dos textos senequianos. Desse tipo de abordagem deriva um modo de leitura que julga as tragédias de Sêneca como textos quase burocráticos, no limite do mero exercício retórico, quando não apenas diluições da tradição grega.

No Brasil, tanto no meio acadêmico quanto no âmbito do mercado editorial, quase nada se sabe sobre esses textos, situação que parece torná-los uma espécie de obra *underground* dentro da poética clássica, apesar dos esforços de tradutores como Zélia de Almeida Cardoso e José Eduardo Lohner, que vêm há algum tempo traduzindo essas peças e buscando inseri-las no cotidiano de leitura da comunidade em geral.

Por isso, dado o desconhecimento a respeito da persona de Sêneca em nosso meio, vale a pena apresentá-lo, ainda que brevemente. Lúcio Aneu Sêneca (c. 4 a.C. – 65 d.C.) – ou Sêneca, o Jovem – nasceu em Córdoba, na antiga colônia romana chamada Hispânia e foi um tragediógrafo, orador e filósofo estoico romano que viveu sob os impérios de Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero – tendo este último o condenado ao suicídio, sob a acusação de conjuração contra o imperador na conspiração de Pisão. Deixou uma vasta obra filosófica, pela qual é amplamente reconhecido, que consiste em escritos morais e políticos. O trato sobre questões como o posicionamento correto do homem na sociedade, as inter-relações da vida social e a organização das sociedades políticas,

além, claro, da busca pela virtude e da relação entre direito positivo e lei natural são as bases da filosofia senequiana. Ou seja, temas abordados desde sempre pela escola estoica e que o inserem num *continuum* de séculos de estoicismo. É nessa obra filosófica que se consolida a doutrina estoica praticada por Sêneca e é nela também que são postas à prova as relações estreitas em reflexão moral e política – um exemplo desse pensamento político embasado nas reflexões morais estoicas está presente na obra *De Clementia*, endereçada ao jovem imperador Nero, ainda no início de seu governo.

Na maior parte de seus diálogos como *De Brevitate Vitae*, *De Providentia*, *De Tranquillitate Animi* e outros, assim como em suas *Epistulae Morales ad Lucilium*, há uma preocupação quase pedagógica do autor com a formação moral dos espíritos, com a transmissão do estatuto do sábio, capaz de se estabelecer para além das organizações políticas, mesmo em meio à tirania, com o aconselhamento moral, próprio do preceptor, àqueles que buscam alcançar a virtude e a vida tranquila – algo dessa forma pedagógica irá transparecer também em seu teatro.

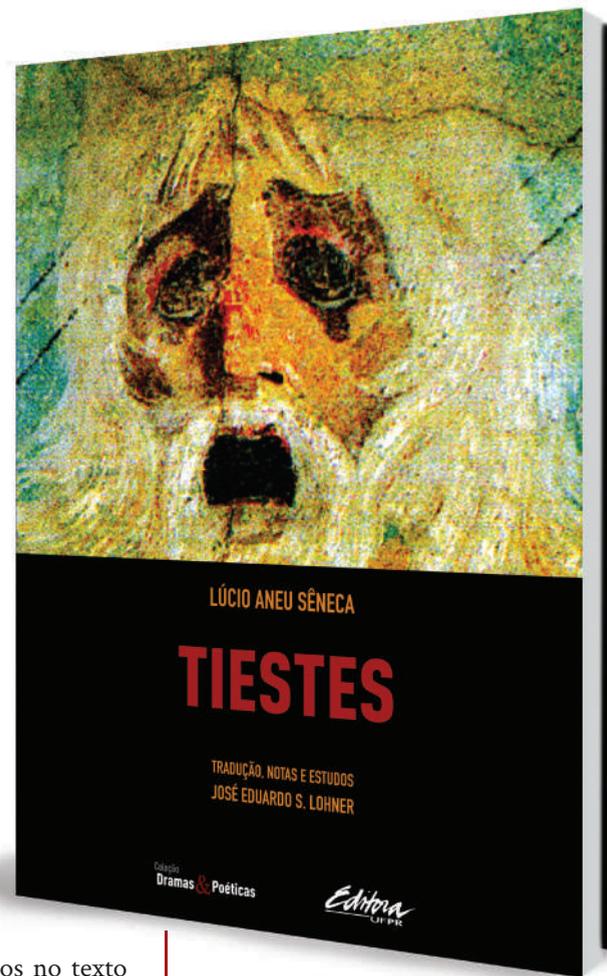
De sua obra dramaturgica, isto é, das dez tragédias que hoje lhe são atribuídas – as oito do cânone: *Oedipus* (Édipo), *Phoenissae* (Fenícias), *Agamemnon* (Agamêmnon), *Hercules Furens* (Hércules Furioso), *Medea* (Medeia), *Phaedra* (Fedra), *Troades* (Troianas) e *Thyestes* (Tiestes); além das outras duas, descritas nos manuscritos da tradução A, que incluem *Hercules Oetaeus* (Hércules no Eta) e *Octavia* (Otávia) e são considerados textos espúrios –, *Tiestes* certamente ocupa uma posição central por se tratar do único texto que nos chegou integralmente da Antiguidade a retratar o conflito entre os irmãos Pelópidas.

Apesar da importância da obra, a tradução de Lohner, no entanto, é a primeira versão integral de que dispomos em português. Em metro variado, a fim de recuperar a dimensão polimétrica do original latino, como parece ser o *modus operandi* do trabalho de Lohner, a contar pelo seu bem acabado *Agamemnon*, publicado em 2009 pela Editora Glo-

bo, a presente edição de *Tiestes* também conta com um aparato crítico minucioso e extremamente importante para aqueles que queiram se aprofundar mais no contexto mítico da peça, assim como no *corpus* dramático de Sêneca. Nos quatro estudos ao final do livro, o tradutor dedica longas páginas à explicação dos metros utilizados no texto trágico, à transmissão das tragédias através dos manuscritos mais famosos e à compreensão das estruturas dos textos do autor romano. Segundo o tradutor, esse trabalho

“insere-se nesse movimento de revalorização da poesia dramática senequiana, e tem o intuito não só de estimular a produção de novos estudos e traduções desses textos, mas principalmente de ampliar sua divulgação para o público lusófono em geral interessado no drama antigo.

Desse modo, a importância do trabalho cuidadoso do professor da USP é particularmente valiosa por estabelecer as bases da recepção dessa obra em nossa língua e, mais uma vez, por ampliar o alcance de



Tiestes

Lúcio Aneu Sêneca

Tradução:
José Eduardo S. Lohner

Sêneca para o leitor brasileiro. Isto é, parece-me ser das escolhas mais acertadas da Editora UFPR para inaugurar a nova coleção *Dramas & Poéticas*, pois sua tradução está sempre atenta aos mais diversos desafios do texto latino, como a polimetria, a erudição mitológica e o refinamento estilístico, buscando a cada verso soluções análogas que mantenham a vivacidade e a potência do discurso senequiano.

José Eduardo Lohner remonta em seu texto em português e nas notas que o acompanham os possíveis percursos que Sêneca tinha em mente ao escrever a peça. No entanto, parece-me que peca, de modo não muito grave, evidentemente, ao se furtar a comentar a tradução de certas palavras-chave do vocabulário romano e senequiano, alguns termos como *fas*, *nefas*, *pietas*, termos tão alicerçados no âmago da cultura romana que merecem, sempre, uma atenção especial. A parte disso, a resolução da sintaxe da peça é funcional, demonstrando, por vezes, o virtuosismo que ambos, escritor e tradutor, podem possuir.

* **Sergio Maciel** (1992) é poeta, tradutor e editor da revista *escamandro*. É graduando em Letras Clássicas pela UFPR. Publicou recentemente seu primeiro livro de poemas, *ratzara* (Dybbuk, 2017).

resenha

Todo sonho é real

Livro fala sobre o Brasil “do futuro” que os brasileiros pretendem ser. — por **Eduardo A. A. Almeida** *

EIS QUE UM DIA o velho Benedito desperta de sonhos intranquilos sem estar transformado em nada: continua o mesmo velho pacato do dia anterior. Cada vez mais gagá, segundo a esposa, e só. Mas o sonho foi especial, como não acontecia há tempos, disso não restam dúvidas: alguém morreria naquela noite, na festa do padroeiro São Joaquim. O velho voltaria a sonhar seus “sonhos de dom”.

“Ele nunca errou unzinho que fosse”, afirmam os vizinhos. Suas antigas previsões ajudaram muita gente naquele povoado do “bom sertão”, gente que poderia ser qualquer um e, de fato, é. Zé do Gás, pelo jeito, escapou de uma explosão. Não sei quem escapou do agiota. Só que desta vez não haveria escapatória: a morte era certa. Apenas a identidade do morto causava dúvidas, pois no sonho o velho não pôde ver direito de quem se tratava.

É assim que Filipe Souza Leão estabelece o conflito do seu livro de estreia. A cidade inteira logo fica sabendo do ocorrido, levado de um canto a outro na garupa da moto do fofoqueiro Isaías, onde também anda amarrado um porco barrão, encomenda da festa que todos aguardam com a ansiedade febril de quem não conhece melhor oportunidade de divertimento. Haveria barracas de jogos e de comidas, três quadrilhas juninas, a banda de Severino da Zabumba e até um grupo de pífano vindo de Caruaru. A previsão da morte chegou bem a tempo de se somar às expectativas.

Os nomes das personagens chamam atenção. Benedito, “bem dito” ou “bem falado”, é quem recebe a visão; Isaías, como o profeta, é quem a espalha aos quatro ventos. O padre Eugênio, que se recusa a cancelar os festejos porque com eles deseja superar a popularidade de seu antecessor, tem muito de eu e pouco de gênio,

embora não pareça notar isso. Não deixará sua trama se abalar por um suposto presságio. Aliás, não bastasse o finado padre Guido ter confirmado os sonhos de Benedito como dom divino, desde a chegada de seu substituto, o velho deixara de fazer previsões. Uma coincidência infeliz, como inúmeras outras que afligem a comunidade.

“**Fala de um país que não se considera gagá, mas visionário, tal como o seu Benedito, ainda que muitas vezes se “esqueça de limpar o próprio rabo” [...].**

Apesar do diz-que-me-diz, o livro é curto, como se a porção maior da história fosse contada pelos não ditos, pelos silêncios, pelos olhares desconfiados dos personagens. O autor cita como referência o romance *Bonsai*, do chileno Alejandro Zambra, podado ao ponto de apresentar nada mais que o fundamental. Ainda assim, vemos acontecer diversas quase mortes: briga de peixeira, pau de sebo, busca-pé, desmaio de susto ou curtido no álcool. Só não houve a apresentação dos bacamarteiros, cujo cancelamento

foi anunciado de improviso no calor da hora, com o objetivo de evitar perigos maiores.

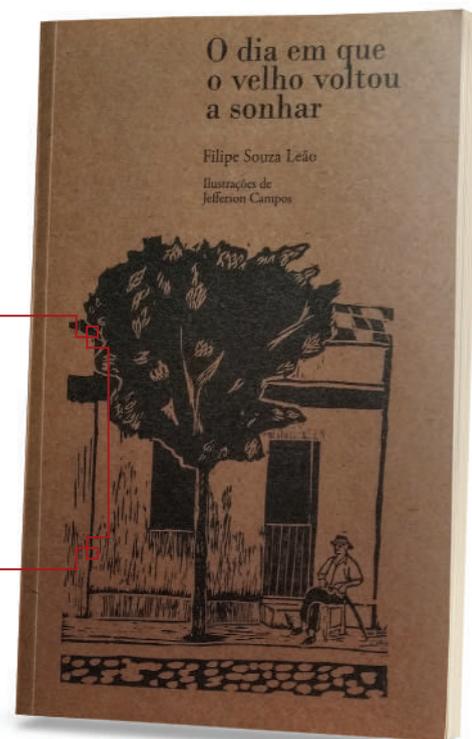
“A reclamação foi grande, porque Bacamarte era e talvez ainda seja um dos poucos talentos daquele fim de mundo”. É com essa ironia, humor sem decoro e sotaque marcado que Filipe conta um caso digno de cordel, como tantos outros que ouvia, ainda criança, em sua terrinha natal. As gírias também oferecem uma musicalidade típica e, junto da paisagem, nos põem a imaginar uma cidadezinha de ricas fabulações perdida na aridez do sertão.

A alegoria prossegue. Os contrastes entre aquela realidade e qualquer outra do Brasil atual, também. Existe, em ambos os aspectos, uma tensão feito fumaça no ar, um gosto pela tragédia, uma tendência a resolver divergências no grito ou, pior, a criar uma condição caótica em que elas jamais se resolvem.

O livro se divide em quatro capítulos: manhã, tarde, noite e manhã de novo, ilustrados por xilogravuras de Jefferson Campos, as quais oferecem mais uma camada de visualidade ao texto. Eles são percorridos por uma espécie de desejo velado de que a morte anunciada de fato se realize, e que seja a morte de outro, claro.

Quando a fogueira se amansa e o sol desperta de ressaca, o povo arma uma revolta. Uma romaria leva meia cidade à casa do velho Benedito, onde se pretende tirar satisfação pela promessa não cumprida. A morte antecipada se revela, quem diria, sonho coletivo. E o fim, por ironia, é quase onírico, não fosse a dura realidade a se impor.

Filipe conta a historietta de um lugar distante no espaço e no tempo, como se lêsemos sobre as nossas próprias raízes. Acontece que esse passado persiste, resiste e reincide. De alguma maneira, apesar dos personagens, cenários e acontecimentos provincianos, o livro fala sobre o Brasil “do futuro” que os brasileiros pretendem ser. Fala de um país que não se considera gagá, mas visionário, tal como o seu Benedito, ainda que muitas vezes se “esqueça de limpar o próprio rabo” após exercer as atividades cotidianas.

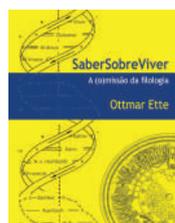


O dia em que o velho voltou a sonhar

Filipe Souza Leão

Editora:
Lamparina Luminosa

* **Eduardo A. A. Almeida** é doutor em Estética e História da Arte. Autor dos livros *Por que a lua brilha* (Cultura e Barbárie, 2017) e *Testemunho ocular* (Lamparina Luminosa, 2018). Site: www.artefazparte.com



**SaberSobreViver:
a (o)missão da filologia**
Ottmar Ette. Paulo Soethe e
Rosani Umbach (Trad.)

Literatura



**Teatro em francês
quando o meio não é a
mensagem**
Walter Lima Torres Neto
(Organizador)

Teatro



**Sonoridades brasileiras:
método para flauta doce
soprano**
Renate Weiland, Ângela
Sasse e Anete Weichselbaum

Artes

O renascimento do Concurso Literário

Na Semana de Letras da UFPR, Concurso Literário Luci Collin premia ganhadores com publicação na revista *Tinteiro*. – por **Thainá Kramer**, ilustrações de **Cristhyne Figuerôa**

A COMISSÃO ORGANIZADORA da XXI Semana de Letras da UFPR trouxe novamente à vida o seu concurso literário, este ano com o gênero “contos”. As inscrições, abertas a todos os graduandos e pós-graduandos da UFPR, foram realizadas em abril e resultaram em 80 participantes. A comissão de jurados dessa competição, que homenageou a professora Luci Collin, foi formada por dez mestrandos e doutorandos em Letras da UFPR. Os três melhores contos foram divulgados durante o encerramento da XXI Semana de Letras, que ocorreu em maio. Os critérios de avaliação para a escolha dos vencedores foram a criatividade, a originalidade, a unidade de efeito e a conformidade aos requisitos formais.

O primeiro colocado recebeu uma bolsa integral para o Curso de Escrita Criativa oferecido pela Escola de Escrita, enquanto o segundo foi contemplado com um vale-presente oferecido pelo espaço Brooklyn Bridge Coworking, incluindo uma tatuagem no valor de R\$ 450,00. Além desses prêmios, os três contos são publicados neste número da Revista *Tinteiro*.

O autor vencedor do primeiro lugar foi Alexander Brasil, estudante de Letras da UFPR, que atua em projetos de incentivo à leitura e pesquisa literatura brasileira e gênero. Além disso, foi coordenador do grupo de homens transexuais do Transgrupo Marcela Prado, e integra o Fórum Paranaense de Travestis e

Transexuais. Em 2014, recebeu o Prêmio Visibilidade, por sua luta pelos direitos humanos.

A segunda colocada, Mariana Cristina Marino, é doutoranda em Estudos Literários na UFPR, pesquisa ecocrítica e explora temáticas ligadas à natureza na literatura de mulheres brasileiras e portuguesas, além de fazer parte do grupo interuniversitário de estudos ecocríticos.

A terceira colocada foi Isadora Bortoluzzi Massa, natural de Irati, que concluiu graduação e mestrado em Letras pela UFPR. Anteriormente, ganhou o segundo lugar no Concurso Literário de Contos Paulo Leminski, da Biblioteca Pública de Toledo.

Os contos ganhadores, *Iceberg*, de Alexandre Brasil, *O mar, o mar...*, de Mariana Marino, e *Sete noites*, de Isadora Bortoluzzi Massa, podem ser conferidos nas páginas seguintes.

Boa leitura!

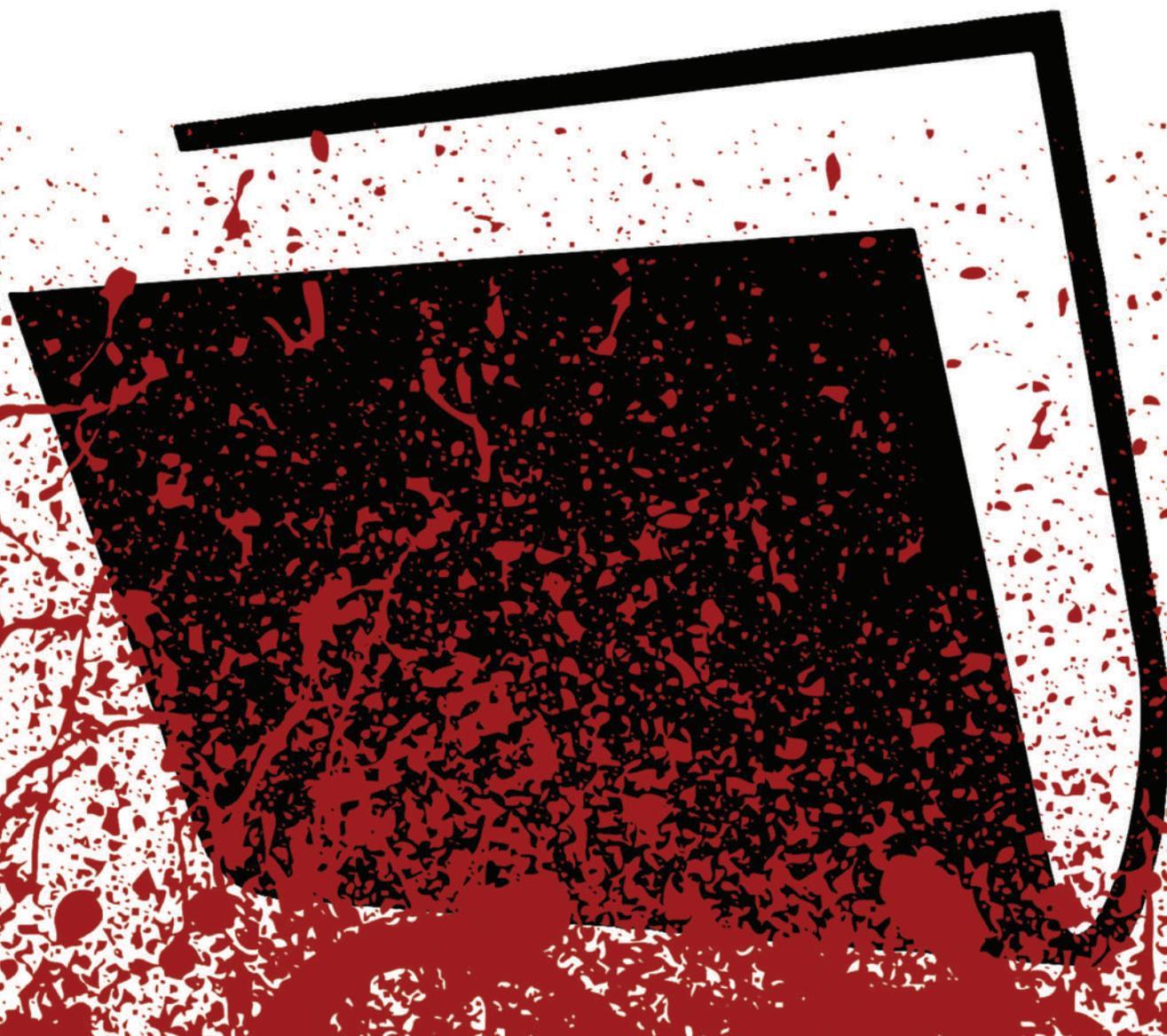
“

Os três vencedores do concurso foram contemplados com a publicação que você confere aqui na *Tinteiro*.

1^o
Lugar

Iceberg

Alexander Brasil



I. primórdios

Dois homens, sentados à mesa do bar, primeira vez face a face. Antes, conversavam sempre às escondidas, anos, submundo: internet. Em que bar estão?, em que país?, qual língua falam?, não importa. Dois homens, é o que são: o primeiro, gordo e calvo, casa dos trinta, esconde a carcaça por baixo de vestes largas, camisa polo de marca, presente do pai; o segundo, novo e esquelético, topete dos galãs de cinema, bigodinho ralo cultivado por meses a fio, camiseta básica e all star. Não fossem homens, seriam pó, sujeira, névoa; mas são homens, ainda que bestas, os dentes amarelos, as gargalhadas alcoólicas que diferenciam o humano do animal. Tomam a segunda cerveja; criam coragem: estão ali por razão maior. O gordo olha ao redor, como se procurasse rostos entre a penumbra e a luz; o magro parece incomodado: uma gota de suor perpassa a testa. O gordo estende sobre a mesa: um mapa. O magro estende sobre a mesa: uma caneta. O gordo estende sobre a mesa: uma arma. O magro estende sobre a mesa: uma arma. Agora, em silêncio, olhos acesos, dois homens, unidos por um fio invisível: segredo: virgindade. Em que bar estão?, em que país?, qual língua falam?, não importa. Dois homens, é o que são: fecham os olhos e apertam o gatilho.

II. transmissão ao vivo: dogolachan, deep web

fala, fala, meus confrades! saca só: a gente entrou na escola pelo portão da frente, como sempre, mas hoje, hoje foi diferente: nós não entramos de cabeça baixa, não, não, nada disso, foi de cabeça erguida, queixo pra frente, peito reto, feito homens parrudos, salientes, loquazes, sanctus que somos, lembram? ah, é: parabéns, rapaziada! hoje, hoje é o nosso dia, parabéns, homens! porra, 1.000 views em coisa de cinco minutos. saca só: eu tô aqui só pra mostrar procês, procês sentirem a força da pegada, talkei? ó: vou colocar o cel no bolso aqui, rapidão, mas o microfone é sinistro: dá pra ouvir tudo, tudinho, pode crer. agora, agora sim que eu vou matar o primeiro neguin que aparecer na minha frente. critério?, que porra de critério? vamo matar a pretaiada, as fanchona, as feminazi, os cheira-pinto, os come-cu, os cabeça-chata, tudin-tudin. ah, é: eu sou o vingador, perdão, anjo atirador, perdão, issãe, anjo atirador. saca só: a essa hora, com essa coisa de whatsapp pra cá, whatsapp pra lá, o brasilzão já deve tá sabendo, se só aqui já tem 5.000 views agora, agorinha. ah, é: a gente nasceu falho mas vai partir como herói. falando nisso, o nosso herói nº 01 tá constando aqui, mandou um salve pros cavalheiros, tamo cheio de marra porque hoje é o nosso dia, tão ouvindo? conseguem ouvir o hino? all the other kids with the pumped up kicks, you'd better run, better run, out run my gun, all the other kids with the pumped up kicks, you'd better run, better run, faster than my bullet. simbora jorge, bora jorgiar, bora ser hardcore, salve salve glória glória. é, é tiro sim, senhores, é tiro, grande dia, grande dia,

Transmissão cancelada. O usuário foi desconectado.

\$4NCT0 diz: Grande dia, mas dois heróis a menos. †
DPR (adm) diz: enviem para a Lola...

III. receita para um atentado

um carro
um caderno
uma machadinha
um revólver calibre nº 38
um arco e flecha
um coquetel molotov
duas máscaras que mascaram
um vazio
imenso
Ø

IV. bibliografia básica para um massacre

ALITA, Nessahan. *Como Lidar com Mulheres*. [S. l.: s. n.], 2005.
_____. *Reflexões Masculinas*. [S. l.: s. n.], 2008.
CARVALHO, Olavo de. *O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

V. memorial

Jorge Antônio de Moraes (51) †
Marilena Ferreira Vieira Umezo (59) †
Eliana Regina de Oliveira Xavier (38) †
Caio Oliveira (15) †
Claiton Antônio Ribeiro (17) †
Douglas Murilo Celestino (16) †
Kaio Lucas da Costa Limeira (15) †
Samuel Melquíades Silva de Oliveira (16) †
Luiz Henrique de Castro (25) †
Guilherme Tauci Monteiro (17) †

VI. just a boy from suzano city

era só um menino um rapaz veja bem 17 anos ninguém nunca pensou ninguém nunca imaginou tão bom tão querido tudo bem era sim meio esquisito meio rockeirinho mas era craque em física e química e nunca fez mal nem pra uma mosca tinha duas irmãs cuidava delas feito princesinhas morava com a avó os pais eram dependentes químicos mas ele não tinha nunca teve problema com drogas ok ok ok ele tinha um pôster daquele filme cult no quarto bem grande bem colorido como é mesmo o nome elefante isso mesmo e adorava aquele documentário com um sujeito ou sujeita não sei se é homem ou mulher ou o diabo aquele

“

Os três vencedores
do concurso foram
contemplados com a
publicação que você
confere aqui na *Tinteiro*.

aquela lá com olho de cor diferente isso mesmo marilyn manson & sei lá ele também gostava de columbine mas a gente achava que era só uma fase era só um estilo outra coisa a avó faleceu recentemente ela era tudo para ele & se ele era o quê? incel? sei não hã virgem? também não sei mas o presidente? que que tem o presidente? ah sim sim jair bolsonaro the walking dead counter-strike armas todas ele era apaixonado mas mesmo assim não tem como prever uma atrocidade uma coisa dessas esse absurdo todo entende o quê? realengo? ah sim sim realengo mascu? que que é isso? dark web deep web iceberg não entendo nada disso não senhor nunca ouvi falar é pois é agora é suzano mas veja bem era um menino muito sofrido entende &

VII. premonição

Eu sabia. Sabia, sabia sim. Sempre soube. Desde que a menina entrou na faculdade, pensei cá com meus botões: vai dar merda. Quer dizer: primeiro, fiquei feliz. Coração de mãe é bobo, amolece fácil. Endurece fácil, também. Feito caramelo. Depois da alegriazinha, o desespero: a filha, menininha, tão jovem, entrando na cova dos leões. Depois do desespero, a iluminação: calma, calma, é universidade pública, uma das melhores. Porra, a menina estudou tanto pra passar. Vale a pena, filhinha?, eu perguntava. Ela respondia sorrindo, balançava a cabeça: sim. E eu, eu acreditava. Justo eu, mãe solteira, que nunca tive sonho: sonhei o sonho dela. Filho é assim: extensão do sonho da gente, que a gente nem sabia que tinha. Voltando: aí, depois que a gente colocou faixa na frente de casa, parabenizando a menina, 1º lugar no curso que tanto queria, logo veio vizinho pra estorvar. Primeiro, parabenizaram, etc. e tal, federal é bom demais, blá-blá-blá, e logo veio: mas pra quê que serve esse curso que tua filha escolheu? Ora essa: eu que vou saber? Sei não. Só sei que a bichinha tava com felicidade que não cabia no peito. O povo

“

Dia desses, teve atentado em escola, mataram adolescente, mataram diretora, o escambau, e depois se mataram, vejam só.

acha que só presta pra ser gente advogado e doutor e engenheiro. Como bem disse um poeta que ela gosta, só que de um jeito mais bonito: a mão que faz carinho na gente é a mesma que joga pedra. Poesia tem dessas verdades. Voltando: aí, depois do parabéns, eles disseram: só não esquece que lá é antro de puta, de veado, de maconheiro, de comunista e de tudo o que tem de pior; toma cuidado, logo ela aparece barriguda, etc. e tal. E eu só dava um sorriso amarelo, não sabia se agradecia ou se botava pra correr os sujeitos. Mas logo a menina aparecia, mochila nas costas, os olhinhos brilhando. Esqueci de dizer: ela trabalhava feito doida o dia todo, desde os 14, pra ajudar em casa: ia pra aula à noite. Aí: a gente se via nas frestas do dia a dia, entre o sono e a vigília. E eu, eu faço meus bicos aqui e ali, costura, limpeza, salgados, faço de tudo um pouco: aprendi a me virar desde que enfiaram uma boneca no meu colo. Boneca é só jeito de dizer: na minha época, era saco de batata, pedaço de pano, qualquer coisa. Imaginação é tudo. E esperança. Meus maiores alimentos da infância. Vai ver é por isso que a menina é teimosa: quer ser professora. Também: nasceu final de março. Pensa num bicho ruim. Voltando: eu sabia que ia dar merda. E deu. Deu esses dias. Era tragédia certa. Anunciada na TV e tudo. Dizia: ameaça de atentado à universidade X. Pronto: tava feita a bosta. A bichinha não ia morrer nem de maconha, nem em clínica de aborto, nem por ficar com as tetas de fora ou queimando sutiã, nem por comer veneno de rato em restaurante universitário, nem por AIDS, nada disso: ia morrer voando pelos ares, os sonhos todos explodindo, migalhas. Ou, pior ainda: toda esburacada, estilhaçada, frágil que era, porque humana. Pior ainda: pobre e preta. E sapatona, vejam só: descobri esses dias. Vou jogar pra fora de casa? Não. Quer dizer: primeiro, primeiro o susto. Depois, depois o medo. Depois, depois a gente pensa direito, põe a cabeça no lugar. Minha filha, minha única filha: fiquei foi feliz. Tava amando e sendo amada. Vou dizer, vou fazer o quê? Voltando: aí, teve a notícia da TV: ameaça de atentado. E eu, que nunca tive nem vou ter essa porcaria de WhatsApp, me obriguei a ir na casa do vizinho pra falar com ela, correndo, esbaforida. E nada aconteceu, graças a Deus, mas do jeito que as coisas estão, nunca se sabe. Dia desses, teve atentado em escola, mataram adolescente, mataram diretora, o escambau, e depois se mataram, vejam só. Pra quê tudo isso? Não sei, não sei. Não sei nem se quero saber. A menina me disse, lágrimas nos olhos, que a diretora que morreu postou dias antes no diacho do Facebook que a melhor arma é o livro, e vejam só o final dela. Acaso? Destino? Não sei. Não sei nem se quero saber. É, pois é. E minha filha tá aí, acreditando que é só o livro que salva mesmo. E eu, aqui, com medo, cada vez mais, de que ela esteja errada. Quer dizer: primeiro, primeiro a gente tem medo. Depois, depois vem a esperança, quando a menina chega em casa, toda olheira e suor, abraça a gente e diz: falta pouco, mãe, logo mais tô formada, e eu abraço de novo e digo: vale a pena?, e a bichinha abre aquele sorriso, balança a cabeça e diz: vale. E aí, entre o sono e a vigília, a gente sabe que pra cada pedra que jogam tem o tal do afago, tem o tal do beijo, tem o tal do amor.

* * *



Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades
Katya Braghini, Kazumi Munakata e Marcus A. T. de Oliveira
(Organizadores)

Educação



Educação do campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais
Maria Antônia de Souza e Geyso Dongley Germinari
(Organizadores)

Educação



40 anos - Design Cerâmico: Universidade Federal do Paraná: 1975-2015
Dulce Maria Paiva Fernandes

Design



2^o
Lugar



Mariana Marino

O mar, o mar

FINALIZAVA O ARREIMATE do debrum da saia rodada como se fosse dom inato. Dedal no indicador, pinceladas de agulha no tecido cáqui. Cor mais apagada essa, tal qual a filha do meio. Moça nova não devia ter dessas cores na pele não, um branco-arroxeadado de quartzo. Era quartzo, não é? Tinha uma pedrinha dessas trazidas de presente por sei lá quem em cima da mesa, ao lado do telefone, e olha só, era igualzinha à cor da filha. Expirou com força para espantar uma mosquinha de banheiro, insistente em roçar-lhe o nariz, enquanto ela, tão pacientemente, ainda se ocupava em dedilhar as linhas dos carretéis. Na margem dos olhos, uma névoa distante. Estava ela mastigando a infância, na terra do além-mar, engasgada pela cantoria frenética dos irmãos – todos sabiam dançar, e cantar, e tocar, e bailar e viver a vida simples do destino.

E rodava a saia bordada à mão pela mãezinha, e rodava e rodava e rodava naquela cantoria desafinada dos irmãos adolescentes, cada um com um timbre não enraizado. Esvaeceu-se. Tateou a bancada em vão, puxou com força a toalhinha de apoio do telefone, tão cálida. No chão, cantando o fado da meninice, voltou à décima primeira primavera.

* * *

À noite, o mais mau horário. As cortinas apagadas derretiam-se em formas abstratas. Lá ela ia, encurralada, perder-se no caminho entre o quarto e o banheiro do apartamento nanico. Uma, duas, trinta e três vezes. Diga trinta e três... quando deu por si, tentava urinar no tanque da área de serviço. Espantou-se com tal evento, num lapso de consciência em plena meia-luz da madrugada. Estava a ficar gagá, disse baixinho. Notara, já de volta ao quarto, na contraluz do abajurzinho sexagenário, as mãozinhas enrugadas.

— Amor, quantas vezes eu tenho que te dizer pra não adoçar o meu café? O médico disse que eu não posso mais.

Aquele sotaque forte português entranhado de quês brasileiros.

Nem ela podia. Os encargos laboriosos da existência lhe custavam todos esses embaraços. Mas ela se fiava em Nossa Senhora de Fátima, pendurada no cordão de ouro. E em Jesus, aquele que lhe emprestara o segundo nome. Haveria de se compadecer de seu próprio infortúnio.

* * *

Embebedo as raízes de minha cova sem ainda estar morta. Desculpe, Senhor, por minhas palavras, mas sabes do que falo, sem rodeios e meias palavras dos muito educados, dos polidos, sabes pois acompanhas a névoa que está a rondar meus amparos a cada cair da luz, vês o corpo que se endireita a partir das mãos a fisgar os nadas, sei que é forçoso inundar os mares de mim para manter-me de pele rígida, já não posso mais ensaiar as mãos juntas em oração, pois estão a me fisgar os ecos perdidos de uma menina alastrada da terra, das cocheiras torpes de promessas de voos rasos, das centenas de luzes que a meninice desperta em verbos ridículos e essenciais, nas sensações tão diversas coaguladas na testa, os sons sublimes dos instrumentos desafinados das irmãs, das fardas puídas dos vizinhos, a rasgarem-se em meio a tantos braços de partida-chegada. O som ancestral que circula meus tímpanos, ah, quantos fiapos presos na saia do tempo, a desfazer-se, secretamente, a cada encruzilhada, a cada vivida dos dias. Perdão, oh, Senhor, por confessar sem consentimento as asperezas de um foi-não-foi, foi menos do que me destinei, mais do que merecia? Estou rodeada dos demônios de

minha pequenez, as contas do terço me confundem com uma diferença ambígua, ambígua ambígua ambígua ambígua parece que quando a gente repete muitas vezes a mesma palavra vai-se embora dela o sentido, fica só a palavra, e aí ela já não serve nem pra dar sabor ao pão sovado sovado sovado sovado vida vida vida vida vida –

* * *

— Meu pai morreu e ninguém me contou!

Aos quase prantos da mamã, a filha primogênita se embasbacou.

— Como assim, mãe? Seu pai morreu faz muito tempo. Um pouco depois da sua mãe.

— A minha mãe morreu? Como vocês têm coragem de me contar uma coisa dessas aqui, dentro do carro?

A neta desbotou. Era difícil resgatar essas infantilidades quando já havia atingido o ponto cróceo da puberdade. Desdenhava da figura da avó, já tão franzina, era só o que faltava, agora, perder a cabeça. Como é difícil aceitar as loucuras do outro. Talvez tenha ficado mais fácil depois do raio-X.

* * *

Tem um pássaro ali em cima do do do... da capa do muro, está todo espetado, agora está esticando o bumbum com uma força que só vendo. Sabe, aquele dia eu subi em cima daquele prédio, lá bem alto. Eu estou aqui agora sentada, estou a olhar aquilo, tudo tão organizadinho, as argolas estão no lugar certo, acho que agora vai dar pra eu voltar praí, como que está todo mundo aí? você está feliz? as argolas estão grudadas no verde, nas coisas verdes, eu não me lembro agora como se chama, grudando no muro abaixo, parece que não vejo mais aquela meninada, eu estava aqui a contar as rodas que estavam aqui em cima da parede. tu tens saúde, minha filha? como que está a família por aí, quantos irmãos mesmo tu tens? manda um beijo pra sua mãe, como é o nome dela mesmo?

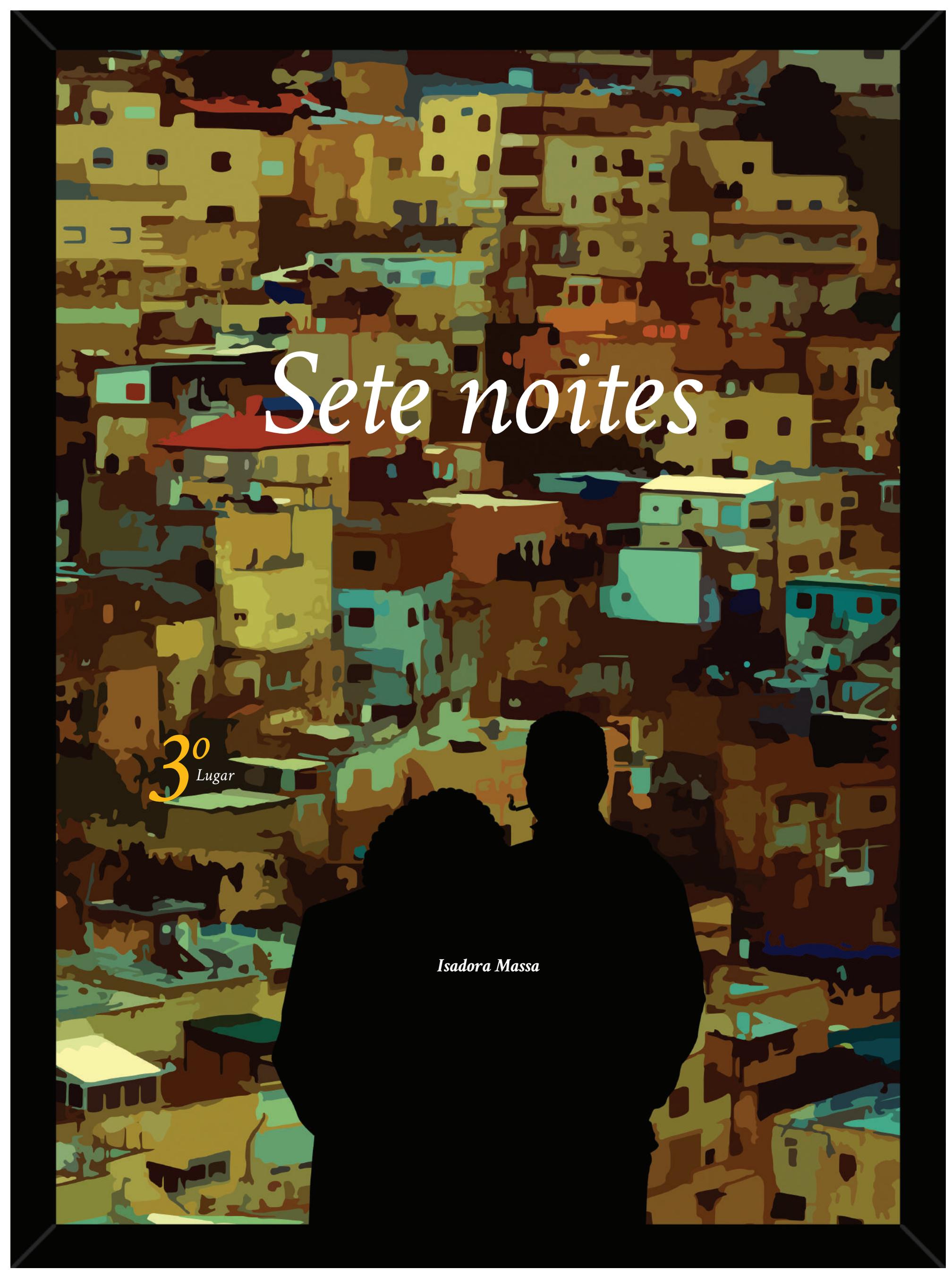
* * *

Se reconhece vez ou outra em terceira pessoa. Uma estranha a invadir os vidros nas paredes e os álbuns de fotografia. Aí você se pergunta: e o que fica? O que resta de uma vida? À primeira vista, só um corpo lasso. Finalmente, delata a linhagem. É risonha. Ri-se, e ri-se e ri-se como uma criança que aprende a dar nó nos cadarços. É inconveniente. Como o caçula que descreve detalhadamente a cena erótica da novela. Dona Iris se desmonta, é atriz, diz ter subido na árvore, diz ter escalado montanha, diz ter crochettato a tapeçaria da Havan, diz ter casado sóbria, diz ter colocado santantônio de cabeça pra baixo, diz ter cavalgado nos campos elísios. E canta um sotaque embargado de alguém que vive há muito longe da terrinha

*e o céu o mar prolongava,
na amurada dum veleiro,
no peito dum marinheiro
que, estando triste, cantava*

Ri-se.

— Silêncio, que se vai cantar o fado!



Sete noites

3^o
Lugar

Isadora Massa

1.

Na primeira noite de volta, eles entram no quarto bêbados de cerveja e riso, contentamento meio doido escapando em gargalhadas como o ar de um balão furado. Ele cheira a bebida, colônia e cigarro; a fumaça é diferente, mas ali lhe parece algo próprio de um homem, cobrindo e dominando ela.

Ela chuta os chinelos pra longe, a fome de tocar uma agonia guardada por anos, e abre os braços pra receber o marido — e não entende por que ele fica parado do seu lado da cama, o sorriso meio torto no rosto.

Ele se deita devagarinho, pra cama não ranger, e fica no seu canto, um espaço entre os corpos.

“Eu quero dormir”, ele sussurra. “Eu tô cansado.”

Quando ela entende que ele não vai chegar perto, procura a sua mão; no escuro, sente ele ficar tenso, os dedos dele apertando sua pele.

Ela cai no sono antes que ele relaxe.

Quando ela acorda, o outro lado da cama está frio. Demora um tempo pra ela lembrar que não era pra estar.

2.

Ela não lembra como que dormia quando dormia com ele, mas, oito anos depois, cada barulhinho é uma faca cortando o seu sono no meio. A respiração dele é rápida demais pra ele estar dormindo; ela perde a noção do tempo, contando cada vez que ele puxa o ar pra dentro.

Uma hora, ele levanta, e não volta.

Quando ela vai procurar, ele está do outro lado da porta de casa, sentado na escada; um cigarro nos dedos, e ela não sabe muito bem o que pensar disso. Ele nunca tinha sido de fumar, mas disse que, na cadeia, acabou precisando.

Ele sopra a fumaça pra longe. “Desculpa, te acordei?”

“Não”, ela mente. “...Tudo bem?”

“...Só vim pegar um ar. Tá muito quente.”

“..Não demora muito pra voltar.”

A voz dele, cortando: “Me deixa em paz.”

Ela se assusta com o tom rude — mas se assusta mais ainda quando percebe que ele também está assustado; que ele está olhando pra ela com olhos muito abertos, olhos cheios de medo.

Ela dorme antes que ele volte. Quando acorda, sente o lençol frio de novo.

“

Suas costas estão recortadas
contra a janela; a luz desenha
em volta dele, e, se não fosse por
isso, talvez ela nem percebesse o
leve tremor dos seus ombros.

3.

As molas da cama rangem; os gemidos enchem o quarto e os ouvidos dela, puxam ela dos sonhos e de volta pra fraca luz laranja invadindo pela janela.

É ele que geme, barulhos que seriam palavras se a boca não estivesse dormindo; ele vira de um lado pro outro que nem um peixe em terra, gotas de suor gelado descendo pelo corpo.

Ela não sabe quantas vezes o chama antes que ele acorde, mas sabe que o seu coração quase para quando os olhos dele olham nos olhos dela — e ele pula na cama, rola pra trás e cai no chão com um estrondo.

Naquele momento, só fica o silêncio; as almas deles se olhando, paradas no tempo esperando alguma coisa acontecer.

A velha da casa de baixo bate com a vassoura no teto.

Ele não diz nada; agarra o maço de cigarros que largou do lado da cama, joga um moletom por cima dos ombros e sai. Ela ouve ele bater a porta e parar na escada — o barulho de um chute e o miado dolorido de um gato descendo por suas veias e girando dentro do seu estômago.

4.

(No sonho, ela espera na beira da praia, a água nos pés, o mar único dono do horizonte.

Ela continua de pé enquanto o céu grita e pisca em azul; ela continua de pé ouvindo os tiros, os estouros, sentindo a terra tremer e o chão desabar sob os seus pés.

Ela continua de pé mesmo quando a água se torna vermelha.)

5.

“A gente precisa fazer alguma coisa.”

Ele está acordado, ela sabe. Mesmo assim, ele demora pra responder.

“...Sobre o quê?”

Ela não olha pra ele; não sabe se ele está olhando pra ela. “Quando foi a última vez que você dormiu a noite inteira?”

Silêncio. Ela pensa que ele deve estar fazendo as contas, mas, se esse for o caso, ele desiste rápido; suspira, fundo, e se vira pra janela.

“..Não lembro.”

Ela suspira também. Em sua cabeça, começa a listar todas as curas pra insônia que ela conhece, tudo o que ela pode procurar: chá de valeriana, de maracujá, leite quente antes de dormir —

“Na delegacia eu não conseguia dormir com aquele monte de homem em volta de mim, e na prisão eu não conseguia dormir porque eu pensava em você.”

Ela olha.

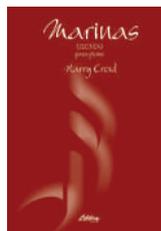
Suas costas estão recortadas contra a janela; a luz desenha em volta dele, e, se não fosse por isso, talvez ela nem percebesse o leve tremor dos seus ombros.

“No começo, eu pensava antes de dormir que mais um dia tinha passado”, ele continua, “que eu tava mais um dia perto de você. Mas as coisas iam acontecendo e parecia que eu ficava — ficava *mais longe* de você. Porque cada dia que passava eu ficava mais — mais —”.



Froissart e o tempo.
Michel Zink.
Tradutoras: Carmem Lúcia
Druciak e Marcella Lopes
Guimarães

Literatura



Marinas (2003/04) para piano
Harry Crowl

Artes



Niilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus
João Paulo Simões
Vilas Bôas

Filosofia

Ele levanta; anda de um lado para o outro no espaço entre a janela e a cama, roda no lugar com os lábios torcidos.

Agora ele tinha falado mais do que todas as palavras da semana passada juntas, e ela se sente na beira de uma cachoeira, a um passo de cair e mergulhar na água. “Mais o quê?”

“Mais *quebrado*.”

Ele se senta, corre as mãos pelo cabelo. No coração dela, uma dor aguda, um desespero correndo nas veias que ela nunca conheceu antes.

“Às vezes eu acho que eu não voltei de verdade”, ele sussurra, e ela joga seus braços em volta dele.

Ele fica tenso, mas aceita seu abraço e seus beijos; beija de volta quando ela toca os seus lábios, pela primeira vez desde o momento em que se encontraram do lado de fora da prisão. Ele a envolve e se deixa envolver, toca e se deixa tocar; e, mais tarde, quando o alto do prazer passa, ele coloca um braço ao redor da sua cintura e fica no escuro com ela, os olhos abertos contra os fantasmas.

6.

Não é uma surpresa eles acordarem com o barulho; não tem uma alma na favela que não trema quando as sirenes ecoam.

Ela pula da cama, corre para a janela, já fazendo cálculos na cabeça — o que dizer, onde se esconder, que documentos vai precisar se resolverem

“

Os seus olhos estão grudados no chão; suas mãos, cheirando a cigarro e colônia, fechadas em punhos. Ele morde os lábios, engole as lágrimas que descem junto.

levar ele pra delegacia de novo —, o coração batendo rápido e forte, e provavelmente é por isso que ela se assusta quando o ouve gritar.

Só que não é bem um grito; é muito fraco e dolorido pra ser um grito, e, quando ela olha, ele está encolhido na cama, gemido virando soluço virando ganido. Seus dedos estão enterrados nos cabelos; os olhos, arregalados, brilham brancos no escuro.

Por um momento, ela acha que ele está morrendo.

Ela vai pra ele, pensa no que pode fazer pra ajudar — mas ele se desvencilha de seu toque, corre pro outro lado do quarto. A boca está se mexendo, as palavras mudas, como que rezando bem baixinho.

As sirenes soam mais próximas, e ele rasteja pra baixo da cama.

Maldito seja o dia que ele botou a mão em uma arma, ela pensa, maldito seja o dia que ele resolveu roubar aquela loja. Maldito seja o dia que Deus resolveu colocar os dois naquele lugar, aquele pântano impossível de sair, que cada passo pra fora na verdade só joga eles mais pro fundo.

Ela se encolhe no chão, no canto do quarto, e fica com os ouvidos atentos procurando os tiros. Assim perto, ela percebe que ele não está rezando.

“Por favor não”, ele diz, baixinho. “Por favor não, por favor não, por favor não, por favor não...”

Eles não fecham os olhos até o sol raiar.

7.

“Você quer que eu vá embora?”

Sentada na beira da cama, as luzes apagadas, ela prefere olhar o céu lá fora; em volta dele, a janela parece a moldura de um quadro antigo.

“Ir pra onde?”

“Não sei.” Os olhos dele estão presos no chão.

“...Por que...” Um suspiro, que ela sente vir de cantos em que ela tenta não pensar, daquela ideia escondida bem lá dentro que nasceu quando ela viu ele sendo levado e agora bate como um coração no lugar errado. “...Por que você quer ir?”

“...Eu não quero.”

Ela se vira pra ele.

Os seus olhos estão grudados no chão; suas mãos, cheirando a cigarro e colônia, fechadas em punhos. Ele morde os lábios, engole as lágrimas que descem junto.

“Eu não quero”, ele continua, “mas eu sei que não era isso — não era eu que você tava esperando.” Uma risada doída. “Pelo menos não eu assim.”

“Amor...”

“Você não tem obrigação nenhuma de ficar comigo assim.”

E ela olha.

No mundo em que Deus a colocou, a maior parte das decisões já tinha sido feita por ela — o que comer ou onde morar ou pra onde fugir. Talvez essa decisão seja apenas mais uma entre tantas outras, no fluxo de um rio que nenhum dos dois pode escapar.

Mas, quando ela o puxa de volta pra cama, ela sente como se tivesse escolhido.



Jovens, consumo e convergência midiática

Regiane Ribeiro
(Organizadora)

Comunicação



O desenvolvimento do Eu. Ética, política e justiça em John Stuart Mill

Gustavo Hessmann
Dalaqua

Filosofia



O equinócio dos sabiás. Aventura científica no seu jardim tropical

Marcos Rodrigues

Ecologia



uniFM

A rádio que *94.5* faz a *uniFM* diferença.





Estamos sempre abertos para a inovação.

Editora
UFPR

Abrir um livro pode ser o ponto final de várias histórias. A história do autor. A história do revisor. A história do designer. A história do produtor gráfico. A história do livreiro. E a história da editora. O mais importante é que esse simples gesto de abrir um livro significa começar uma nova história que tende a transformar a visão do leitor sobre si mesmo, o outro e a sociedade. Cada livro lançado representa o vínculo entre os leitores, a arte, a ciência e a cultura, mas isso não seria possível sem o investimento em ideias inovadoras. Só assim a vida da Editora UFPR será sempre de muitos livros abertos.

Inovar, nossa vocação há mais de 30 anos.

